

ALEXANDRE DUMAS,

OS IRMÃOS CORSOS

CAPÍTULO 1

A HOSPITALIDADE CORSA

Córsega é uma região misteriosa, pitoresca e muito surpreendente.

Quando resolvi visitar a ilha, em março de 1841, pensei que teria de enfrentar uma viagem longa e complicada, que me deixaria com os ossos quebrados e a língua de fora. Qual nada! Embarca-se em Toulon e dali a vinte horas descemos em Ajácio, já em solo corso.

Lá chegando, temos que comprar ou alugar um cavalo para nos levar à localidade desejada. Mas não se assuste, leitor: tanto o aluguel como a compra são oferecidos por um preço tão baixo que, mesmo sem muito dinheiro, somos tentados a comprar uma boa meia dúzia de montarias.

É bem verdade que quando adquiri meu animal tive medo de que o coitado não agüentasse andar cem metros. Enganei-me redondamente: ele não apenas suportou com firmeza toda a viagem como

fez coisas que fariam morrer de inveja um cavalo francês.

Fiquei espantadíssimo: o bicho era rápido, ágil e resistente. Saltava obstáculos incríveis, subia e descia elevações com uma facilidade que me dava calafrios na espinha. Sem falar das pinguelas que atravessava com passo firme e displicente. Um verdadeiro animal de combate.

Eu, é claro, fechava os olhos e confiava no seu bom senso, que, em se tratando da Córsega, era muito maior que o meu.

Fazíamos umas quinze léguas por dia sem que o extraordinário cavalo exigisse água ou comidinhas especiais. Quando, de tempos em tempos, eu parava para visitar um velho castelo feudal ou uma antiga torre construída pelos genoveses, o animal mastigava um tufo de erva, lambia uma pedra coberta de musgo e matava a sede em qualquer riacho. Pronto, estava resolvido o assunto.

Hospedar-se na ilha gratuitamente é coisa ainda mais fácil. Basta que o viajante percorra a rua principal de uma povoação e escolha a casa mais bela e confortável de todas. Isso feito, é só bater à porta: um instante depois surge o dono ou dona, convida o viajante a descer, oferece-lhe uma boa

ceia e seu próprio leito, caso tenha apenas um.

No dia seguinte, esse acolhedor hospedeiro nos acompanha até a porta e agradece-nos a preferência com que o honramos. Não é fantástico?

Mas, atenção, caro leitor, para um detalhe importante: nem sonhe em oferecer dinheiro ao dono da casa se não quiser fazer dele um curso ofendido. E um curso ofendido — valha-nos Deus! — é algo que sempre devemos evitar.

No máximo, podemos oferecer à sua filha um retalho de qualquer fazenda fina com o qual fará uma touca para ir à próxima festa da cidade. O dono da casa aceitará de bom grado uma faca ou punhal com que certamente matará seu inimigo, caso o encontre.

Outro hábito comum na Córsega é serem os parentes pobres do proprietário muitas vezes empregados deste último, em troca de casa, comida e um pequeno salário. Embora tal coisa possa parecer estranha a um francês, os corsos acham semelhante barganha perfeitamente natural.

Apesar da tradição de violência da ilha, jamais ouvi falar de roubos e ladrões em toda minha permanência na Córsega. O mesmo, entretanto, não se pode dizer sobre os bandidos. Não se devem

confundir, contudo, os primeiros com os segundos. Os corsos fazem muita questão de diferenciarem os ladrões — a quem desprezam — dos bandidos, a quem muitas vezes admiram e de quem são freqüentemente amigos.

O leitor pode ir a Ajácio ou a Bastia com uma bolsa recheada de ouro pendurada na sela e não correrá o menor perigo. Atravessará a ilha de ponta a ponta sem que nenhum corso o moleste. No entanto, pobre dele se quiser se deslocar de Occana a Levaco tendo um inimigo que lhe declarou a temível *vendetta*! Não dou um tostão furado por sua vida ao fazer esse curto trajeto de duas léguas.

A *vendetta* é um dos costumes mais arraigados na Córsega, como se fizesse parte do solo, das árvores e do próprio ar da ilha. A palavra quer dizer "vingança" e significa a eterna luta de uma família que se julga ofendida contra outra que supostamente a ofendeu. Essa luta, que passa de pais para filhos através das gerações, vai semeando assassinatos até não mais restar um só membro de uma das duas famílias para contar a história.

Chegando à Córsega e logo depois de visitar Corte e Ajácio, resolvi partir para Sartene. Embora toda a ilha seja habitada por gente corajosa e

brigona, a província de Sartene é a terra clássica da *vendetta*, o que estimulava extraordinariamente minha curiosidade. Posso mesmo dizer que foram as fantásticas histórias ouvidas sobre aquela província que me decidiram a visitar a Córsega.

Tomando um guia para não me perder pelas montanhas e matagais que atravessam a região, cheguei pelas cinco horas de uma tarde calma e ensolarada ao alto da colina de onde se viam as cidades de Olmeto e Sullacaro.

Levei menos de um minuto para me decidir por Sullacaro e suas graciosas ruas quase desertas. Descemos até o povoado, encontrando apenas, de quando em quando, uma ou outra mulher que caminhava apressadamente, sem olhar para os lados.

O guia virou-se para mim com ar interrogativo.

— Onde deseja o senhor passar a noite? — perguntou afinal.

Observei atentamente o povoado, olhando as casas que minha vista podia alcançar. Finalmente, decidi-me por uma habitação quadrada e sólida, construída à maneira de uma fortaleza, com ameias diante das janelas e por cima das portas.

Era a primeira vez que eu via essas fortificações

domésticas e olhei a casa cheio de curiosidade. Pareceu-me também a mais confortável de todas as que vi, e tratei de perguntar ao guia a quem pertencia tal morada.

— Muito bem escolhido, senhor! — aprovou ele. — Esta casa pertence à Sra. Savília de Franchi, uma excelente dama e uma verdadeira corsa. Será muitíssimo bem recebido e não se arrependerá.

— Mas escute — perguntei já preocupado —, não há nenhuma inconveniência em que eu vá pedir hospedagem a uma senhora?

O corso pareceu não entender.

— Inconveniência? — perguntou admirado.

— Por que motivo?

— Ora! — respondi. — Se a Sra. de Franchi é uma mulher ainda moça, hospedar um homem, ainda que por pouco tempo, poderá comprometê-la, não acha?

— Comprometê-la? — tornou a perguntar o guia, sem entender o sentido da frase que eu italianizara à minha vontade, como bom francês. O italiano falado por mim estava longe de ser perfeito, mas a incompreensão de meu interlocutor começava a impacientar-me.

— Que diabo, amigo! — exclamei, sem poder

conter-me. — Essa senhora não é viúva?

— É, senhor.

— E mesmo assim receberá em sua casa um homem ainda moço?

Como eu contava apenas trinta e seis anos e meio, acreditava merecer ainda esse título.

O guia olhou-me espantado, sem compreender patavina.

— Mas que diferença fará para a Sra. de Franchi que o senhor seja velho ou moço?

Perdi as esperanças de chegar a uma conclusão se continuasse a interrogá-lo desse modo e resolvi mudar de assunto.

— Que idade tem ela?

Meu companheiro cocou a cabeça.

— Mais ou menos uns quarenta anos — respondeu, depois de um momento.

— Ah! — exclamei, sem saber exatamente por quê. — E tem filhos?

— Sim, senhor. Dois excelentes rapazes.

— Ambos moram com a mãe?

— Apenas um. O outro vive em Paris.

— Que idade têm eles?

— Vinte e um.

— Os dois?

- Sim, senhor. São gêmeos.
- Estudam?
- O que está em Paris será advogado.
- E o outro?
- O outro será corso – respondeu o guia, com um sorriso feliz que ia de orelha a orelha.

Achei a resposta – dada no tom mais natural e onde não havia a mínima sombra de brincadeira – bem característica da região. Pouco a pouco começava a entender o orgulho que os habitantes da ilha têm de sua terra.

– Muito bem – disse eu. – Vamos então à casa da Sra. Savília de Franchi.

Dez minutos depois, cansados e cobertos de poeira, entrávamos no povoado.

Notei então que todas as casas eram tão fortificadas como as da Sra. Savília, o que não pudera observar do alto da montanha. As mais pobres não contavam com ameias, mas sim com pranchas e tábuas grossas forrando o interior das janelas, com pequenas aberturas para a passagem de fuzis. Em outras casas, o reforço era feito com tijolos vermelhos dispostos em duas camadas.

– Como se chamam essas aberturas que se comunicam com o interior das casas? – perguntei

ao guia, seguindo um pensamento que me ocorreria.

— Seteiras, senhor — respondeu-me ele.

Eu tinha razão. Por sua resposta, constatei que as *vendettas* corsas eram muito anteriores às armas de fogo. Sabe Deus quando teria uma família disparado a primeira flecha ou até mesmo dado a primeira paulada contra outra!

Enquanto avançávamos pelas ruas de Sullacaro, ia notando como a vila parecia triste e solitária ao entardecer. As paredes e portas de muitas casas mostravam-se crivadas de balas, o que aumentava a impressão de tristeza do lugar.

Repentinamente, à medida que caminhava, senti-me espiado sem saber exatamente de onde. Continuei a andar com toda a calma, embora redobrasse de atenção ao observar, quase sem mover a cabeça, as aberturas negras de cada casa.

Súbito, distingui um olho brilhando na escuridão. Logo adiante surpreendi outro que me vigiava. Não consegui perceber se pertenciam a um homem ou a uma mulher: só sei que me acompanhavam atentamente até a minha saída de seu ângulo de visão. Senti-me um pouco desconfortável com semelhante espreita. Mas,

bolas! Afinal de contas, estava ou não estava na Córsega?

Chegamos finalmente à casa da Sra. de Franchi, sem dúvida a maior de toda a vila. Meu olhar curioso caiu logo sobre os buracos de bala que vi nas portas e paredes — é verdade que eram antigos, datando talvez de uns quinze anos atrás; mesmo assim, ali estavam vestígios de uma *vendetta*!

Meu guia bateu à porta e ficamos esperando: pouco depois, um homem de casaco e culote de veludo, faixa de seda na cintura e polainas de couro apareceu. Da faixa de seda pendia a bainha de uma faca de modelo espanhol.

— Senhor — disse-lhe eu —, perdoe-me a ousadia, mas sou estrangeiro e não conheço ninguém em Sullacaro. Seria demasiado abuso de minha parte pedir-lhe hospitalidade por uma noite?

Por suas palavras notei então, pasmo, que era criado, apesar da elegância exibida. Lembrei-me então dos costumes corsos: aquele homem devia ser um primo pobre ou sobrinho do dono da casa.

— De modo algum, Excelência — respondeu ele.
— O estrangeiro honra a morada na qual se hospeda. Maria — disse para a criada que também acorrera —, informe a Sra. Savília de que um

viajante francês esta pedindo hospitalidade.

Dizendo isso, saiu da casa e veio segurar as rédeas de meu cavalo, que olhou com ar de conhecedor:

— O animal causou-lhe algum problema durante a viagem, senhor? — perguntou-me com um leve sorriso.

— Nenhum — respondi. — Trouxe-me até Sullacaro quase sem que eu tivesse de dirigi-lo.

— Nossos cavalos conhecem bem a velha Córsega — concluiu satisfeito, dando um tapinha carinhoso no lombo do animal. — Já tivemos alguns viajantes estrangeiros que se mostraram bastante surpreendidos com a rapidez e agilidade de nossas montarias, achando provavelmente que todas deveriam constituir um formidável bando de pangarés.

— É verdade — repliquei. — O que o viajante deveria fazer é um seguro contra os colapsos cardíacos, de tanto que esses cavalos sobem e descem.

Desmontei e pus-me a desatar a bagagem que trazia comigo, mas o criado impediu-me:

— Vossa Excelência não tem que se preocupar com nada — disse ele. — Levaremos toda a

bagagem para o seu quarto.

Que alívio! Estava tão cansado que nunca como naquele momento apreciei a verdadeira e real hospitalidade corsa.

CAPÍTULO 2

NA CASA DE SAVÍLIA DE FRANCHI

Sacudi com tapas vigorosos um pouco da poeira de minhas roupas e entrei na casa.

Um corredor fresco e mergulhado na penumbra me esperava, coisa muito agradável depois de tantas horas viajando sob um sol fortíssimo que por pouco não me fritara os miolos.

Ao fim desse corredor, que desembocava numa sala mais clara, estava uma senhora alta, vestida de preto, que me olhou diretamente nos olhos.

Pensei com meus botões: eis a Sra. Savília de Franchi. Deveria ter uns quarenta anos de idade, tinha um rosto bonito, cabelos negros e aquela determinação que muitas vezes se encontra nas mulheres mediterrâneas.

Dirigi-me a ela e parei à sua frente.

— Senhora — disse eu inclinando-me —, provavelmente me julgará muito indiscreto e

audacioso por vir incomodá-la em sua casa. Entretanto, os costumes da terra desculpam-me e as palavras de seu criado deixam-me mais à vontade para pedir-lhe hospedagem.

— Seja bem-vindo para a mãe como será dentro em pouco para o filho — respondeu-me amável e dignamente a Sra. de Franchi. — A partir deste momento, senhor, a casa é sua, use-a como melhor lhe parecer.

— A hospitalidade que lhe peço, senhora, é apenas por uma noite. Tenciono partir amanhã bem cedo, logo ao romper do dia.

— O senhor fará como lhe for mais conveniente. Espero, contudo, que mude de opinião e nos dê a honra de uma longa permanência.

Agradei-lhe e inclinei-me pela segunda vez.

A Sra. de Franchi virou-se para a criada:

— Maria, acompanhe este senhor ao quarto de Luís. Acenda imediatamente o fogo e prepare-lhe um banho.

— Perdão, senhor — disse sorrindo a Sra. de Franchi, enquanto a criada se afastava. — Sei que o maior desejo de um viajante ao chegar é um bom banho e uma lareira acesa, pois se nossos dias são quentes, as noites, como notará, são bastante frias.

Quando a moça voltar tenha a bondade de segui-la. Peça-lhe, por favor, tudo aquilo de que necessitar. Cearemos dentro de uma hora. Logo que meu filho chegar irá receber as suas ordens, caso isso não o incomode.

— Será um prazer conhecer o Sr. Luís de Franchi. Peço-lhe, senhora, que desculpe minhas pobres roupas de viagem.

— Claro que sim — respondeu-me. — Desde que o senhor nos desculpe a rudeza da recepção.

Como a criada viesse de volta, inclinei-me mais uma vez ante a Sra. de Franchi e acompanhei a moça até o quarto.

Este estava situado no primeiro andar e dava para os fundos, abrindo-se para um lindo jardim plantado com mirtos e palmas cor-de-rosa, atravessado por um riacho de águas claras.

A vista era limitada por um bosquezinho de pinheiros tão cerrado que mais parecia uma muralha verde.

Depois de contemplar durante algum tempo a encantadora paisagem que me cercava, voltei minha atenção para o quarto. Como acontece com todos os quartos das casas italianas, as paredes deste também eram caiadas de branco e adornadas com

alguns afrescos representando paisagens.

Pelo tamanho do aposento e seu conforto imaginei que me davam o melhor quarto, provavelmente o do filho ausente, e minha curiosidade se acendeu. Logo depois que tomasse banho, resolvi, esquadrinharia atentamente a mobília, os livros e todos os detalhes que lá se encontravam, para ter uma idéia da personalidade de seu habitante costumeiro.

Uma vez banhado e quase totalmente vestido, pus mãos à obra: primeiro, dei uma olhadela atenta e circular por todo o quarto, passando em revista os diferentes objetos que me cercavam.

A mobília, para minha surpresa, era bastante moderna — fato raro nessa parte da ilha, onde a civilização ainda não chegou. Constava de um grande leito de ferro com um colchão delicioso, macio e resistente ao mesmo tempo, um travesseiro, um diva, quatro poltronas, seis cadeiras, uma grande estante e uma escrivaninha de acaju. Por esta lista o leitor pode imaginar como era espaçoso o quarto de Luís de Franchi. Tive vontade até mesmo de pegar meu cavalo e dar um galope lá por dentro antes do jantar.

Cortinados de uma bonita fazenda estampada

pendiam das janelas e cobriam o leito. O divã, poltronas e cadeiras eram forradas com o mesmo tecido, dando um aspecto alegre ao quarto.

Resolvi então examinar a estante que ocupava toda uma das paredes.

Nosso Luís devia ser um grande leitor: lá estavam os poetas franceses mais famosos, como Corneille, Racine, Molière, La Fontaine, Ronsard, Victor Hugo e Lamartine. Também os moralistas como Montaigne, Pascal e La Bruyère enfileiravam-se nas prateleiras; os historiadores, como Mèzeray, Chateaubriand, Agostinho Thierry e mesmo sábios franceses, como Cuvier, Beudant, Elias de Beaumont.

Em outra parte da estante estavam os romances, entre os quais notei orgulhosamente as minhas *Impressões de Viagem*.

Como eu fosse um curioso de marca maior, resolvi investigar também as gavetas da estante.

Abri uma delas: encontrei páginas de uma história da Córsega, escritas provavelmente pelo próprio Luís, e também um trabalho sobre os meios a empregar para abolir a *vendetta*. Alguns versos franceses e sonetos italianos — em manuscrito — estavam colocados sob todo o resto.

Era mais do que eu precisava para formar uma idéia sobre Luís de Franchi: na certa tratava-se de um rapaz estudioso, que gostava muito de ler e escrever. Segundo suas leituras, devia ser também partidário das reformas liberais francesas. Eis por que deseja ser advogado, pensei comigo mesmo.

Decidi pôr o paletó de veludo preto, para estar totalmente pronto quando o irmão de Luís aparecesse. O espelho me devolveu uma imagem bizarra: se não estava no rigor da elegância, pelo menos não me faltava o pitoresco.

Meu casaco, aberto nas costuras das mangas para permitir ventilação nas horas quentes do dia, deixava entrever uma camisa de seda de listras suaves. As calças eram também de veludo preto, apertadas do joelho ao tornozelo em polainas espanholas abertas do lado com bordados de seda colorida. A grande esquisitice de meu traje, contudo, era o chapéu de feltro capaz de tomar todas as formas possíveis e imagináveis — de acordo com os socos e amassaduras que eu lhe dava. Entretanto, ficava ele à vontade principalmente como um *sombbrero*¹ pois nisso o transformava com mais freqüência.

¹ *Chapéu.* (N. do E.)

Como vê o leitor, eu contava com a indulgência da dona da casa para com os meus trajés. Apesar de me arriscar a um acesso de riso de mãe e filho, recomendo tais roupas aos viajantes, pois são extremamente cômodas.

Estava ainda diante do espelho quando bateram à porta do quarto. O mesmo criado que me fizera entrar na casa dos De Franchi apareceu no limiar.

— Perdão — desculpou-se ele. — Mas o Sr. Luciano de Franchi acaba de chegar e deseja ter a honra de lhe vir apresentar as boas-vindas, se isso não o incomoda.

— A honra será minha — respondi. — Mande entrar o Sr. Luciano.

Alguns segundos depois ouvi o ruído de passos rápidos no corredor e meu hospedeiro apareceu na porta.

CAPÍTULO 3

O JOVEM LUCIANO

Era um rapaz de cabelos e olhos negros, pele queimada de sol e não muito alto, embora forte e bem proporcionado. Seu rosto de traços firmes era bem típico daquela região, um rosto bonito e viril.

Era visível que, na pressa de vir cumprimentar-me, Luciano de Franchi subira a meu quarto com a mesma roupa com que chegara da rua. Usava um casacão de pano verde, uma calça cinzenta bem justa e botas com espora. Na cintura trazia uma bem fornida cartucheira, o que lhe dava uma aparência militar.

Uma grande pistola pendia de seu lado direito, mas Luciano parecia não confiar inteiramente nela; segurava na mão esquerda uma carabina inglesa ultramoderna.

Completando tudo, sua cabeça estava coberta

por um chapéu tipo explorador, dando-lhe um ar bastante bizarro.

Apesar de ser muito jovem — vinte e um anos, segundo o guia que me conduzira a Sullacaro —, Luciano de Franchi tinha uma aparência de independência e firmeza que me surpreendeu bastante.

Ali estava um homem habituado a viver em meio ao perigo, educado para a luta mas ao mesmo tempo prudente, calmo e grave.

Num olhar rápido observou as roupas que eu acabara de vestir, as que eu despira, minhas armas e até mesmo a bagagem trazida por mim.

Era bem o golpe de vista — rápido e seguro — de um homem cuja vida depende muitas vezes disso.

— Perdoe-me se o incomodo, senhor — disse Luciano. — Queria apenas dar-lhe as boas-vindas e saber se necessita de algo. Nós, os corsos, somos tão selvagens que é sempre com inquietação que vemos chegar a nossa casa um viajante estrangeiro — sobretudo um francês, devido à nossa pobre hospitalidade cheia de falhas. Contudo, mesmo com todos os erros que poderá observar nela, dentro de pouco tempo será a única tradição da Córsega que

sobreviverá.

— Nada tem a recear, caro senhor — respondi-lhe. — Sua mãe foi de uma amabilidade sem limites, provendo-me de tudo que eu pudesse necessitar.

"Além disso — continuei, olhando rapidamente pelo quarto —, se os corsos são selvagens, eu sou um chinês recém-importado da China. Possuem uma excelente biblioteca e todo o aposento é de um extremo bom gosto. Se eu não estivesse vendo esta admirável paisagem através das janelas, julgaria estar num dos mais elegantes bairros de Paris."

— Talvez — respondeu Luciano com um leve sorriso. — Na verdade, meu irmão Luís sempre teve hábitos mais franceses do que corsos. Gostava de viver rodeado por objetos e idéias que lhe lembrassem a França, embora seu amor pela Córsega seja grande.

— Contudo — prosseguiu Luciano com ar triste — não creio que ao voltar de Paris consiga adaptar-se à nossa pobre caricatura de civilização. Isto lhe bastava antes da partida, mas agora. . .

Ficamos um momento em silêncio.

— Há quanto tempo seu irmão deixou a ilha? — perguntei finalmente a Luciano.

– Há seis meses, senhor.
– Regressará em breve?
– Somente daqui a uns três ou quatro anos.
Terá que concluir primeiro seus estudos de advocacia.

Notei que a fisionomia de Luciano se entristecera ainda mais.

– Sem dúvida é uma ausência bem longa para dois irmãos que se estimam – comentei.

– Oh, sim – respondeu-me, olhando através da janela. – Somos grandes amigos.

– Ele provavelmente virá visitá-lo antes de terminar os estudos, não? – perguntei.

– É possível – disse, tornando a fitar-me com tranqüilidade. – Pelo menos foi o que prometeu.

– Bem, se ele não cumprir a promessa o senhor sempre poderá visitá-lo em Paris, não é verdade?

– Não... eu nunca deixo a Córsega.

O orgulho que Luciano de Franchi tinha pela pátria e a indiferença pelos outros lugares transpareceu em sua resposta.

Sorri. Vendo isso, ele também sorriu.

– Pode parecer estranho que eu não queira abandonar uma terra miserável como a nossa – disse, apoiando a coronha da carabina numa das

botas. — Mas nada posso fazer. Sou uma espécie de produto da ilha, como a azinheira e as palmas cor-de-rosa. Eu morreria se fosse obrigado a ficar longe dessa terra, de seu perfume de mar e de montanha.

"Além disso — continuou —, sou muito ativo, preciso mover-me constantemente no meio da natureza; necessito atravessar torrentes a nado ou de barco, sinto falta de rochedos para subir, florestas para explorar. Preciso de espaço e de liberdade. Se me levassem para Paris ou para qualquer grande cidade me sentiria um pássaro na gaiola. Seria desastroso, como bem pode imaginar."

— O senhor e seu irmão possuem, assim, temperamentos bastante diferentes.

— Apesar de uma semelhança física extraordinária — acrescentou ele.

— Verdade?

— Sim — afirmou —, a ponto de, quando éramos crianças, nossos pais serem obrigados a colocar nas minhas roupas e nas de Luís um sinal que nos distinguisse.

— Quando cresceram, a semelhança não foi alterada por nada? — perguntei curioso.

— Apenas uma leve coloração na pele, determinada por nossos hábitos — respondeu. —

Luís, sempre trancado em seu quarto a ler e escrever, tornou-se bem mais pálido, ao passo que eu, como o senhor vê, sou bastante moreno, pois meu tempo é despendido quase todo ao ar livre. Essa diferença serve de guia aos amigos — concluiu Luciano, dando uma risada.

— Espero que me dê oportunidade de constatar essa diferença disse eu — encarregando-me de levar uma carta ou presente que o senhor porventura queira enviar a seu irmão. Gostaria muitíssimo de conhecer Luís de Franchi.

Claro, com imenso prazer de nossa parte. Mas, agora, peço-lhe que me desculpe: vejo que o senhor já está pronto para o jantar e eu acabo de chegar da rua. Ainda não tomei banho nem mudei de roupa e dentro de quinze minutos teremos de estar à mesa.

— É por minha causa que se dará ao trabalho de mudar de roupa?

— Mesmo se fosse este o motivo, o senhor é que teria me dado o exemplo. De qualquer modo, terei que trocar a roupa que estou usando por uma de montanhês; depois do jantar tenho um assunto a resolver e, para onde vou, estas botas com esporas seriam muito incômodas.

— Vai sair depois do jantar? — perguntei.

— Sim — respondeu. — Tenho um encontro...

Sorri.

— Oh! Não é nada do que o senhor está pensando. Trata-se de uma simples entrevista de negócios.

— Perdão se fui indiscreto — disse eu. — Não pretendia forçar nenhuma confidência.

— Por favor, não se desculpe, o senhor não foi indiscreto. A verdade é que não vou mesmo a nenhum encontro amoroso. Nunca tive uma amante e provavelmente nunca terei nenhuma. Se meu irmão se casar e tiver filhos, é quase certo que eu nem me case. Mas se ele permanecer solteiro terei que arranjar uma esposa para que nosso nome não se extinga. Já lhe disse — acrescentou com uma risada —, sou um verdadeiro selvagem que veio ao mundo cem anos depois do que devia.

De repente, lembrou-se de que estava atrasado.

— Meu Deus! Se continuar aqui falando pelos cotovelos não estarei pronto à hora do jantar.

— Podemos continuar a conversa depois que tomar banho — disse eu —, enquanto for se vestindo. O seu quarto fica em frente a este, não é? Deixe a porta aberta e poderemos conversar.

— Por que não vem ao meu quarto dentro de

alguns minutos? Se o senhor gosta de armas, verá as
minhas enquanto me visto. Tenho algumas de certo
valor histórico.

CAPÍTULO 4

AS ARMAS HISTÓRICAS

A sugestão de Luciano vinha perfeitamente ao encontro de minha vontade de comparar os quartos dos dois irmãos. Desse modo, esperei os minutos necessários e logo depois bati à porta de meu hospedeiro, que já começara a se vestir.

— Entre, por favor — disse ele sorrindo. — Em pouco tempo estarei pronto.

Que arsenal!

Quem entrasse em tal quarto não poderia ter ilusões sobre o temperamento de seu dono. Na certa seria o de um caçador ou guerreiro, do mesmo modo que o quarto de Luís pertencia a um estudioso.

As paredes, forradas com couro de Espanha, estavam cobertas de armas antigas e modernas de vários tipos diferentes. Os móveis eram sólidos e todos dos séculos XV e XVI, com o leito guarnecido

por um cortinado de damasco verde com flores de ouro. As cortinas das janelas eram do mesmo tecido, contrastando agradavelmente com a mobília escura.

— Fique à vontade — disse Luciano, encaminhando-se para o quarto de vestir, cuja porta se abria para os seus aposentos. — O senhor está rodeado por três séculos de armas. Examine-as enquanto me visto de montanhês, como já lhe disse. Creio que achará graça de meus trajés.

— Se eu rir dos seus — respondi —, o senhor deve estar sufocando uma boa gargalhada desde que viu os meus.

Luciano riu com gosto.

— O que está achando das armas? — perguntou sua voz do outro quarto.

— Muito interessantes — respondi. — Apesar de não ser um especialista, tenho algumas em casa bastante razoáveis. Quais são, entre estas espadas, arcabuzes e punhais, as armas históricas de que me falou?

— São três. Vamos por ordem. Observe à cabeceira de minha cama, um punhal isolado, com o botão do punho formando um sinete e o punho protegido por uma grande concha.

— Estou diante dele.

– É a adaga de Sampietro.
– Do famoso Sampietro, o assassino de Vanina?
– Assassino, não! – protestou Luciano. –
Matador.

– Não é a mesma coisa?
– Talvez em todo o resto do mundo, mas não
na Córsega.

– Pertenceu realmente a Sampietro?
– Sim – disse Luciano. – Repare bem seu
brasão gravado no punho. A flor-de-lis francesa
ainda não aparece porque ele só foi autorizado a
usá-la depois do cerco de Perpilhão.

– Ignorava esse detalhe. E de que modo o
punhal chegou até sua família?

– Bem, está com os De Franchi há trezentos
anos. Foi dado pelo próprio Sampietro a Napoleão
de Franchi.

– Sabe em que ocasião?

– Sei. Esse meu antepassado e Sampietro caíram
muma emboscada armada pelos genoveses e
lutaram como leões. Em certo momento, o capacete
de Sampietro despreendeu-se e um genovês a cavalo
já ia derrubá-lo com sua massa quando Napoleão de
Franchi cravou-lhe o punhal por uma pequena
abertura da couraça.

"O punhal – continuou Luciano animadamente – ficou tão preso no ferimento que meu ancestral não conseguiu retirá-lo. O genovês não esperou uma nova tentativa de Napoleão de Franchi: esporeou o cavalo e fugiu o mais rápido que pôde para a sua retaguarda.

"Napoleão – prosseguiu ele – ficou furioso por ter perdido sua arma, mas nem os impropérios que lançou na direção do genovês o fizeram voltar, é claro. Para consolá-lo da perda, Sampietro deu-lhe então seu próprio punhal, de fabricação espanhola, uma excelente arma, como vê, e que corta ao meio duas moedas de cinco francos superpostas."

– Posso fazer essa experiência?

– Claro que sim – respondeu Luciano, sorrindo.

Coloquei duas moedas de cinco francos uma sobre a outra no chão do quarto e vibrei-lhes uma punhalada seca e vigorosa.

Luciano dissera a verdade.

Quanto levantei o punhal as duas moedas estavam cravadas na lâmina, cortadas de lado a lado.

– Acho que só mesmo o punhal de Sampietro

seria capaz de tal proeza — disse eu para Luciano, que voltava ao quarto. — Só não entendo por que preferiu matar a mulher com uma corda, possuindo arma tão perfeita.

Luciano riu.

— A explicação é simples — disse. — Nessa época, ele já havia dado seu punhal a meu antepassado.

— Deve ser isso.

— Sampietro contava mais de sessenta anos de idade quando veio especialmente de Constantinopla a Aix para trombetear ao mundo uma importante lição: a de que as mulheres não devem se intrometer na política. O que acha o senhor?

— Concordo com Sampietro. Mas daí a estrangulá-las com uma corda vai um certo exagero, não é verdade?

Não sei se Luciano de Franchi — um ótimo rapaz mas com certas idéias antiquadas — entendeu minha ironia.

Coloquei o punhal cuidadosamente em seu suporte e dei uma olhadela pelo resto do quarto.

— Passemos a outro — disse Luciano. — Está vendo aqueles dois retratos?

— Sim — respondi. — Paoli e Napoleão

Bonaparte.

– Bem. Sob o retrato de Paoli há uma espada.

– Cá está – disse eu, caminhando naquela direção.

– Era a dele.

– A espada de Paoli? Verdade? Autêntica, como o punhal de Sampietro?

– Disso não há a menor dúvida – respondeu Luciano, cheio de orgulho –, pois também foi dada a uma antepassada minha.

– A uma senhora? – perguntei espantado.

– Exatamente. Terá o senhor ouvido falar de uma mulher que, durante a guerra de independência, veio até a torre de Sullacaro acompanhada de um rapaz?

– Não. Conte-me a história.

– Não chega a ser uma história. É um pequeno episódio.

– Melhor ainda.

– Acho que não temos mais tempo para conversar agora.

– Oh, por favor. Estou curiosíssimo: o que aconteceu à mulher?

– Bem, ela e o rapaz apresentaram-se à torre de Sullacaro, onde pediram para falar a Paoli. Como

este estava ocupado, escrevendo, os soldados que guardavam a porta de seu gabinete não a deixaram entrar. Ela insistiu, mas foi repelida por duas sentinelas. A mulher não se deu por vencida, tornando a tentar. Ouvindo barulho de vozes que discutiam, Paoli abriu a porta e perguntou o que se passava.

"Sou eu que te quero falar", disse a mulher.

"Pois não", respondeu Paoli. "Pode falar."

"Venho dizer-te que tenho dois filhos. Soube ontem que o mais velho morreu em defesa da pátria, e caminhei vinte léguas para te trazer o mais novo."

Fiquei muitíssimo impressionado com a história que me contava Luciano.

– Parece uma cena de Esparta – murmurei.

– É verdade – concordou o jovem corso.

– E quem era essa mulher tão corajosa?

– Minha bisavó – respondeu. – Diante de suas palavras, Paoli arrancou então a própria espada e entregou-a à minha bisavó, emocionado.

– Muito bonito esse modo de apresentar desculpas a uma mulher. Paoli realmente não era um homem comum.

– Nem minha bisavó, não acha? – perguntou

Luciano, cheio de orgulho.

— Certamente. E este sabre aqui? — falei, apontando para uma arma de excelente qualidade.

— É o que Napoleão usou na Batalha das Pirâmides.

— Não diga! Terá entrado para a sua família do mesmo modo que o punhal e a espada?

— Sim. Eis a história: a batalha já estava no final quando Bonaparte deu ordem a meu avô para atacar um grupo de cinquenta homens, um núcleo de mamelucos que resistia ainda em torno do chefe já ferido. Meu avô obedeceu, dispersou o grupo e capturou o oficial que os comandava, trazendo-o à presença do Primeiro Cônsul.

"Napoleão os observava com os olhos entrefechados — prosseguiu Luciano — e viu quando meu avô tentou, em vão, guardar a espada na bainha: a arma estava tão estragada e torta pelos choques com as armas dos mamelucos que tal coisa não foi possível.

"Meu avô, furioso, atirou longe o sabre e a bainha como trastes velhos. Foi então que Napoleão, tirando o próprio sabre da cintura, deu-o a meu avô, que se sentiu honradíssimo com o presente e suficientemente consolado."

— Em seu lugar — falei para Luciano — gostaria de ter os dois sabres: tanto o de Napoleão quanto o de seu avô, por mais estragado que estivesse.

Luciano riu espertamente.

— Olhe diante de si e o encontrará. Napoleão mandou que apanhassem a arma entortada, fez incrustar no punho o diamante que está vendo e devolveu-a à minha família com a inscrição que o senhor pode ler na lâmina.

Na parede entre duas janelas, meio saído da bainha onde já não cabia, estava o sabre. Em sua lâmina via-se a seguinte inscrição:

"Batalha das Pirâmides, 21 de julho de 1798 ".

Nesse momento, o mesmo servidor que me recebera à porta e me fizera entrar surgiu no quarto:

— A Sra. de Franchi manda preveni-lo de que a ceia está servida — disse ele, dirigindo-se a Luciano.

— Muito bem, Grifo — respondeu o rapaz. — Diga a ela que estamos descendo.

Foi então que reparei nas suas roupas de montanhês: jaqueta de veludo, culote e polainas. Do traje anterior conservava apenas a cartucheira

colocada em diagonal sobre o peito.

– Continua elegante, Sr. Luciano – cumprimentei-o eu.

– Acha? – perguntou ele, meio incrédulo. – Pois bem. Só aceito o cumprimento se passar a me chamar pelo meu nome. Nada de "senhor" ou coisa que o valha.

– Certo – concordei satisfeito, pois a mim incomodava tratar um rapaz da idade de Luciano de modo tão cerimonioso. – Mas terá que fazer o mesmo.

– Com prazer – disse ele. – Imagine que. . .

Parou de repente, ao ver-me olhando atentamente para duas carabinas penduradas uma em frente a outra, e nas quais eu não reparara até aquele momento. Ambas tinham gravada na coronha a seguinte data:

"21 de setembro de 1819 – onze horas da manhã".

A precisão do horário me intrigou.

– Essas carabinas – perguntei – são também armas históricas?

– Sim, ao menos para nós. Uma era de meu pai.

– E a outra? – perguntei curioso.

— A outra — respondeu Luciano, rindo — é de minha mãe. Mas vamos descer pois ela já deve estar à nossa espera.

E passando adiante para me mostrar o caminho, fez-me um sinal para que o seguisse.

CAPÍTULO 5

OS IRMÃOS GÊMEOS

Descendo a escada que nos levaria à sala de jantar, pensava na frase de Luciano: "Esta é a carabina de minha mãe". Diante disso, minha curiosidade crescera como um bolo no forno.

Decidi observar com mais atenção ainda a Sra. de Franchi, a quem até agora só vira rapidamente.

Lá estava ela, já sentada à mesa. Luciano beijou-lhe respeitosamente a mão, homenagem que ela recebeu com a dignidade de uma rainha e com um sorriso.

— Perdoe-me por tê-la feito esperar, minha mãe — disse Luciano.

— A culpa foi minha, Sra. de Franchi — apressei-me a explicar, inclinando-me. — Seu filho mostrou-me armas tão curiosas e contou-me histórias tão interessantes que acabamos nos

atrasando para o jantar, graças às minhas intermináveis perguntas.

– Não se preocupe – respondeu amavelmente.

– Acabo de descer neste momento.

"Luciano – continuou ela dirigindo-se ao filho –, eu estava querendo que chegasse logo para saber notícias de Luís."

– Por acaso seu filho está doente? – perguntei à Sra. de Franchi.

– Luciano pensa que sim – respondeu ela.

– Recebeu alguma carta de seu irmão? – indaguei a Luciano.

– Não, e é justamente isso que me preocupa.

Não entendi mais nada.

– Como sabe então que seu irmão está doente?

– Porque uns dias atrás andei passando bem mal.

Continuei sem compreender patavina do mistério.

– Desculpe as minhas eternas perguntas, Luciano, mas isso não esclarece o fato de você saber a respeito de Luís.

– Não sabe que somos gêmeos? – perguntou ele.

– Sim, o guia já me havia dito.

— Quando viemos ao mundo, estávamos ligados pelo flanco. Sabia também desse detalhe?

— Não.

— Pois foi necessário um golpe de bisturi para nos separar. De mesmo corpo. Qualquer reação física ou moral que um dos dois experimenta reflete-se logo no outro. Ora, nesses últimos dias tenho andado inquieto, triste, sombrio, e sem nenhum motivo aparente. Algo me comprime fortemente o coração. Não tenho a menor dúvida de que algo de errado está acontecendo a Luís.

Olhei espantado para Luciano. A certeza com que falara do estranho fenômeno — certeza partilhada inteiramente por sua mãe — me impressionou muito.

A Sra. de Franchi sorriu tristemente.

— Deus olhará por Luís — disse ela. — O principal é você estar certo de que ele vive.

— Se estivesse morto — observou tranqüilamente Luciano eu o teria visto.

— E já me teria contado, não é, meu filho? — perguntou a Sra. de Franchi com angústia.

— Claro, minha mãe. No mesmo instante.

Ela virou-se para mim.

— Peço-lhe que me desculpe por não ter sabido

reprimir, em sua frente, as minhas inquietações de mãe. É que, além de Luís e Luciano serem os meus únicos filhos, são os últimos do nosso nome.

Depois de um instante, em que seus olhos negros me fixaram, recobrou-se.

— Queira sentar-se à minha direita, senhor — disse ela. Luciano, fique ali.

O rapaz obedeceu, sentando-se no lugar vazio à esquerda da mãe.

Sentamos à cabeceira de uma longa mesa. No outro extremo estavam colocados outros seis talheres para as pessoas que na Córsega são chamadas de "família", isto é, os intermediários entre os criados e os patrões nas grandes casas.

A mesa estava abundantemente servida.

Na verdade, entretanto, embora sentisse uma fome de lobo graças à viagem, comi distraidamente, procurando apenas saciar-me. Não prestei a mínima atenção ao delicado sabor dos pratos que me eram servidos. Minha cabeça trabalhava em outro rumo: tinha a impressão de que ao entrar naquela casa penetrara num mundo irreal, onde continuava vivendo como em sonhos.

Quem seria aquela mulher que possuía uma carabina como qualquer soldado?

Que estranho irmão era esse que sentia as mesmas dores e aflições de seu gêmeo, embora trezentas léguas os separassem?

Que mãe tão especial era aquela que recebia do filho a promessa de, se visse o irmão morto, contar-lhe imediatamente?

Eu sentia que um mistério insondável rodeava meus hospedeiros. A Córsega era mesmo uma estranha região!

De repente, percebi a indelicadeza de meu silêncio. Levantei a cabeça e voltei-me para meus interlocutores.

Mãe e filho perceberam imediatamente que eu desejava voltar à conversa.

— É a primeira vez que visita a Córsega? — perguntou Luciano, cumprindo a minha vontade.

— Sim. Há muito tempo tinha esse projeto na cabeça, mas só agora pude realizá-lo.

— Felizmente não se demorou mais tempo. Daqui a alguns anos, com a constante invasão de gostos e costumes franceses, os que vierem aqui em busca da Córsega não a encontrarão mais.

Luciano falara aquilo com um profundo ar de tristeza.

— De qualquer modo — consolei-o —, se o

antigo espírito da ilha está recuando diante dos hábitos franceses e procurando se refugiar em algum recanto dessa região, certamente será na província de Sartene e no vale do Távaro.

– Supõe isso? – perguntou Luciano sorrindo.

– Sim. Sinto que o que vejo em torno de mim, aqui, é um quadro perfeito e nobre dos velhos costumes corsos.

– É possível. No entanto, apesar de quatro séculos de tradições, nesta mesma casa de ameias e seteiras habitada pelos De Franchi, o espírito francês veio roubar meu irmão Luís ao nosso convívio, levando-o para Paris. De lá voltará advogado. Morará em Ajácio, ao invés de habitar a casa de seus pais. Cuidará de muitas causas e, se tiver talento, talvez venha a ser nomeado procurador do rei.

Luciano tomou um gole de vinho e continuou.

– Então perseguirá os pobres diabos que cometerem algum erro, e confundirá o assassino com o matador, como fez o senhor ainda há pouco. Reclamará, em nome da lei, a cabeça daqueles que tiverem feito algo que seus pais teriam considerado uma desonra não fazer. Preferirá as leis dos homens às leis de Deus. E à noite, quando tiver conseguido uma cabeça para o carrasco, acreditará ter servido

ao país, colocando mais uma pedra no templo da civilização, como diz o nosso prefeito. Ah! meu Deus!

Vi que o rapaz falara com grande emoção e pensei na grande diferença de temperamento entre os gêmeos. Era mesmo fantástico que fossem tão amigos.

— Mas como vê — retruquei —, se Deus fez de seu irmão um seguidor dos costumes franceses e cosmopolitas, conservou em você o amor pelos velhos hábitos, equilibrando as coisas.

Luciano ficou pensativo durante um momento.

— Não sei. Não pense que eu seja um corso tão perfeito assim. Às vezes faço coisas indignas de um De Franchi.

— Você? Não creio, Luciano.

— Pois é a pura verdade. Quer que lhe diga o que veio procurar na província de Sartene?

— Pode dizer.

— Você veio para cá com a sua curiosidade de homem mundano, talvez seja um artista ou poeta; não sei o que faz nem o estou indagando nesse momento. Quando partir poderá dizer-nos algo a respeito, se for de seu agrado. Do contrário conservará sua ocupação em segredo, tem plena

liberdade para isso. . . Pois bem, você veio com a esperança de presenciar alguma *vendetta*, de conhecer um bandido bem original, como os que Mérimée pintou na *Colomba*.

— Nesse caso, devo ter errado o alvo — respondi. — Parece-me que a sua casa é a única da povoação que não está fortificada.

— O que prova que também eu vou degenerando: meu pai, meu avô, meu bisavô, qualquer um deles teria tomado partido por uma ou outra das duas facções na luta que há dez anos divide a aldeia. Eu, não.

Luciano deu um suspiro.

— Sabe o papel que desempenho em tudo isso? — continuou ele. — Sou o árbitro. Em meio a esses tiros, a essas punhaladas e facadas, limito-me a ser o mediador. O que acha disso?

Notei em silêncio que irritação e tristeza transpareciam de suas palavras.

— Você veio à província de Sartene para ver bandidos, não é assim? Pois bem. Venha comigo esta noite e lhe mostrarei um.

Fiquei contentíssimo.

— Permite mesmo que eu o acompanhe?

— Claro — respondeu. — Se isto o diverte, não

me custa nada levá-lo.

– Aceito com o maior prazer.

– Nosso hóspede deve estar fatigado, Luciano – disse a Sra. de Franchi, olhando rapidamente para o filho.

Senti nela, subitamente, a mesma espécie de tristeza e vergonha que dominava o filho, ao ver os costumes corsos degenerarem de tal modo. Não queria que tal decadência fosse exibida a um estrangeiro. Afinal de contas, quem entrava numa *vendetta* era pessoa corajosa, digna e séria!

– Não, minha mãe – protestou Luciano. – É até bom que ele venha. Por uma ironia do destino, o que julgamos certo eles julgam errado. Assim, quando ouvir falar nos salões de Paris sobre as terríveis *vendettas* e nos implacáveis bandidos corsos que ainda assustam as crianças de Bastia e Ajácio, poderá encolher os ombros e dizer o que há de verdade em tudo isso.

– Não há nenhuma possibilidade de se deter a grande luta que divide essa aldeia há tantos anos?

Mãe e filho se entreolharam.

– Possibilidade, há. Mas, quando se pensa que está tudo resolvido, os ânimos se esquentam de novo.

— E qual foi o motivo dessa querela que dura já dez longos anos?

Luciano sacudiu os ombros.

— Ora, numa disputa dessas pouco importa o motivo, e sim o resultado. Se uma mosca voando de banda causou a morte de um homem, nem por isso o homem está menos morto.

Notei nele uma certa hesitação em me contar as causas da *vendetta* que há tanto tempo assolava a aldeia.

Luciano, entretanto, não me escaparia com tal facilidade. Quanto mais hesitava, mais eu insistia em descobrir o segredo que tentava encobrir.

— Bem, de qualquer modo, deve ter havido um motivo para tamanha briga. Esse motivo é secreto?

— Não, absolutamente — respondeu Luciano.
— A coisa surgiu entre os Orlandi e os Colona.

Nova hesitação da parte dele. Finalmente, decidiu-se.

— Bem, uma galinha fugiu do galinheiro dos Orlandi, indo parar no terreno dos Colona. Quando os Orlandi foram reclamar a galinha, os Colona afirmaram que a ave era deles; os verdadeiros donos ameaçaram então os Colona de os levarem à presença do juiz de paz e lhes

exigirem um juramento. Então, a velha Colona, que segurava a galinha, torceu-lhe o pescoço e atirou-a à cara da vizinha, dizendo-lhe:

"Já que é tua, come-a, tratante!"

"Diante disso, um Orlandi segurou a galinha pelos pés e chicoteou com ela a velha Colona que agredira sua irmã. Desgraçadamente, um dos Colona tinha a espingarda carregada, desfechando um tiro à queima-roupa no Orlandi agressor. Matou-o imediatamente.

– E quantos já morreram nessa luta?

– Até agora, nove pessoas – respondeu-me Luciano.

– E tudo isso por causa de uma mísera galinha!

– Sim, mas, como já lhe disse há pouco, não é a causa que interessa, e sim o resultado.

– E já que há nove pessoas mortas, é imprescindível que haja uma décima?

– Claro que não – retorquiu Luciano, notando talvez a irritação e o espanto que transpareciam em minhas palavras. – Por isso me tornei o juiz da questão.

– Na certa a pedido de uma das famílias.

– Oh! não, de modo nenhum. A pedido de meu irmão, a quem falaram em casa do ministro da

Justiça. Não sei por que diabo eles, em Paris, têm que se intrometer nas coisas que acontecem num obscuro povoado da Córsega. Tenho quase certeza de que foi o prefeito quem nos pregou a peça, escrevendo para Paris e dizendo que, se eu quisesse, poderia intervir e liquidar a questão com uma palavra, como num espetáculo de teatro, com casamento e final feliz.

Luciano deu um suspiro.

– Meu irmão, é claro, segurou a oportunidade pelos cabelos: escreveu-me logo dizendo ter comprometido a sua palavra de que eu procuraria arranjar as coisas. Diante disso, nada pude fazer senão me transformar no apaziguador de Sullacaro. Ninguém dirá que um De Franchi empenhou a palavra e seu irmão não honrou o compromisso.

– E você então conseguiu um acordo entre os dois grupos em briga?

– Acho que sim. Embora aqui na Córsega, como lhe disse, vivamos de surpresa em surpresa.

– O homem que vamos ver esta noite é o chefe de um dos partidos?

– Sim.

– Um Orlandi ou um Colona?

– Um Orlandi.

– E onde se dará o encontro?
– Nas ruínas do castelo de Vicentello d'Istria.
– É muito longe daqui?
– Não muito. Mais ou menos a uma légua de distância.

– Quanto tempo levaremos para chegar ao local?

– No máximo quarenta e cinco minutos – respondeu o rapaz, depois de alguma hesitação.

– Quarenta e cinco minutos? – repeti eu, pensando: "Que o Senhor me dê pernas fortes!" Já me sentia exausto só em imaginar o estirão que teria de andar!

– Luciano – interveio a Sra. de Franchi –, lembre-se de que para um montanhês como você bastarão apenas quarenta e cinco minutos; mas para um parisiense a coisa não será tão fácil: ele não passará com a mesma facilidade pelos caminhos íngremes que você atravessa.

Luciano coçou a cabeça.

– Tem razão, minha mãe. Talvez precisemos, no mínimo, de hora e meia.

– Nesse caso, não devem perder tempo – replicou a Sra. de Franchi, dando um olhar para o relógio da parede.

— Até já, minha mãe — disse Luciano, beijando-lhe a mão.

Depois virou-se para mim.

— Em todo o caso — disse — se o nosso hóspede prefere acabar tranqüilamente a ceia, subir um momento ao quarto, aquecer os pés e fumar um bom charuto, eu o compreenderei perfeitamente. Deve estar morto de cansaço.

— Nem pense nisso! — repliquei eu, energicamente. — Que diabo! Você me prometeu um bandido. Quero o meu bandido!

— Pois bem: apanhemos então as espingardas, e a caminho!

A Sra. de Franchi sorria do meu ânimo. Saudei-a respeitosamente e deixamos a sala. Grifo ia na frente, para nos iluminar o caminho.

Subindo ao meu quarto, afivelei um cinturão de viagem que mandara fazer em Paris; dele pendiam o facão de caça, pólvora e chumbo. Afinal de contas, eu estava na Córsega!

Luciano também trazia sua cartucheira, uma espingarda de dois canos de Manton e na cabeça um lindo barrete bordado.

Os preparativos não duraram mais de cinco minutos.

– Devo ir com o senhor? – perguntou Grifo.

– Não é preciso – respondeu Luciano –, mas solta Diamante; é provável que, com esse luar, consigamos abater algum faisão e nesse caso vamos precisar dele.

Um momento depois, um grande cachorro espanhol pulava entre as nossas pernas, ganindo de alegria ante a perspectiva do passeio.

Sáímos. O luar fazia a noite quase tão clara quanto o dia.

Luciano virou-se para Grifo:

– Ah, ia-me esquecendo. Avisa na aldeia que se ouvirem tiros de espingarda na montanha, somos nós que estamos caçando.

– Fique tranqüilo, senhor.

– Se não forem avisados – acrescentou Luciano para mim – são capazes de pensar que as hostilidades recomeçaram e logo ouviremos a resposta aos nossos tiros pelas ruas de Sullacaro.

Sáímos da casa. Dentro de poucos minutos, tomamos uma viela à direita que conduzia diretamente à montanha.

CAPÍTULO 6

O CÃO E O MUCCHIO

Uma brisa deliciosa soprava do mar, trazendo até nós um perfume áspero e vivo.

A lua, felizmente para mim, tornava muito claro o caminho, impedindo-me de tropeçar nos acidentes do terreno. Acostumado desde que nascera àquela região, Luciano galgava com a tranqüilidade de um cabrito o monte à nossa frente.

De vez em quando eu olhava para trás e via a ilha, lá embaixo, toda banhada de luar. Que espetáculo! Era estranho pensar que sob aquela aparência tão calma escondiam-se ódios de séculos, que matavam pais, filhos e os filhos dos filhos.

Naquele momento, esquecida de tudo, a Córsega dormia.

À medida que subíamos avistávamos melhor o Mediterrâneo, espelho de prata que rodeava a terra corsa.

O ruído dos grilos era agradável e tranqüilizador. O mesmo eu não diria de outros barulhos totalmente desconhecidos que acompanhavam nossa caminhada. Totalmente desconhecidos para mim, é claro! Luciano parecia conhecê-los perfeitamente. A apreensão que me causavam não era compartilhada por meu companheiro.

Finalmente, chegamos a um trecho em que o caminho se dividia em dois: num atalho que parecia dar a volta à montanha e em outro, pouco visível, que dobrava à direita.

Luciano parou.

– Então – disse-me ele – você tem pé de alpinista?

– Pé, talvez – respondi –; mas olho, não.

– Costuma ter vertigens?

– Infelizmente sim. A altura não me faz lá muito bem.

– Nesse caso, evitemos os precipícios. Vamos por este caminho que só nos oferece dificuldades de terreno.

– Ótimo. Os terrenos acidentados não me assustam.

Luciano avançou primeiro por um pequeno

bosque de azinheiras. Eu o segui, afastando os ramos que às vezes me impediam o caminho.

Diamante corria à nossa frente uns cinqüenta ou sessenta passos, ora à direita, ora à esquerda, movendo alegremente a cauda como para nos anunciar que podíamos prosseguir sem perigo.

Repentinamente, o cão se deteve, orelhas em pé. Luciano levantou a espingarda pronto para qualquer emergência. Paralisado, senti meu coração disparar dentro do peito, enquanto tentava enxergar entre as árvores do bosque. O que poderia ser?

De súbito, Diamante disparou pelo bosque atrás de algo que se movia na frente.

Luciano baixou a espingarda.

— Ora! — exclamou, entre aliviado e decepcionado. — É apenas uma lebre dos montes!

O susto me impediu de perguntar o que pensara que fosse.

Via-se que Diamante fora ensinado a caçar o bípede e o quadrúpede, isto é, bandidos e animais, como certos cavalos que são animais de sela e de cabriolé.

A fim de mostrar a Luciano que eu, aos poucos, ia conhecendo os costumes corsos, comuniquei-lhe minha observação.

— Pois está enganado — respondeu ele. — Diamante caça realmente homens e animais, mas o homem que ele caça não é o bandido e sim um misto de gendarme e de guarda da polícia voluntária.

— Como! Então Diamante é um cachorro de bandido?

— Sim, se quiser chamá-lo desse modo. Ele pertenceu a um Orlandi a quem eu, de vez em quando, enviava comida, pólvora, balas, cobertores, coisas desse tipo, enfim, muito necessitadas por um foragido. Esse Orlandi foi morto por um Colona certo dia; no dia seguinte recebi o seu cachorro, que estando acostumado a vir a minha casa habituou-se a mim com facilidade.

— Do meu quarto avistei um outro cachorro brincando no pátio. Foi também de um Orlandi?

— Não. Brusco tem as mesmas qualidades que o Diamante, mas pertenceu a um Colona morto por um Orlandi. Por isso, quando vou visitar um Colona levo Brusco; e quando tenho algo a tratar com um Orlandi levo Diamante. Mantemos sempre um animal preso enquanto o outro está solto. Caso contrário, meu amigo, eles lutariam entre si até um dos dois tombar morto. Os homens — continuou

Luciano após um momento — podem se acomodar, mas os cachorros jamais fariam as pazes. São mais dignos e mais fiéis às suas paixões.

Notei a amargura de suas palavras.

— Diamante e Brusco são dois verdadeiros cachorros corsos, então — disse eu, procurando consolá-lo. — Mas onde foi parar Diamante? Acho que ficou encabulado com os elogios que lhe fez.

— Não se preocupe — disse Luciano. — Sei onde ele está.

— Sim? Onde?

— No Mucchio.

Quando eu ia perguntar onde era o tal Mucchio, ouvi um prolongado e triste uivo. Estremeci e parei, segurando o braço de Luciano.

— O que é isso?

— Nada — respondeu ele. — É Diamante chorando.

— E por que chora?

— Pelo dono. Os cachorros, meu caro, não são como os homens, já lhe disse. Jamais esquecem aqueles que os estimaram um dia.

— Ah, sim.

Um segundo uivo cortou os ares, ainda mais triste e lamentoso que o primeiro.

— Por acaso — perguntei — o Mucchio é o túmulo do antigo dono de Diamante? É lá que o animal está agora?

— Sim. Mucchio é o monumento que os transeuntes erguem sobre a campa de todo o homem assassinado, atirando-lhe uma pedra ou um ramo silvestre. Assim, ao invés de se apagar e desaparecer com o tempo, como acontece aos outros túmulos, o Mucchio faz com que a tumba da vítima cresça incessantemente, símbolo da vingança que deve sobreviver ao morto e aumentar cada vez mais no coração de seus parentes mais próximos.

Continuamos a andar, agora em silêncio.

Subitamente, um terceiro uivo chegou até nós, e desta vez tão perto que senti um calafrio na espinha, embora agora já conhecesse os motivos de Diamante.

Realmente, quando dobramos uma curva do caminho avistei, a uns vinte passos de distância, um monte de pedras formando uma pirâmide de quatro ou cinco pés de altura. Era o Mucchio.

Junto ao estranho monumento, de pescoço estendido e goela aberta, estava Diamante.

Luciano tirou o barrete, apanhou uma pedra do chão e se aproximou do Mucchio. Eu fiz o mesmo.

Junto à pirâmide, ele quebrou um ramo de azinheira, jogou primeiro a pedra e depois o ramo. Em seguida fez com o polegar um rápido sinal da cruz, gesto comum entre os corsos e ao qual o próprio Napoleão recorreu em ocasiões difíceis.

Eu o imitei. Depois de um momento, reiniciamos a caminhada, silenciosos e pensativos.

Diamante ficou para trás.

Uns dez minutos depois ouvimos um último uivo do cachorro e dali a poucos instantes o animal passou por nós. Vinha de cabeça baixa e cauda descida, mas num passo rápido que logo o colocou a uma boa distância de nós. O cão fiel fora deixado para trás. Lá estava, novamente, o nosso batedor Diamante.

CAPÍTULO 7

HISTÓRIA DE UMA VENDETTA

Continuamos avançando. O caminho, como avisara Luciano, tornava-se cada vez mais íngreme.

Como agora precisasse das duas mãos, pus minha espingarda a tiracolo. Meu hospedeiro continuava a subir como se caminhasse num terreno sem a menor dificuldade. De vez em quando dava uma olhadela para trás, naturalmente para certificar-se de que eu o seguia ou se teria caído numa vala.

Após alguns minutos de escalada através das penedias, agarrando-nos em sarmentos e raízes que cresciam no monte, chegamos finalmente a um platô: lá estavam as ruínas do castelo de Vicentello d'Istria, objetivo de nossa viagem.

Até chegarmos às ruínas propriamente ditas, tivemos que escalar ainda, por uns cinco minutos,

pedras e vegetação.

Na última etapa, Luciano estendeu a mão e ajudou-me a subir.

— Ora viva! — exclamou ele. — Para um parisiense, você até que não se comporta mal.

— É que este parisiense — respondi, depois de retomar o fôlego —, embora não seja um cabrito como você, já fez algumas excursões deste gênero.

— Ah, sim — comentou Luciano, rindo. — Vocês têm em Paris uma montanha que se chama Montmartre, não é?

— Temos; mas além de Montmartre, seu orgulhoso, já subi em outras montanhas, como o Righi, o Faulhorn, a Gemmi, o Vesúvio, o Stromboli e o Etna.

— Puxa! — exclamou ele. — Nesse caso quem vai rir de mim é você, pois até hoje subi apenas ao monte Rotondo. Como pode ter feito tantas escaladas se tem vertigem de altura?

— Ah, mas isso foi há muitos anos. Naquela época, enfrentava qualquer montanha.

— Bem, chegamos — disse Luciano, ao atingirmos finalmente o castelo arruinado. — Quatro séculos atrás, meus avós teriam dito: "Bem-vindo seja ao nosso castelo". Hoje em dia o

descendente deles aponta para estas pedras e lhe diz: "Bem-vindo seja às nossas ruínas".

— Este castelo pertence então à sua família desde a morte de Vicentello d'Istria? — perguntei curioso.

— Desde antes. Seus primeiros habitantes foram Luciano de Franchi e sua mulher, a famosa Savília. Mas, inúmeras peripécias aconteceram ao castelo, que foi perdido e retomado algumas vezes por nossa família.

Fiquei em silêncio por um momento, enquanto olhava em torno as majestosas ruínas banhadas de luar. Até que não me contive:

— Escute, Luciano, o historiador Filippini não conta uma história terrível a respeito de Savília de Franchi? Ou estarei enganado?

— Não, não está. Se fosse de dia, você poderia ver daqui mesmo as ruínas do castelo de Valle. Era lá que morava o Sr. de Giúdice, tão feio e detestado, quanto Savília, a castelã daqui, era formosa e estimada. O homem apaixonou-se por ela, já então viúva de Luciano. Como Savília não desse mostras de corresponder a esse amor, Giúdice mandou avisá-la audaciosamente que, se ela não o quisesse por bem, seria obrigada a

aceitá-lo pela força: se não se casasse com ele dentro de um certo prazo, ele a roubaria. Savília de Franchi — prosseguiu — não era alguém que se deixasse intimidar. Assim, fingiu ceder finalmente a Giúdice e o convidou para jantar em sua casa. O homem ficou no auge da alegria. Esquecera completamente suas ameaças ofensivas, achando que Savília optara pela solução mais sábia. No dia do jantar, compareceu ao castelo acompanhado apenas de três servidores. Mas Savília preparara-lhe uma surpresa: logo que as portas se fecharam sobre eles, Giúdice foi agarrado e trancafiado num calabouço. Venha — sugeriu-me Luciano —, vamos dar uma volta pelas ruínas.

Passamos por pedras irregulares cobertas de relvas e chegamos a uma espécie de pátio interno.

Os muros que ainda permaneciam de pé projetavam misteriosas sombras no chão.

Luciano consultou o relógio.

— Estamos vinte minutos adiantados — murmurou ele. — Vamos sentar um pouco. Você deve estar cansado.

Sentamo-nos, ou melhor, deitamo-nos num declive coberto de trevo que ia dar numa larga fenda mais adiante.

Durante algum tempo olhamos o céu claro e límpido da Córsega.

— Sabe, Luciano — falei eu, interrompendo o silêncio —, tenho a impressão de que você não me contou tudo sobre Savília de Franchi.

— É verdade — respondeu. — Onde paramos? Ah! Sim. Com Giúdice trancado no calabouço. Bem, todas as tardes, Savília entrava no calabouço onde estava trancafiado Giúdice, e uma vez lá, separada do inimigo apenas por uma grade, despia-se e mostrava-se nua ao homem do outro lado da grade.

"Giúdice — dizia-lhe ela —, como é que um homem tão horrendo como você pôde pensar que um dia possuiria tudo isto?"

— Ela o torturou desse modo durante três meses, duas vezes por dia — continuou Luciano. — Ao fim de três meses, contudo, para desgraça de Savília, Giúdice conseguiu subornar um guarda e fugiu. Para um homem vingativo como ele, a desforra era uma questão de tempo.

"Pois foi o que aconteceu — prosseguiu meu interlocutor. — Ao cabo de quinze dias, Giúdice armou um pequeno exército de vassallos e assediou o castelo de Savília até tomá-lo. Isso feito, apoderou-se dela e exibiu-a nua dentro de uma grande jaula

de ferro, numa clareira da floresta chamada Bocca di Cilaccia, oferecendo ele próprio a chave da jaula a todos os passantes. Ao fim de três dias dessa prostituição pública, Savília estava morta."

Ficamos calados durante algum tempo, pensando no destino terrível daquela que habitara exatamente no local onde nos encontrávamos.

— Seus antepassados — comentei para Luciano — compreendiam bem a vingança. Mas parece-me que seus descendentes degeneraram bastante, pois agora contentam-se em matar com um tiro de espingarda ou uma punhalada certa. . .

— O pior — disse rindo Luciano — é que acabarão por não se matarem de todo. Mas a luta entre as famílias De Franchi e Giúdice foi terrível: os dois filhos de Savília, que eram ainda garotos quando se deu a morte da mãe, estavam em Ajácio sob a guarda de um tio já velho, mas que os educou como verdadeiros corsos. Assim que tiveram idade suficiente, puseram-se a guerrear os filhos de Giúdice.

"Esta luta entre os De Franchi e os Giúdice — continuou ele — durou nada menos de quatro séculos. Só terminou no dia 21 de setembro de 1819, às onze horas da manhã, data que o senhor deve ter

visto nas carabinas de meu pai e minha mãe."

– Sim, lembro-me dessa inscrição. Fiquei aliás muito curioso, mas esqueci depois de lhe perguntar o significado que teria.

– A história é a seguinte: em 1819, restavam da família dos Giúdice apenas dois irmãos; dos De Franchi existia apenas meu pai, que se casara com uma prima. Pois bem: três meses após esse casamento, os Giúdice resolveram acabar conosco de uma vez.

"Um dos irmãos – continuou Luciano – ficou de tocaia na estrada de Olmedo, esperando meu pai que voltava de Sartene. O outro Giúdice, aproveitando essa ausência, iria assaltar nossa casa. A sorte de meus pais é que foram prevenidos a tempo: logo que minha mãe recebeu o aviso do marido através de um homem de confiança, reuniu os nossos pastores e pôs-se ela mesma à espera, de carabina em punho, apoiada a um pequeno quadrado de madeira recortado na janela. Por sua vez, meu pai, na montanha, tomou as precauções necessárias. Desse modo, quando o ataque foi executado, encontrou os dois De Franchi bem defendidos.

"Após cinco minutos de luta, os dois irmãos

Giúdice tombavam mortos, um atingido por meu pai e outro por minha mãe. Meu pai olhou o relógio: eram exatamente onze horas. Em sua casa, por uma estranha coincidência, minha mãe fez o mesmo gesto: eram exatamente onze horas: A raça dos Giúdice fora exterminada ao mesmo tempo."

Luciano deu um suspiro e continuou:

— A partir desse dia vitorioso, a família De Franchi, depois de quatro séculos de luta, passou então a viver tranqüilamente, nunca mais se envolvendo em nenhuma contenda. Para celebrar o combate final, meu pai mandou gravar nas duas carabinas a data e a hora do acontecimento, pendurando-as lado a lado. Sete meses depois minha mãe teve dois gêmeos: este montanhês da Córsega que aqui vê e seu irmão Luís, o cosmopolita.

— Sinto que você lamenta ter nascido tarde demais para participar da *vendetta* com os Giúdice, hem Luciano? — brinquei eu.

Ele deu uma gargalhada.

— Talvez tenha razão — respondeu. — Confesso que a vida aqui na Córsega anda um pouco monótona para o meu gosto.

— Por que não começa outra luta? Dê um soco

no queixo de seu vizinho, chame Luís e ponha novamente a família De Franchi em pé de guerra!

Nova risada de Luciano.

— Por favor — disse —, deixe o pobre Luís fora disso. Não há ninguém que tenha mais horror à violência do que ele. Acho que não concordaria com a sua proposta. Além disso, meu vizinho é um santo homem e meu parceiro de cartas pelo menos duas vezes por semana.

Foi a minha vez de rir.

— Bem, já que é seu parceiro de cartas, vamos poupá-lo; não. . .

Fomos interrompidos por um leve ruído atrás de nós. Olhamos imediatamente naquela direção. Numa parte do terreno iluminada pelo luar destacavam-se as sombras de um homem e de um cachorro. Eram Orlandi e nosso amigo Diamante.

Nesse exato momento ouvimos o sino do relógio de Sullacaro bater nove badaladas com lentidão.

Fiquei impressionado com a pontualidade do bandido: este seguia à risca o exemplo de Luís XIV, para quem a exatidão no cumprimento dos horários era a polidez dos reis. E quem seria mais rei daquela áspera região montanhosa do que Orlandi, que conhecia todos os seus recantos?

Luciano e eu nos levantamos, dirigindo-nos para o homem que esperava.

CAPÍTULO 8

O BANDIDO ORLANDI

Está acompanhado, Sr. Luciano? — perguntou o bandido.

— Não se preocupe com ele — respondeu o rapaz. — Este senhor é um amigo meu que ouviu falar sobre você e quis conhecê-lo. Achei que não devia recusar-lhe este prazer.

— Nesse caso, seja bem-vindo — disse Orlandi, inclinando-se educadamente.

Correspondi ao cumprimento como se estivesse ante o rei de França, pois sei como os corsos são rígidos em matéria de etiqueta. O bandido deu alguns passos em nossa direção.

— Já estão aqui há muito tempo? — perguntou.

— Há uns vinte minutos — respondeu Luciano.

— Ah, por isso ouvi os uivos de Diamante no Mucchio e há uns quinze minutos ele está comigo. É um cachorro fiel, hem, Sr. Luciano?

— Isso mesmo, Orlandi. Diamante é um excelente animal — falou Luciano, enquanto acariciava o pêlo macio do cachorro.

O pensamento tanto de Orlandi quanto de Luciano voara para o antigo dono de Diamante que jazia agora no Mucchio. Na minha cabeça, entretanto, se formava uma pergunta.

Voltei-me para Orlandi.

— Se sabia que Luciano estava aqui — perguntei —, por que não apareceu antes?

— Porque o nosso encontro estava marcado para as nove horas — disse ele — e é tão impontual chegar quinze minutos antes como quinze minutos depois.

— Está me censurando, Orlandi? — perguntou rindo Luciano.

— Não, de modo nenhum; o senhor pode ter tido algum motivo para modificar seus hábitos. Além disso, veio acompanhado, e talvez tenha sido por causa deste senhor que sua pontualidade se alterou. Sei melhor do que ninguém como é rigoroso quanto aos horários; graças a Deus o senhor tem se incomodado bastante por minha causa...

— Deixemos isso para lá, Orlandi; esta vez será

provavelmente a última.

O rosto de Orlandi assumiu uma expressão meio constrangida.

— Temos algo a conversar sobre isso, não? — perguntou o bandido com voz sumida.

— Sim, se quiser acompanhar-me. . .

— Estou às suas ordens.

Luciano virou-se para mim.

— Vai desculpar-me, não é? Nossa conversa será rápida.

— Por favor, fique à vontade!

Ambos se afastaram, dirigindo-se para uma parte do terreno bastante iluminada pela lua. As duas silhuetas fariam um bom alvo para seus inimigos, pensei com meus botões.

Pus-me a observar sobretudo Orlandi com atenção. Era um homem alto, de grande barba, e vestia-se exatamente como o jovem De Franchi. A única diferença é que sua roupa mostrava vestígios de um contato prolongado com o mato e os espinhos. Por várias vezes fora obrigado a fugir dos gendarmes corsos através da vegetação cerrada, o que causara aos seus trajes alguns rasgões.

A poeira cobria também, numa camada fina, as calças e a camisa, pois Orlandi dormia todas as

noites no chão, sob as estrelas.

Não consegui entender uma só palavra do que diziam: primeiro porque estavam a uns vinte passos de mim e segundo porque falavam o dialeto corso, do qual eu não sabia patavina.

Compreendi, entretanto, pelos gestos enérgicos de Orlandi, que o bandido recusava algo que lhe era dito por Luciano. Este não parecia se abater; começava tudo de novo com uma calma que mostrava bem sua imparcialidade diante do assunto.

Aos poucos, os gestos de Orlandi foram ficando menos freqüentes e mais calmos; suas palavras eram pronunciadas num tom menos alto até que afinal se transformaram num murmúrio. A última frase de Luciano foi recebida pelo bandido com um balançar afirmativo de cabeça. Depois disso, Orlandi estendeu a mão ao rapaz e ambos puseram-se a caminhar em minha direção.

— Meu caro — disse-me Luciano —, Orlandi deseja apertar-lhe a mão para agradecer-lhe.

— Agradecer-me o quê?

— Ter consentido em ser um de seus padrinhos. Prometi-lhe isso em seu nome.

— Se você lhe prometeu algo em meu nome,

aceito sem nem mesmo saber do que se trata.

Estendi a mão a Orlandi, que me honrou com a ponta dos dedos.

— Alexandre — falou Luciano para mim —, agora poderá dizer a meu irmão que tudo está resolvido, de acordo com a vontade dele. Haverá até mesmo um contrato entre as duas partes para você assinar. E talvez um casamento.

— Sim? — exclamei eu, espantado.

Luciano sorriu.

— Já, já, não — respondeu. — Mas é provável que aconteça. Bonomi Orlandi e Graziella Colona simpatizam um com o outro e fariam um belo par.

O bandido fechou a carranca.

— Ora, Orlandi — censurou-o Luciano. — Sabe muito bem que o coração passa por cima das velhas brigas entre as famílias. Além disso, os moços não dão um caracol pelas tradições. E talvez até mesmo estejam com a razão — suspirou.

— A ver meu filho casado com uma Colona — respondeu Orlandi — preferiria trancafiá-lo no celeiro pelo resto de sua vida. Paz sim, já que o senhor tanto insiste sobre isso, mas casamento jamais.

— Respeito suas razões, Orlandi, mas repito que

fariam um magnífico casal, ainda que isso possa aborrecê-lo. Mas falemos de outra coisa.

Luciano virou-se para mim.

– Ouviu alguma coisa enquanto falávamos?

– A conversa entre você e Orlandi? Claro que sim – respondi.

– Não me refiro à conversa. Não ouviu o cacarejar de um faisão bem perto de nós?

– Ouvi, mas não imaginei que aquele ruído fosse produzido por um faisão.

– Pois foi – confirmou Orlandi. – Há um faisão empoleirado no grande castanheiro que o Sr. Luciano conhece, a cem passos daqui. Eu o ouvi quando passei, momentos atrás.

– Nesse caso – disse Luciano, contente –, vamos tratar de comê-lo amanhã.

Orlandi cocou a cabeça.

– Ele já estaria no chão se eu não temesse que na aldeia pensassem: "Já está Orlandi atirando num Colona".

– Não se preocupe, Orlandi – disse Luciano.

– Mandeí Grifo avisar em Sullacaro que talvez caçássemos um pouco. Por falar nisso – continuou o rapaz, voltando-se para mim –, cedo-lhe a vez.

– Por favor, Luciano. Faço absoluta questão de

comer minha parte do faisão amanhã, e seu tiro deve ser mil vezes mais certo do que o de um pobre parisiense — falei.

Luciano riu.

— Bem — disse ele —, atirar deve ser uma das poucas coisas que um "pobre corso" faz melhor do que um "pobre parisiense". Além disso, você não deve ter o hábito, muito comum entre nós, de caçar à noite, e certamente atiraria baixo demais. De qualquer modo, se não tiver nada para fazer amanhã de manhã, poderá tirar a sua desforra.

CAPÍTULO 9

A VENDETTA *FRACASSADA*

Abandonamos as ruínas e fomos nos internando no mato em declive. Luciano, com a espingarda engatilhada, marchava à frente.

Quando entramos num bosque de castanheiros, o faisão pôs-se novamente a cacarejar. Imóveis, procuramos nos guiar pelo ruído: o faisão se escondia entre os ramos de uma árvore cercada por arbustos espessos e de difícil acesso, a uns oitenta passos de distância.

Toquei o ombro de Luciano.

— Como poderá se aproximar sem que ele o ouça? — perguntei. — Vai ser difícil.

— É verdade — respondeu-me, após um momento. — Se ao menos eu pudesse enxergá-lo, atiraria daqui mesmo.

— Daqui? Sua espingarda é tão poderosa que mata faisões a oitenta passos de distância?

– Com chumbo, não. À bala, sim.

– Ah! Então, ainda bem que não sou eu quem vai atirar.

– Quer ver o faisão? – perguntou Orlandi.

– Sim. Precisamos comê-lo amanhã – respondeu Luciano.

– Espere um momento.

Orlandi levou as duas mãos junto à boca e pôs-se a imitar o cacarejo da fêmea do faisão.

Pouco depois percebemos um movimento entre as folhas do castanheiro. O faisão subia de ramo em ramo, respondendo com cacarejos ao apelo que lhe fazia Orlandi.

Finalmente, bem no alto da árvore, surgiu ele. Sua forma destacava-se perfeitamente visível contra o céu. A emoção por termos conseguido que a ave aparecesse me fez estremecer.

Orlandi calou-se. O faisão ficou imóvel, como se pressentisse que algo de estranho se passava.

Felizmente Luciano não perdeu tempo. Empunhou a espingarda e após um rápido momento em que fez uma perfeita pontaria, atirou.

O faisão foi acertado em cheio. Confesso que não pude evitar um grito de alegria, logo acompanhado pelas providências que se toma diante de uma caça

tombada.

– Vai buscá-lo – gritou Luciano a Diamante.

O cachorro não esperou segunda ordem: meteu-se pelos arbustos cerrados e dali a cinco minutos voltou com o faisão na boca. A bala atravessara-lhe o corpo.

– Que belo tiro, Luciano! – exclamei eu. – Você é um campeão.

– Ora! Grande vantagem! – disse Luciano. – Um dos canos é raiado e dispara as balas como uma carabina.

– Não importa. De qualquer modo esse tiro merecia um primeiro lugar em qualquer concurso.

– Com uma carabina mesmo – disse Orlandi –, o Sr. Luciano acerta a trezentos passos numa moeda de cinco francos.

– Você atira com pistola tão bem como com a espingarda? – perguntei a Luciano.

– Mais ou menos – respondeu. – Consigo atingir com seis balas entre doze a lâmina de uma faca colocada a vinte e cinco passos de distância.

Dei um assobio.

– Seu irmão é tão bom no gatilho quanto você, Luciano?

– Meu irmão? Pobre Luís! Acho que não

consegue nem distinguir uma espingarda de uma pistola. Meu medo é que se envolva em alguma dificuldade em Paris e, por ser valente, deixe-se matar para não desonrar seu nome e o nome de sua terra.

Luciano abriu sua sacola e ajeitou cuidadosamente o faisão lá dentro.

— Bem, meu caro Orlandi — disse ele —, então até amanhã.

— Até amanhã, Sr. Luciano.

— Sei que você é pontualíssimo: às dez horas, você, seus amigos e parentes estarão no extremo da rua, não é assim? Do lado da montanha, à mesma hora, no extremo oposto, Colona chegará com o pessoal dele. Nós estaremos na escadaria da igreja.

— Muito bem, Sr. Luciano. Obrigado por tudo que tem feito. E ao senhor, cavalheiro — disse Orlandi, estendendo-me a mão —, obrigado pela honra que me dá em ser meu padrinho.

Apertamo-nos as mãos e nos separamos. Orlandi tornou a se internar no mato enquanto caminhávamos em direção à aldeia.

Nesse momento, notei uma coisa curiosa: Diamante ficou indeciso entre Orlandi e nós, olhando ora para a esquerda, ora para a direita.

Depois de alguns instantes, afinal resolveu nos dar a honra de sua companhia.

Chegara para mim o terrível momento de descer a encosta pedregosa; quando a subira, pensara com meus próprios botões de que modo a desceria, pois, mesmo apesar da lua, eu poderia despencar com facilidade lá de cima: bastava tropeçar num acidente do terreno.

Felizmente Luciano adivinhou os meus temores, enveredando por um caminho diferente daquele pelo qual viéramos.

Como a descida era branda, sem os sacolejões da subida, podíamos conversar. Ainda não tínhamos dado cinqüenta passos quando me deixei arrastar pelas perguntas, como sempre.

— Então, as pazes entre as duas famílias foram feitas?

— Sim. Ufa! Que trabalho me deram! Consegui convencer Orlandi dando-lhe a entender que todos os esforços partiram dos Colona. Em primeiro lugar eles tiveram cinco homens mortos, ao passo que os Orlandi só tiveram quatro. Os Colona concordaram ontem com a reconciliação, mas os Orlandi só hoje deram o seu consentimento. Os Colona prometeram devolver

publicamente uma galinha viva aos Orlandi, num gesto que prova o reconhecimento do antigo erro. Esta última parte foi que decidiu Orlandi a se reconciliar com o inimigo.

– E amanhã é que tudo será resolvido?

– Sim, amanhã às dez horas. Até que o senhor teve sorte, não é, já que esperava ver uma *vendetta*!

Teve um riso amargo.

– Bela *vendetta*! Há quatrocentos anos não se ouviu falar de outra coisa na Córsega. De qualquer forma, verá uma reconciliação, coisa muito mais rara que uma *vendetta*.

Pus-me a rir.

– Você tem toda a razão de se rir de nós: somos mesmo uma gente muito esquisita!

– Não, não é isso. Estou rindo porque está furioso consigo mesmo de ter conseguido o término da briga Orlandi-Colona. Ah, Luciano, acho impossível alguém ser mais corso do que você!

– Pois gostaria que visse com que eloquência defendi o restabelecimento da paz. É pena que o assunto, além de ter sido conversado em particular com o chefe de cada família, foi todo discutido em dialeto corso. Mas volte daqui a dez anos — concluiu — e fique certo de que todo o mundo

falará francês.

Fiquei em silêncio, observando meu companheiro enquanto caminhávamos.

— É admirável o amor que você tem por esta terra, Luciano — falei. — Você é um excelente advogado da Córsega.

— Não, não. Sou apenas um árbitro; Luís empenhou a minha palavra: pois bem. Tentei cumprir a missão do melhor modo possível, sem deixar que minha opinião sobre o assunto interferisse na solução do caso. Se me nomeassem juiz entre Deus e o Diabo procuraria fazer com que chegassem a um acordo, embora no íntimo estivesse convencido de que Deus, dando-me ouvidos, estaria cometendo uma grande tolice.

Percebendo que esse tipo de conversa irritava muito Luciano, tratei de mudar de assunto. Como por seu lado ele não tentou alimentá-lo, caminhamos em silêncio durante algum tempo.

Estava eu imerso em meus pensamentos quando o som de um tiro me sobressaltou. Olhei imediatamente para Luciano, que se imobilizara. Imittei-o, voltando o rosto na direção do som. O eco de um novo tiro cortou os ares, desta vez seguido de intensa fuzilaria.

— Orlandis e Colonas puseram-se a brigar novamente! Meu Deus, o que terá acontecido com Grifo? — exclamou Luciano. — Por que não avisou que íamos caçar?

Sua voz mostrava-se extremamente aflita. Um calafrio de emoção me percorreu a espinha de alto a baixo. Se o próprio Luciano, acostumado desde criança a essas reviravoltas corsas, estava tão nervoso, é que a situação deveria ser de uma seriedade absoluta.

— O que poderá fazer para contornar a situação, Luciano? — perguntei.

— Não tenho a mínima idéia, Alexandre. De qualquer modo, tenho que voar para Sullacaro. Se estiver muito cansado para correr, volte tranqüilamente.

— De modo nenhum, Luciano. Vou com você.

É impossível descrever a rapidez com que disparamos pelos campos e bosques iluminados pela lua. Diamante, como sempre, ia na frente, animado por nossa correria.

Eu me esforçava ao máximo para não perder meu companheiro de vista: ele movia-se com a ligeireza de uma lebre, desviando-se de pedras e árvores, saltando fossos, superando enfim qualquer

obstáculo que se atravessasse em nosso caminho. Um toco de árvore quase fez com que eu me estatelasse no chão, mas consegui recuperar o equilíbrio.

Metade movido pela curiosidade do que estaria acontecendo, metade movido pelo orgulho de poder acompanhar um curso àquela velocidade e em seu próprio terreno, sentia minhas roupas se rasgarem aqui e ali contra os galhos e meus sapatos se lascarem contra as pedras, mas nada me faria parar.

Já não tinha mais o mínimo fôlego quando Luciano diminuiu a corrida e pôs-se a caminhar. Ah! Como abençoei aquilo! Confesso que estava a ponto de estourar, a boca aberta e ressecada, o coração saltando fora do peito.

Luciano parou de todo, olhando para mim. Percebi então que parara para que eu pudesse descansar, não porque estivesse fatigado. Fiquei abismado. Eu nunca poderia competir com ele em seu terreno, pois meu companheiro nem sequer ofegava!

Agradei-lhe mentalmente o gesto delicado, pois não podia pronunciar uma palavra.

Poucos momentos se haviam passado quando uma nova fuzilaria chegou a nossos ouvidos.

Luciano estremeceu.

– Tenho que continuar! – disse ele, novamente recomeçando a correr.

Disparei no seu encalço, agora um pouco mais descansado. Felizmente já estávamos quase chegando ao local de onde partiam os tiros.

Luciano parou atrás de um grande muro de pedra para examinar a situação.

– Os Colona cercaram a casa dos Orlandi – murmurou ele. O pior é que Orlandi, com o barulho dos tiros, deve estar descendo a montanha como um tufão!

Depois de pensar durante um momento, Luciano galgou rapidamente o muro de pedra.

– Quer vir? – perguntou ele, estendendo-me a mão.

Não hesitei, e dois segundos depois estava também em cima do muro.

Do muro, Luciano passou para um telhado próximo, situado quase à mesma altura do paredão de pedra. Pulamos mais alguns telhados, aproximando-nos cada vez mais da zona de fogo.

Luciano procurava fazer os movimentos o mais rápido possível e com o corpo curvado; imitei-o, imaginando que temia uma bala perdida.

Finalmente, diante de um pátio interno, meu companheiro parou: uma bala passou sibilando bem próxima de nós, o que nos obrigou a esconder-nos atrás de uma chaminé de tijolos vermelhos. Teríamos sido confundidos com o inimigo por alguma das duas famílias?

— Deite-se imediatamente e fique o mais possível atrás dessa chaminé! — murmurou Luciano. — É a nossa única chance!

Colei-me completamente ao telhado, procurando manter a cabeça atrás da chaminé. Nossas silhuetas recortadas pelo luar, entretanto, haviam chamado a atenção dos Orlandi, que despejaram a seguir sobre nós uma furiosa saraivada de balas.

O ombro de Luciano foi sacudido pelo impacto: um tiro o havia atingido. Meu companheiro levou rapidamente a mão ao ferimento, mas o sangue corria por entre seus dedos.

Fiquei em pânico, ali no alto daquele telhado, com Luciano ferido e as balas chovendo em torno de nós.

— Depressa! — disse ele. — Rasgue um pedaço de minha camisa e faça um torniquete. Tenho que pôr um fim a esta loucura de qualquer modo!

Minhas mãos tremiam, mas consegui fazer o

que me pediu. Já com o ombro amarrado, Luciano apoiou a cabeça na chaminé; imaginava a dor que poderia estar sentindo e isso me tornava ainda mais nervoso.

Como sairíamos dali? Um suor frio grudava minha roupa no corpo. Pensei naquele instante que havia soado nossa hora.

Luciano arrastou-se o mais que pôde para dentro do pátio, embora grudado às telhas, e gritou:

– Ouçam-me, Orlandis! É Luciano de Franchi quem fala!

Os tiros, entretanto, impediam que fosse ouvido. Depois de suportar outra chuva de balas, arrastou-se novamente para o lugar onde estávamos antes. Dessa vez ofegava.

– O único jeito é tentar com os Colona! – falou.
– Temos que voltar pelo mesmo lugar de onde viemos!

Rastejamos pelo telhado até nos pormos fora do alcance das balas que continuavam a cantar. Pulamos como dois macacos por todo o caminho de volta, e posso dizer que tivemos sorte. Com aquele tiroteio, devíamos até agradecer aos Orlandi por só terem atingido Luciano no braço!

Finalmente chegamos ao grande muro e

descemos ao chão. Não sei como Luciano conseguiu a façanha, com o braço ferido, mas o fato é que lá estávamos nós correndo por entre as casas, nos aproximando cada vez mais da rua onde lutavam.

Subitamente, Luciano estacou, fazendo sinal para que parasse também. Obedeci com o coração batendo como um tambor: ficamos ali com a respiração presa, imóveis, esperando. O que teria notado o meu companheiro? Eu não ousava perguntar nada com medo que ouvissem, e olhava atentamente a rua com manchas de luar e zonas de sombra pelo chão.

De repente, ouvi um ruído quase imperceptível: a uns cinqüenta passos de distância, um vulto destacou-se da árvore junto à qual estivera abrigado e, correndo, pulou o portão de uma casa às escuras e que me pareceu em ruínas.

Era um Colona em busca de um lugar melhor para atirar, ou que procurava penetrar na casa dos Orlandi pela parte de trás. Seus movimentos foram acompanhados de intensa fuzilaria partindo das janelas e portas dos Orlandi, e respondida dos mais variados lugares. Puxa, havia Colonas em toda a parte! Atrás das chaminés das casas vizinhas, junto às árvores, colados aos muros; as pistolas cuspiam

fogo de várias direções.

De repente compreendi o temor de Luciano: ele tinha medo de gritar e ser morto antes que soubessem de quem havia partido o grito. Do jeito como os ânimos estavam exaltados, Orlandis e Colonas atirariam no fantasma do próprio pai sem se perguntarem duas vezes!

Só havia uma solução, pensei comigo mesmo: era Luciano aproximar-se de um deles, agarrá-lo tapando-lhe a boca e dizer-lhe no ouvido: — Sou Luciano de Franchi. É claro que a solução era arriscada, mas eu não via outra.

Luciano pareceu adivinhar meu pensamento. Pronunciou um "Espere aqui" quase inaudível e começou a mover-se em direção ao renque de árvores que dividiam em duas partes as ruas de Sullacaro.

Via seu vulto esgueirar-se agilmente por entre os grossos muros das casas próximas, torcendo de todo o coração para que não o percebessem. Depois não vi mais nada: Luciano fora engolido pela enorme sombra formada pelas árvores.

Apurei o ouvido, enquanto o suor frio grudava minha roupa ao corpo. A angústia pelo que poderia acontecer a meu amigo tornava-me a boca seca e as

pernas trêmulas. Entretanto, desconhecendo o modo corso de emboscada e não estando habituado àquele gênero de coisas, qualquer tentativa de ajuda de minha parte só poderia atrapalhá-lo. Além disso, que diriam aqueles exaltados habitantes de Sullacaro ao verem um estrangeiro imiscuindo-se em seus negócios? Somente Luciano tinha autoridade para fazê-lo.

Ao mesmo tempo, sua única chance de conseguir apanhar um Colona era que este o tomasse por um deles. Via-se que aquela gente tinha um ouvido fino e não se deixaria pegar com facilidade.

De repente, uma idéia me ocorreu: e se tentasse chamar a atenção sobre mim? Havia uma chance de que Luciano pudesse atingir melhor seu objetivo se os Colona fossem atraídos por um ruído qualquer.

Assim pensando, apalpei o chão em busca de algumas pedras. Felizmente encontrei logo algumas muito boas para o que eu pretendia fazer; protegido pela esquina do muro, encomendei a alma a Deus e atirei as pedras a uns dez metros de distância.

Meu coração quase parou quando ouvi um ligeiro ruído à direita do lugar onde eu estava. Prendi inteiramente a respiração, esperando que a

qualquer momento um Colona saltasse sobre mim e me esganasse.

Um minuto inteiro transcorreu sem que nada acontecesse. Provavelmente os Colona — depois de um momento de estranheza — me haviam tomado por um de seus parentes. O que teria acontecido a Luciano? Minha aflição aumentava a cada momento.

Como se fosse uma resposta à pergunta que eu fazia, um som parecido com um gemido veio do grupo de árvores mergulhado na sombra. Pouco depois, a voz desconhecida de um Colona gritou:

— Parem todos de atirar! Luciano de Franchi está. . .

Um tiro cortou-lhe as palavras. Era Orlandi que chegara! Emboscado no alto de um telhado e vendo sua casa cercada, resolvera agir sem demora.

O tiroteio que se seguiu foi espantoso. Balas passaram zunindo pelo meu ouvido e iam se cravar nas paredes de uma casa vizinha. Durante um minuto só se ouvia o barulho e só se via o fogo cuspidor por carabinas e pistolas empunhadas pelas duas famílias.

Eu não podia recriminar os Colona, pois agora se defendiam da pontaria certa de Orlandi. Quando

os tiros diminuíram de intensidade, a voz de Luciano gritou:

– Orlandis e Colonas! É Luciano de Franchi quem fala! Parem imediatamente de atirar!

Dessa vez, por milagre, as armas silenciaram. Luciano não esperou mais:

– Houve um terrível engano! – gritou. – O tiro que ouviram na montanha foi disparado por mim contra um faisão! Orlandi não atirou em ninguém! Mandei que Grifo avisasse na aldeia sobre nossa caçada, mas algo deve ter acontecido a ele, pois não o fez! Não permitam que um engano ponha a perder o que havíamos combinado! Lembrem-se de suas esposas e filhos!

Silêncio.

De repente, uma voz gritou entre os Colona:

– Hei de arrancar o couro de todos os Orlandi se meu filho Giácomo foi morto por um tiro deles!

– Giácomo está vivo, Colona! O tiro passou-lhe de raspão pelo ombro! – gritou por sua vez Luciano.

– Se está vivo, que fale! – berrou Colona.

Uma voz mais jovem cortou a noite:

– É verdade, pai! A bala passou de raspão!

Um longo silêncio.

Novamente ouvi a voz forte de Colona:

— Quem mais está ferido entre nós? — perguntou.

Ninguém respondeu. Um estremeamento me percorreu. O silêncio podia ser tanto bom como mau. Houve uma movimentação entre as árvores, acompanhada de alguns murmúrios.

— Anselmo! — berrou a voz de Colona.

— Sim, pai! — respondeu alguém atrás da árvore mais distante.

— Napoleão! — gritou Colona, continuando o balanço de seus parentes.

— Aqui estou, tio!

— Federico!

— Tudo bem, Marco! — respondeu uma voz vinda do telhado em frente à casa atacada.

— Ferrúcio!

— Sim!

— Paolo!

— Sim!

Colona, com sua voz estentórea, continuou assim por mais cinco ou seis nomes. Eu estava completamente fascinado com aqueles velhos nomes italianos berrados através da noite corsa, e espantadíssimo ao ver que respondiam de lugares

que eu nunca teria imaginado estarem ocupados por Colonas.

Quando o último nome respondeu, respirei, aliviadíssimo. O mesmo alívio que Luciano deveria estar sentindo naquele momento.

– Há alguém ferido em minha casa? – rugiu Orlandi, com uma voz de trovão que ribomba nas montanhas.

– Não, pai! – respondeu alguém de dentro dos muros.

Minha alegria não tinha limites. Ali estava a primeira chance para se fazer a paz novamente, coisa que teria sido difícilima ou talvez impossível se alguém tivesse sido morto ou gravemente ferido.

– Orlandi e Colona! – gritou de novo Luciano.
– Felizmente ninguém ficou ferido com esse terrível engano! Sejam sensatos. Vamos celebrar a paz que estava marcada para amanhã como se nada houvesse acontecido! Tudo permanece como antes!

Um silêncio gelado acolheu as palavras de Luciano. Este sentiu que era preciso algo mais para convencê-los depois de toda aquela guerra. Saiu então de trás da árvore onde se escondia e postou-se bem debaixo do luar.

De onde eu estava, via sua silhueta bem

proporcionada, a cabeça de cabelos revoltos.

— Onde está, Colona? — falou bem alto. — Quero falar com você.

Alguns segundos se passaram antes que uma voz, vinda de trás de um muro, afinal respondesse.

Luciano abandonou a claridade do luar e internou-se na sombra, ao encontro do som que ouvira.

Longos minutos de espera se escoaram, durante os quais só ouvíamos as vozes abafadas de Colona e Luciano. Às vezes uma ou outra palavra em dialeto chegavam ao meu ouvido, mas isso de nada adiantava: o dialeto corso era e é bastante incompreensível para este parisiense.

Finalmente as vozes cessaram e ouviu-se um barulho de passos. Luciano retornou à claridade e gritou:

— Orlandi, onde está você?

— Aqui! — respondeu Orlandi, do alto de um telhado não muito longe de onde eu me encontrava.

— Desça um momento, por favor!

Depois de um ou dois minutos que pareceram a eternidade, ouviu-se um rumor de passos sobre telhas: era Orlandi descendo, provavelmente de carranca fechada e com muita má vontade.

Luciano fez com ele o mesmo que havia feito com o chefe da outra família: confabularam durante algum tempo em voz baixa, com algumas palavras mais altas, como ovelhas que tentam escapar ao controle do pastor.

Depois disso, Luciano expôs-se novamente sob o luar.

– Que os Colona voltem tranqüilos para sua casa, então! – gritou. – Que os Orlahdi fiquem também tranqüilos dentro de seus muros! Tenho a palavra dos chefes de ambas as famílias. Graças a Deus não aconteceu nada de grave e a paz será celebrada amanhã, exatamente como havíamos combinado antes!

Alguns segundos depois os Colona saíam de trás de árvores, muros e chaminés e desceram a rua, passando pela antes temida zona enluarada. Enquanto andavam, guardavam no cinto as pistolas ainda quentes do tiroteio.

Saí de meu lugar e me dirigi ao encontro de Luciano.

– Ufa! – exclamou ele, sorrindo. – Pensei que não pudesse conseguir! Tanto Colona quanto Orlandi estavam empedernidos como ursos. Em vez de paz, queriam era beber o sangue do inimigo!

— Agora está tudo certo!

— Esperemos que sim! Creio que o tiro que me deram os amoleceu um pouco.

De repente, lembrei-me do ferimento de Luciano, do qual eu imperdoavelmente havia me esquecido. O rapaz segurava o ombro com a mão esquerda, para que houvesse o mínimo de trepidação possível. Toda a minha aflição voltou:

— Luciano! — disse eu. — Vamos imediatamente ao médico!

— Sim, sim. Pelo menos há certeza de uma coisa: ele deve estar acordado!

O som de sua risada foi interrompido provavelmente pela dor.

Andamos até a casa do médico, uma casa grande e bem típica da Córsega. O homem extraiu a bala do ombro de Luciano, fez uma bandagem decente e ordenou-lhe repouso.

Quando saímos de lá, Sullacaro parecia adormecida: nada indicava a tremenda refrega de pouco tempo atrás.

— Pois é assim a Córsega, meu caro! — disse Luciano, quando lhe comuniquei minha observação espantada. — Mansa num momento e feroz no minuto seguinte.

Depois, mudando de assunto, disse, preocupado:

— Não sei o que pode ter acontecido com Grifo! É o criado mais leal de minha casa, e nunca se esqueceu de qualquer ordem que lhe desse!

Andamos em silêncio o resto do caminho até a casa dos De Franchi, sem que nos ocorresse qualquer explicação para o comportamento do criado.

A Sra. de Franchi esperava a volta do filho, sentada em imponente cadeira de alto espaldar. Sua calma me surpreendeu: o temperamento passional que possuía fora provavelmente temperado por muitos anos de *vendetta* e de acontecimentos difíceis, e controlado por sua altivez.

Levantou-se da cadeira e veio ao nosso encontro.

— A bala foi extraída, meu filho? — perguntou, ao ver seu ombro enfaixado. — Como te sentes, Luciano?

— Estou bem, minha mãe.

Ela o olhou agudamente.

— E o "senhor? — perguntou, voltando-se para mim. — Deve estar morto de cansaço. Vou mandar que preparem água quente e depois lhes sirvam uma boa ceia.

— Agora não, minha mãe. Onde está Grifo? — perguntou Luciano, com a fisionomia preocupada.

— Não sei. Desapareceu logo depois que vocês partiram. Disse que você o mandara avisar na aldeia que talvez caçassem. Depois disso não retornou.

— Alexandre — resolveu Luciano, rapidamente —, vou procurar Grifo. Não pense em me acompanhar, pois sei que deve estar exausto depois de nossa excursão e tantas emoções. — Sorriu e continuou, depois de um momento: — Tome um banho e faça uma boa ceia. Logo estarei de volta.

— Nem pense que irá sozinho — decidi. — Eu o acompanharei. Isto é, se não há nenhum inconveniente em que eu também vá.

Luciano olhou-me nos olhos, visivelmente satisfeito.

— Já que é assim — disse —, vamos logo. Até já, minha mãe.

A Sra. de Franchi o abençoou com um sinal-da-cruz e novamente saímos para a noite enluarada.

— Bem, para a aldeia Grifo não foi — disse Luciano —, senão já o teria sabido.

Ficou um momento em silêncio, pensando. De repente bateu na testa:

— Ah! Já sei. Por alguma razão, que desconheço,

ele deve ter ido atrás de mim. Vamos tentar o nosso caminho de antes.

Andamos algum tempo sem falar, palmilhando a mesma trilha que nos levara às ruínas do castelo de Vicentello d'Istria.

Havíamos subido já um bom pedaço quando uma voz, como se vinda da terra, chegou até nós. Paramos subitamente e ficamos à espreita, enquanto eu tentava sufocar as batidas fortes de meu coração. O que seria aquilo?

Como nada mais se ouvisse a não ser os ruídos típicos da noite, continuamos a andar. Não tínhamos dado cinco passos quando a voz novamente gritou, desta vez audivelmente.

– Aqui! Aqui!

– É a voz de Grifo! – exclamou Luciano. – Vamos!

Corremos na direção do som, que vinha do que me pareceu um buraco no chão.

– Grifo deve ter caído numa das armadilhas de caça espalhadas por Orlandi pela montanha – falou Luciano.

Quando chegamos ao pé do buraco, meu companheiro gritou:

– Grifo! Você está bem?

— Senhor Luciano! Que alegria ouvir sua voz! É o céu que o manda, pois já contava passar o resto dos meus dias no raio dessa cova!

— Está machucado?

— Tenho um tornozelo deslocado e não consigo andar, senhor. Mas acho que não quebrei nenhum dos ossos!

— Vamos tirá-lo daí imediatamente.

Virou-se para mim:

— Alexandre, vou descer ao buraco para ajudar Grifo. Você, auxilie-nos aqui de cima.

— De modo nenhum! — atalhei. — Você fica aqui em cima e eu desço.

Alguns momentos depois de "puxa daqui!", "segura de lá!", Grifo e eu nos encontramos sãos e salvos na superfície do solo. É verdade que o pobre Grifo quase não podia caminhar, e pior seria se tivesse quebrado uma perna ou mesmo o pescoço. Apoiando-se em mim e em Luciano, conseguiu, à custa de alguma dor, chegar até em casa.

Depois de um bom banho quente e uma abundante ceia, fomos imediatamente para a cama. Durante muito tempo, em meu sonho, ainda pulei de telhado em telhado para escapar às balas mortíferas com que enfurecidos corsos desejavam

me mandar para o outro mundo. Também no sonho
tive sorte, e acordei ileso.

CAPÍTULO 10

O PACTO ESTRANHO DOS DE FRANCHI

O sino da igreja despertou-me pela manhã, já bastante descansado e com um humor excelente.

Espreguicei-me e puxei a campainha para chamar o criado: Luís era tão requintado a ponto de ter ao alcance da mão um objeto daqueles, provavelmente a única e solitária campainha da aldeia.

Grifo apareceu logo em seguida, de pé enfaixado e mancando ligeiramente, mas com um grande jarro de água quente na mão.

- Então, como vai o tornozelo, Grifo?
- Bem melhor, obrigado, senhor – sorriu ele.
- Já posso andar, ainda que com cautela.
- Ótimo. Luciano já acordou?
- Há muito tempo, senhor.

- Ele está bem?
- Nem parece que foi ferido.

Pedi a Grifo que me trouxesse chá, enquanto eu fazia jus ao jarro de água quente. Depois de lavar-me, e como fosse ainda bem cedo, apanhei as *Orientais* de Victor Hugo na estante do futuro advogado e voltei para a cama, contentíssimo.

Saboreei o chá que me foi trazido, enquanto lia pela centésima vez o *Fogo do Céu*, que sempre me dava grande prazer. Um ruído de passos no corredor avisou-me da presença de Luciano.

- Entre! – exclamei, quando bateu à porta.

Luciano estava elegantíssimo. Vestia-se à francesa e como um verdadeiro aristocrata: trazia sobrecasaca preta, colete de fantasia e calças brancas, pois em meados de março já se usam calças brancas na Córsega.

Percebeu que eu o observava com certa surpresa.

- Está admirado da minha elegância? – perguntou, sorrindo. – É uma nova prova de que me vou civilizando.

- Não há dúvida, e confesso que estou surpreendido por encontrar um alfaiate desta categoria em Ajácio. Infelizmente eu, com minhas pobres roupas de veludo, vou fazer uma triste

figura perto de você.

Luciano riu.

— Este conjunto é nada menos que puro Humann, meu caro hóspede. O grande alfaiate que vocês têm na França. Como Luís e eu somos da mesma altura, ele se divertiu em remeter para mim um enxoval completo, o qual, diga-se a verdade, só ponho nas grandes ocasiões. Isto é, quando o prefeito passa por aqui, quando o general comandante do octogésimo sexto departamento faz a sua visita de inspeção ou então quando recebo um hóspede de sua categoria. Por acaso, essa feliz circunstância coincide com uma cerimônia tão solene e rara como a que se vai realizar daqui a pouco.

Pronto, agora era Luciano quem estava sendo irônico! Entretanto, como sua ironia não ultrapassasse os limites necessários, limitei-me a baixar a cabeça em sinal de agradecimento.

Luciano calçou lentamente um par de luvas amarelas talhadas para a sua mão por Boivin ou Rousseau, dois fabricantes de primeira classe em Paris.

Com aquela roupa e aquelas luvas, ele parecia ter saído de uma dessas revistas elegantes em que a

alta sociedade se exhibe.

Impressionado com o exemplo de Luciano levantei-me da cama de um salto e comecei a me vestir.

— Desculpe — disse ele — se na noite passada respondi de modo um pouco impaciente às suas perguntas. Peço-lhe que me perdoe e saiba que estou ao seu dispor, caso ainda queira saber alguma coisa sobre a nossa família ou sobre a Córsega.

— Não há motivo para desculpar-se, Luciano — respondi. — Ao contrário, graças à sua gentileza venho sendo informado de tudo o que desejava saber, embora, na verdade, restem-me algumas perguntas.

— Pois faça-as.

— Não. Seria uma verdadeira indiscrição. Entretanto previno-o de que não insista muito, pois não respondo por mim.

— Pode fazê-las. A curiosidade insatisfeita é uma coisa perigosa; desperta naturalmente suspeitas e, sobre três suspeitas, há sempre duas pelo menos mais prejudiciais ao interessado do que seria o conhecimento da verdade.

— Quanto a isso, fique sossegado. A minha pior suspeita não vai além de achar que você é um

feiticeiro.

Luciano pôs-se a rir.

— Puxa! — exclamou ele. — Agora estou ficando tão curioso quanto você. Diga logo o que deseja saber, agora quem o pede sou eu!

— Muito bem: você teve a amabilidade de explicar-me tudo o que me parecia obscuro, menos num ponto. Mostrou-me aquelas belas armas históricas, que peço licença para ver de novo antes de ir embora.

— Concedido.

— Explicou-me o significado da dupla inscrição na coronha das carabinas.

— Certo.

— Entretanto, quando sua mãe lhe perguntou se tinha a certeza de que Luís não estava morto, pois vinha achando que Luís não andava bem, sua resposta foi: "Não, se ele estivesse morto eu já o teria visto".

— É verdade — disse Luís. — Foi isso o que respondi.

— Pois se a explicação desse mistério pode entrar em ouvidos profanos, pode contar-me?

Luciano ficou repentinamente tão sério que pronunciei com hesitação essas últimas palavras.

O profundo silêncio que ele me devolveu fez com que me arrependesse de ter aberto a boca.

— Pronto! — disse eu. — Vejo que fui indiscreto mesmo. Vamos fazer de conta que eu não disse nada.

— Não — retrucou. — O caso é que o senhor, como homem de sociedade, deve ser um tanto incrédulo. Temo que considere como superstição uma tradição de família que subsiste entre nós há quatrocentos anos.

— Por favor, Luciano — repliquei. — Deixe que eu lhe faça um juramento: não existe ninguém tão crédulo quanto eu em matéria de lendas e tradições.

Continuei, depois de uma pausa:

— Há certas coisas então em que acredito especialmente: são as coisas impossíveis.

— Crê em aparições? — perguntou ele.

— Quer que lhe conte o que me sucedeu quando ainda era criança?

— Sim, sim. Isso me dará coragem — disse Luciano.

— Pois bem. Meu pai morreu em 1807, quando eu tinha menos de quatro anos de idade; poucas horas antes o médico declarara que seu fim estava próximo, e fui levado então para a casa de uma

velha prima que morava perto. Ela armou uma cama para mim em frente à sua, deitou-me à hora em que eu estava acostumado a dormir e, por não ter consciência da gravidade do momento, adormeci logo. De repente soaram três violentas pancadas na porta do nosso quarto. Acordei e desci da cama.

"Aonde vais?" – perguntou minha prima, que costurava perto de mim.

– Vou abrir a porta a papai que vem me dizer adeus – respondi. – Minha prima, é claro, ficou aterrorizada; pulou da cama e obrigou-me a deitar novamente apesar da minha resistência. Eu chorava alto e gritava: – Papai está do outro lado da porta! Quero ver papai antes que vá embora para sempre!

– E nos anos seguintes essa aparição se renovou? – perguntou Luciano, cujos olhos brilhavam de interesse.

– Não – respondi –, embora eu mesmo a tenha invocado muitas vezes; pode ser que Deus conceda à pureza das crianças um privilégio que ele nega à corrupção dos adultos.

– Na nossa família – disse Luciano rindo –, somos mais felizes do que o senhor.

– Vocês ainda têm essas visões?

– Sim. Todas as vezes que um grande

acontecimento está prestes a se realizar ou já se realizou.

– E como explica esse privilégio dos De Franchi?

– Vou lhe contar o que sabemos: já lhe disse, Savília de Franchi morreu deixando dois filhos.

– Sim, eu me lembro.

– Esses dois filhos cresceram e, habituados a contar apenas um com o outro, estimavam-se muito. Juraram entre si que nada os poderia separar, nem mesmo a morte. Um dia, resolveram escrever, com o próprio sangue, num pedaço de pergaminho que trocaram, o seguinte juramento:

O primeiro a morrer aparecerá ao outro, quer no instante de sua morte, quer depois, nos momentos mais importantes da vida do outro.

– Daí a três meses um dos irmãos foi morto numa emboscada, justamente quando o outro fechava uma carta que lhe era destinada; entretanto, ao apoiar o anel de sinete sobre o lacre ainda quente, ouviu um suspiro atrás de si.

"Estranhando o ruído – continuou Luciano –, o irmão que sobrevivera voltou-se e viu o irmão de pé, com a mão pousada em seu ombro, embora não sentisse nenhum peso vindo dessa mão. Então, num

movimento maquinal, estendeu-lhe a carta que lhe era destinada: o outro a recebeu e desapareceu.

"Na véspera de sua morte — continuou ele —, o irmão sobrevivente recebeu a visita do outro. Essa ocorrência se estendeu aos descendentes deles: não só às vésperas da morte ou às vezes no mesmo minuto dela, como também na véspera de todos os grandes acontecimentos da vida de quem recebe a visita."

— E você, Luciano, já recebeu alguma visita desse tipo?

— Eu não; mas como meu pai, durante a noite que antecedeu sua morte, foi avisado pelo pai dele de que iria morrer, penso que tanto eu como meu irmão teremos o mesmo privilégio de nossos ancestrais, uma vez que nada fizemos para desmerecer esse favor.

— E essas visões ocorrem a todos? — perguntei.

— Tanto às mulheres quanto aos homens?

— Não, somente aos homens.

— É estranho!

— Talvez, mas é assim.

Observei atentamente Luciano que, calmo e sério, contava-me uma coisa considerada impossível.

Em Paris, teria tomado aquele homem por um mistificador. Mas no fundo da Córsega, numa pequena aldeia ignorada, tinha simplesmente de considerá-lo como um louco que se engana de boa fé, ou como um homem privilegiado, mais feliz ou desgraçado que os outros homens.

Ficamos durante um longo tempo em silêncio.

— Agora já sabe tudo o que queria saber? — perguntou finalmente Luciano.

— Tudo. Agradeço-lhe a confiança que depositou em mim ao contar-me esse fato. Pode ter a certeza de que guardarei segredo sobre ele.

— Oh, por favor, não há nisso o menor segredo! — disse sorrindo Luciano. — Qualquer habitante da aldeia lhe contaria essa história, pois todos a conhecem.

— Espero somente que, em Paris, meu irmão não se gabe desse privilégio, pois o tomariam por um doido: os homens se ririam dele em sua cara e as mulheres teriam ataques de nervos em pleno jantar. Não sei qual seria a reação de Luís.

Ri com vontade, pois de certo modo Luciano havia adivinhado o meu pensamento.

Conversávamos ainda sobre o mesmo assunto quando o sino da igreja bateu a hora.

— Quinze para as dez, meu Deus! — exclamou Luciano. — Se deseja assistir ao espetáculo, acho que é tempo de nos sentarmos para um pequeno almoço.

— Ótimo. Estou com uma fome de lobo.

— O tiroteio de ontem deve lhe ter aberto o apetite — disse Luciano sorrindo.

— Sim, mas para a comida — respondi. — Não para outros tiroteios. Vim à Córsega de visita, não para ser enterrado.

A gargalhada de Luciano ainda era ouvida quando entramos na sala de jantar iluminada pelo sol que penetrava pelas janelas. A Sra. de Franchi, como de hábito, já se encontrava à cabeceira da mesa.

Cumprimentei-a com uma inclinação de cabeça, perguntando se havia dormido bem.

— Eu, sim. E o senhor? — perguntou ela, com um sorriso. — Não teve sonhos desagradáveis, depois das ocorrências de ontem?

— Infelizmente sim. Mas consegui escapar novamente.

— Ótimo. Mas é melhor se sentarem e comerem, senão chegarão atrasados à cerimônia.

Luciano e eu não esperamos uma segunda

sugestão. Sentamo-nos à mesa farta e, contentes, homenageamos a saborosa comida corsa.

Pouco antes das dez horas, caminhávamos ambos energicamente pela bonita praça de Sullacaro.

CAPÍTULO 11

RECONCILIAÇÃO

A praça, na verdade, já fora avistada por mim do alto da escada de oito degraus pela qual se chegava à porta da semifortaleza habitada pela Sra. de Franchi e seu filho.

Ao contrário da véspera, entretanto, essa mesma praça formigava; pessoas iam e vinham em todas as direções. Curiosamente não havia quase homens, mas sim uma multidão de mulheres e crianças mais ou menos de doze anos para baixo.

Um homem de fraque preto e faixa tricolor que lhe atravessava o peito detinha-se no primeiro degrau da igreja: era o prefeito, consciente da solenidade da hora.

Consegui descobrir outro homem de preto sentado a uma mesa, colocada especialmente logo abaixo da escada da igreja: era ali que a cerimônia ia se realizar. O homem de preto — que era notário

de Sullacaro — tinha um papel ao alcance da mão, provavelmente a ata de paz.

— Ei, Luciano — perguntei eu —, onde estão os homens da aldeia? Foram tragados por um terremoto?

— Já os verá — disse ele com um sorriso. — Não seja impaciente. A coisa é mais complicada do que você pensa.

Coloquei-me a um lado da mesa com os padrinhos de Orlandi. Do outro lado, bem em frente a nós, ficaram os padrinhos de Colona; Luciano, como mediador entre os dois brigões, postou-se atrás do notário, para atender ao mesmo tempo às duas partes.

Dei uma olhadela para o interior da igreja; ao fundo viam-se os padres, prontos para celebrarem a missa de comemoração. Tudo estava pronto para o grande acontecimento.

O relógio bateu lentamente dez horas.

No mesmo instante, todos os olhares se voltaram para as duas extremidades da rua. Um frêmito percorreu a multidão.

Imediatamente surgiu Orlandi do lado da montanha, acompanhado de seus partidários; dois segundos depois chegava Colona pelo outro lado da

rua, se é que se pode chamar de rua um intervalo irregular deixado pela fantasia e a bondade dos donos das casas construídas às margens do intervalo.

Tanto Orlandi e seus adeptos quanto Colona e seus amigos vinham sem armas, como fora combinado. À parte seus rostos um pouco truculentos, mais pareciam um bando de camponeses acompanhando uma procissão.

Os chefes das duas famílias eram muito diferentes um do outro quanto ao físico.

Orlandi, como já foi dito, era alto, magro, moreno e levemente desengonçado.

Já Colona era baixo, atarracado, vigoroso; tinha a barba e os cabelos ruivos e encrespados.

Ambos traziam na mão um ramo de oliveira, simbolizando a paz que iam celebrar. O prefeito, na verdade, tivera que lutar um pouco com os dois camponeses para que aceitassem sua poética idéia.

Colona, além do ramo de oliveira, trazia na outra mão uma galinha branca segura pelos pés. Com esta nova galinha, que ele ofereceria a Orlandi a título de perdas e danos, se substituiria a antiga, causadora da feroz *vendetta* de dez anos.

A galinha, não é preciso dizer, estava viva e bem

viva. Não sei se concordava ou não com que a paz se fizesse à sua custa: o fato é que dava de vez em quando violentos repelões na mão de Colona.

— Trata-se de uma autêntica ave corsa — murmurei para Luciano entre dentes.

Ele sufocou o riso como pôde, uma vez que este não combinava com a solenidade do momento.

A galinha parece que adivinhou meu pensamento: numa sacudidela mais vigorosa, aproveitou-se do nervosismo de Colona para escapar de sua mão. Foi a conta. Puseram-se todos a correr atrás da ave, que disparou pela praça de Sullacaro como um bólido!

Finalmente, padrinhos e partidários de Colona, com as caudas dos fraques flutuando atrás de si, conseguiram encurralá-la num canto e a fujona foi agarrada de novo pela manopla de um deles.

Na verdade, o fato de a galinha estar viva fora longamente discutido e quase estragava tudo, pois Colona considerava uma dupla humilhação ter de devolver viva uma galinha que sua tia jogara morta à face da prima de Orlandi.

Contudo, depois de usar todos os argumentos que conhecia, Luciano conseguiu convencer Colona a dar a galinha, do mesmo modo que se

esgotou para convencer Orlandi a recebê-la. Os dois cabeças-duras, a princípio, nem queriam ouvir falar de tal coisa! Mas o meu amigo considerou que esse gesto daria mais peso à cerimônia da paz e tinha razão: os cursos dão muita importância às coisas concretas.

Quando os dois inimigos estavam a poucos metros de distância, os sinos da igreja começaram furiosamente a badalar, todos ao mesmo tempo.

No instante em que se avistaram, Orlandi e Colona tiveram o mesmo movimento de repulsa recíproca; no entanto, continuaram a caminhar valentemente um para o outro. Ambos vestiam provavelmente suas roupas de domingo, engomadas para a ocasião: velhos fraques escuros. Orlandi parecia engolido pela roupa, enquanto Colona lutava contra as costuras que o apertavam em demasia.

Exatamente diante da porta da igreja os dois pararam, a quatro passos um do outro.

Três dias atrás, se esses dois homens se encontrassem na rua a uma distância de cem passos, um deles com toda a certeza deixaria de existir.

Durante cinco minutos houve, não só em ambos os grupos mas em toda a assistência, um silêncio

que nada tinha de tranqüilizador, apesar da paz que ia ser celebrada.

O prefeito tomou a palavra.

— Bem, Colona, é a você que compete falar primeiro — disse ele.

Colona ficou ainda mais vermelho e congestionado do que já era. Fazendo um tremendo esforço sobre si mesmo, pronunciou algumas palavras em dialeto corso.

Eu não compreendi coisa alguma do que falou, mas imagino que exprimia seu pesar por ter andado por dez longos anos em *vendetta* com seu bom vizinho Orlandi, oferecendo-lhe como reparação a galinha branca que trazia consigo.

Orlandi esperou que as últimas palavras pronunciadas por Colona fossem ouvidas por todos. Então respondeu com outras frases corsas, provavelmente querendo dizer que prometia esquecer a antiga ofensa, que se reconciliaria com o seu vizinho neste momento, compromisso que seria celebrado pelo Sr. prefeito, redigido pelo Sr. notário e sob a arbitragem do Sr. Luciano.

Em seguida, novo silêncio se instalou na praça.

— Então, senhores — interveio o notário dirigindo-se a Orlandi e Colona —, acho que estava

combinado que se apertariam as mãos!

Num movimento instintivo, os dois ex-inimigos esconderam as mãos atrás das costas.

A coisa estava malparada. Olhei para Luciano e vi que tentava encontrar rapidamente uma solução para o momento.

O prefeito, contudo, foi mais rápido: desceu do degrau onde estava, pegou a mão de Colona, fez o mesmo com a de Orlandi e, após alguns esforços que tentava esconder de seus administrados por meio de um sorriso, conseguiu juntar as duas mãos.

Luciano e eu respiramos aliviados.

O notário viu que não podia perder um minuto: aproveitou o momento e, levantando-se, enquanto o prefeito segurava firmemente as duas mãos que a princípio fizeram tudo para se desprenderem, mas que finalmente se resignaram a permanecer unidas, leu o seguinte papel:

"Diante de nós, Giuseppe-Antonio Sarrola, notário real em Sullacaro, província de Sartene;

Na praça principal da povoação, em frente à igreja, em presença do Sr. prefeito, dos padrinhos e de toda a população;

Entre Marco-Vicenzio Colona, chamado

Schioppone;

e Gaetano-Orso Orlandi, chamado Orlandini;
foi resolvido solenemente o que se segue:

A partir de hoje, 4 de março de 1841, a *vendetta*
declarada entre eles há dez anos cessará;

a partir deste mesmo dia viverão juntos como
bons vizinhos e compadres, como viviam seus pais
antes da lamentável ocorrência que provocou a
desunião entre as suas famílias e amigos.

Ambos assinam o presente compromisso sob o
pórtico da igreja do povoado, juntamente com o Sr.
Polo Arbori, prefeito da comuna, o Sr. Luciano de
Franchi, árbitro, os padrinhos de cada um dos
contratantes e nós, notário.

Sullacaro, 4 de março de 1841".

Notei com admiração o grande tato do notário,
que não fizera a menor referência à galinha, coisa
que deixaria Colona em tão má posição perante
Orlandi.

Os dois personagens principais da cerimônia
também notaram a mesma coisa. O rosto de Colona
se iluminou, ao passo que o de Orlandi se tornou
mais carregado. Este último olhou para a galinha
que segurava na mão com um ar tão furioso que,

por um momento, pensei: vai atirá-la à cara de Colona.

Felizmente Luciano o observava, e deu-lhe um olhar tão severo que Orlandi desistiu da idéia.

O prefeito, vendo tudo aquilo, apressou-se: tornou a subir de costas a escada da igreja, segurando sempre as duas mãos entre as suas e sem perder um instante de vista os recém-conciliados.

Depois, percebendo que nenhum dos adversários apreciaria o privilégio de assinar primeiro, e a fim de evitar um novo problema, o prefeito pegou a caneta e assinou ele próprio em primeiro lugar.

Transformando desse modo a vergonha em honra, passou a caneta a Orlandi, que a recebeu de suas mãos, assinou e passou-a a Luciano. Este empregou o mesmo truque do prefeito: assinou em primeiro lugar, entregando depois a caneta a Colona.

Imediatamente ressoaram os cânticos litúrgicos, do mesmo modo que se canta o *Te Deum*² após uma vitória.

Em seguida assinaram os padrinhos

² *Hino sacro de ação de graças que começava com "Te Deum laudamus" — "A Ti, ó Deus, louvamos". (N. do E.)*

acompanhados de toda a população, sem distinção de categoria ou título, exatamente como a nobreza da França assinara, cento e vinte três anos antes, o protesto contra o Duque de Maine.

Os dois heróis do dia entraram então na igreja e foram ajoelhar-se em ambos os lados do coro, cada um no lugar que lhe fora destinado.

Olhei para Luciano e vi que a partir desse instante ele se sentia tranqüilo: a *vendetta* acabara, a reconciliação fora celebrada, e não somente diante dos homens mas diante de Deus. O que, para um corso, era importantíssimo.

A missa decorreu como todas as outras missas, sem nada que me chamasse a atenção.

Uma vez terminada a cerimônia, Orlandi e Colona saíram, acompanhados pelo mesmo séquito com que haviam chegado. À porta, o prefeito obrigou-os, mais uma vez, a apertarem-se as mãos, e cada qual, acompanhado de parentes e amigos, encaminhou-se para suas respectivas casas, onde não entravam, por conta da briga, há mais de três anos.

— Então, Luciano. Contente? — perguntei, quando o vi acompanhar com os olhos os brigões apaziguados.

— Sim — respondeu ele, sorrindo: — Afinal de contas, cumpri meu dever.

Notei nele, entretanto, uma certa melancolia. No fundo, Luciano achava que a Córsega se desfigurava aos poucos, perdia a selvageria que lhe era tão querida. Civilizava-se, enfim.

— Assunto resolvido, meu caro. Não pensemos mais nisso e sim na refeição que nos aguarda em casa. Meu estômago parece não se ter convencido com tanta paz e acaba de me declarar guerra! — disse ele alegremente.

Chegamos, e um lauto almoço nos esperava.

Compreendi, pelo excesso de atenção de que era alvo, que Luciano lera meu nome completo por cima do meu ombro quando eu assinara o compromisso de paz, e que esse nome não lhe devia ser totalmente desconhecido.

À mesa, a Sra. de Franchi confirmou as minhas suspeitas.

— Então — disse ela sorrindo —, já sabemos quem é o nosso hóspede. Saiba que li todos os seus livros.

— Agradeço-lhe a bondade e a paciência, Sra. de Franchi — respondi eu.

— O senhor está escrevendo algum livro no

momento? Quais são os seus planos quando voltar a Paris?

— Bem, no momento, como já disse a Luciano, devo voltar urgentemente para acompanhar os ensaios da peça *Um Casamento no Reinado de Luís XV*. Aliás, serei obrigado a partir nesta mesma noite, após o jantar, embora contra a vontade. Eu...

Fomos interrompidos repentinamente por Grifo.

— Sra. Savília — disse ele —, a jovem Graziella Colona está aqui e pede para falar-lhe.

— Faça-a entrar, Grifo — respondeu a mãe de Luciano, lançando-nos um olhar.

Pouco depois Graziella Colona entrou na sala de jantar, estacando ao ver-nos em torno da mesa:

— Boa tarde, Sra. Savília. Boa tarde, senhores. Perdoem-me por interrompê-los. Eu esperarei na outra sala até que acabem.

— Por que não se senta conosco, Graziella? Já almoçou? — perguntou a Sra. de Franchi, enquanto fazia um sinal a Grifo.

— Sim, sim, obrigada.

A Sra. de Franchi a observava com um sorriso.

— O que você quer me falar é segredo ou pode ser dito aqui mesmo? — perguntou ela.

A moça hesitou.

— Não, não é segredo. Ou, pelo menos, quero que todos o saibam o mais rápido possível.

— Grifo — disse a Sra. de Franchi —, pegue uma cadeira e ponha-a perto de mim. Graziella, sente-se aqui e diga-me de que modo posso ajudá-la.

Graziella Colona sentou-se. Era uma moça pequena, morena e de olhos extraordinariamente bonitos e vivos.

— O caso é que. . . — começou nervosamente. — Quer dizer... Bonomi Orlandi e eu nos amamos. . .

— Sim — encorajou-a a Sra. de Franchi. — O amor é sempre uma boa coisa.

— É — concordou ela desanimadamente —, mas acho que papai me arrancará os olhos quando souber que nos amamos e queremos casar.

Por um momento veio-me à memória a figura atarracada e decidida de Colona. Graziella tinha razão: eu não queria estar na pele dela nem um segundo quando o pai fosse informado da novidade. A moça suspirou.

— E isso — continuou ela — sem falar na gritaria que Orlandi fará nos ouvidos de meu Bonomi. . .

— Mas, Graziella — aparteou a Sra. de Franchi —, é bem possível que, após o compromisso de paz, tanto Colona como Orlandi vejam esse casamento de modo mais aceitável. Lembro-me de como reagiram quando Colona descobriu você de mão dada com Bonomi, alguns anos atrás. Mas agora as coisas mudaram, não acha?

— É o que a senhora pensa — falou tristemente Graziella. — Sim, é bem possível que não haja mais tiroteios. Entretanto, é difícil que os inimigos virem amigos de um dia para o outro, se é que algum dia se tornarão amigos. . .

Ficamos calados. O que ela dizia era a verdade pura.

— Será que. . . — começou Graziella. — Isto é, gostaria, se fosse possível, que a senhora ou Luciano falasse com meu pai.

— Você quer — disse a Sra. de Franchi — que nós tentemos convencê-lo a permitir o namoro?

— Sim — respondeu Graziella. — E o casamento também, pois já nos namoramos desde os quinze anos.

— Pois bem — concordou a Sra. de Franchi. — Mas vamos fazer assim: Luciano falará com seu pai, enquanto eu tratarei de colocar sua mãe a nosso

favor. O que acha, Luciano?

— Só espero — disse Luciano sorrindo — que desta vez Colona não me mate, por viver interferindo em seus negócios. Mas estou pronto a ajudar, embora não garanta os resultados. Tentarei fazer o melhor que puder.

Graziella olhou radiante para mãe e filho.

— São tão bons! — exclamou. — Como posso agradecer-lhes? Falarão com meus pais amanhã mesmo?

— Sim — disse a Sra. de Franchi, segurando a mão de Graziella nas suas. — Mas sabe que não será fácil.

— Nós conseguiremos! — falou a moça, confiante.

— Bem — interrompi eu —, é com grande pesar que abandono tão amável companhia, mas tenho que subir para arrumar a minha mala. Sra. de Franchi, Luciano e Graziella, se me dão licença. . .

— Como? ! — exclamou Graziella. — O senhor vai deixar-nos?

— Sim — respondi, surpreendido com aquela reação. — Tenho compromissos em Paris.

— Por favor, não vá agora — pediu Graziella com olhos suplicantes.

— Por quê? — perguntei eu espantado.

— Sua presença nos deu sorte — falou ela muito séria. — O senhor trouxe a paz consigo. Por que não fica mais um dia para ajudar-nos a convencer meus pais?

Lá estava a velha e infalível superstição corsa!

— Por que acha que eu poderia ajudar? — perguntei, achando graça nas palavras de Graziella.

— Sei que poderia — disse ela. — Por favor, fique, senhor!

Hesitei um momento. Por fim me decidi:

— Está bem, Graziella. Ao diabo com *Um Casamento no Reinado de Luís XV!* Verei um casamento corso, que deve ser muito mais interessante!

— Quer dizer que fica? — perguntou ela, ansiosa.

— Sim.

— Que maravilha! — exclamou. — Agradeço-lhe do fundo do coração!

— Amanhã, às cinco horas, falarei então com seu pai, Graziella — disse Luciano. — E que Deus me proteja!

CAPÍTULO 12

GRAZIELLA E BONOMI

O dia seguinte amanheceu ensolarado, e seria como todos os outros para mim se não fosse a curiosidade com que eu aguardava o encontro entre Luciano e Colona.

Às quatro horas, jantávamos em torno da grande mesa, a Sra. de Franchi, Luciano e eu, pois na Córsega almoça-se e janta-se muito mais cedo que em outros lugares.

— Alexandre, se não fosse um incômodo para você, gostaria que viesse comigo ao encontro de Colona — falou Luciano.

— Claro, meu amigo — respondi. — Estou ao seu dispor. Afinal, sou ou não sou a mascote de Graziella?

Ele sorriu.

— Não é por isso — respondeu. — O fato é que um estrangeiro temperará o ânimo de Colona. Ele

não terá a mesma coragem de expandir o seu mau humor. Além disso, como você não entende o dialeto corso, não será indiscrição discutirmos o assunto na sua frente.

A Sra. de Franchi acrescentou:

— Irei pouco depois de você, Luciano. Esperemos que tudo dê certo.

Uns dez minutos antes das cinco horas, Luciano e eu nos dirigimos à casa dos Colona. Meu companheiro ia calado, provavelmente pensando qual seria o melhor modo de abordar a delicada questão com o pai de Graziella.

Quando chegamos diante da pesada porta da casa de Colona, Luciano tocou o sino que anunciava os visitantes.

Um menino de seus oito anos de idade veio atender.

— Olá, Mássimo! — cumprimentou Luciano. — Este aqui é meu amigo Alexandre. Teu pai está em casa?

O menino estendeu-me a mão, que apertei. Seu cabelo, negro e lúcido, assemelhava-se muito ao da irmã Graziella. Respondeu algo em dialeto que não compreendi, mas acompanhando suas palavras com um movimento afirmativo de cabeça.

Luciano e eu entramos na sala dos Colona, enquanto o menino desaparecia num dos quartos. A casa, simples mas espaçosa, estava mobiliada com os típicos móveis de madeira escura da região: cadeiras de alto espaldar, a grande mesa de refeições e o guarda-comida.

Estava eu nessa observação quando a Sra. Colona entrou na sala. Dirigiu-se a Luciano, que nos apresentou, e pediu que nos sentássemos.

— Gostaria de falar com Colona, minha senhora — disse Luciano, enxugando a testa com um lenço branco. — Ele está?

— Sim — respondeu ela, com os olhos interrogativos fixados em meu companheiro, mas sem fazer nenhuma pergunta, como era norma entre as mulheres da Córsega quando os homens tinham assuntos a tratar entre eles. — Já mandei que Mássimo o avisasse no pomar.

Dois minutos depois chegava Colona, com o rosto vermelho aberto num sorriso:

— Sr. Luciano, como está? E o senhor? — perguntou dirigindo-se a nós ambos, enquanto nos apertava as mãos com sua grande pata de urso.

Depois dos cumprimentos houve um silêncio. Luciano limpou a voz:

— Tenho algo para falar-lhe, Colona. Alexandre, você não se importa que conversemos em dialeto, não é? Trata-se de um assunto particular que apenas o enfadaria.

Luciano desejava deixar bem claro ao camponês que eu não entenderia uma palavra do que iriam dizer. Sentaram-se no outro canto da sala, um defronte ao outro.

Meu amigo começou a falar pausadamente, sem nenhuma pressa. Devia estar tateando o terreno antes de despejar a bomba na cabeça de Colona, que o ouvia com toda a atenção.

Luciano respirou fundo, fazendo uma pausa. Pensei comigo mesmo que ele preferiria enfrentar o tiroteio de duzentas *vendettas* a dar aquela notícia a Colona.

Como o único jeito era continuar, meu amigo assim o fez. Após mais algumas frases, o rosto de Colona foi passando do vermelho habitual a um púrpura carregado.

Interrompeu Luciano com uma enxurrada em dialeto capaz de espantar o próprio demônio pela sua rapidez, enquanto sacudia vigorosamente a cabeça. Se algum artista corso quisesse fazer a Estátua do Não poderia inspirar-se

maravilhosamente em Colona naquele instante: todo o seu corpo era um retrato vivo e indignado da negativa absoluta.

Luciano calou-se, esperando calmamente que Colona esgotasse o que tinha a dizer, como alguém que finca o pé na areia e espera a onda passar.

Quando o camponês diminuiu a catadupa de palavras, Luciano recomeçou suavemente sua cantilena, travando-se entre os dois um dueto falado em voz normal por Luciano e berrado por Colona.

Por momentos, eu tinha a impressão de que Colona ia agredir meu amigo ou que teria um ataque de coração. De vez em quando entendia o nome de Graziella e o de Bonomi, interrompidos pela gritaria do furibundo pai.

De repente, Colona abandonou a sala e pôs-se a gritar por Graziella. Felizmente a Sra. de Franchi tinha sugerido à moça que ficasse na casa dos De Franchi enquanto Luciano se entrevistava com Colona: não sei o que teria acontecido com ela se o pai a pilhasse em casa naquele momento.

Luciano tratou de explicar a Colona que a moça estava tranqüilamente em sua casa, conversando com a Sra. de Franchi. Aquele pai corso fixou os olhos desconfiados em meu amigo, mas depois

pareceu convencer-se de que Luciano falava a verdade.

Este último tirou mais uma vez o lenço do bolso, passando-o pela testa, e voltou à carga. Colona continuava a sacudir a cabeça em negativa, mas o pior, isto é, o conhecimento do fato, já havia passado.

Discutiram o assunto ainda uma boa meia hora, finda a qual o tom de voz de Colona foi-se tornando menos alto embora continuasse enérgico.

Luciano esperou que uma pausa maior se instalasse entre eles para levantar-se vagarosamente. Pronunciou algumas palavras que me pareceram um pedido de desculpas, acompanhado da justificativa pela sua intervenção. Despediu-se com um amigável aperto de mão, recomendou-se à Sra. Colona e atravessou a sala.

— Vamos? — disse-me.

Levantei-me e, após cumprimentar Colona, saímos pela larga porta.

Quando já estávamos na rua, virei-me para Luciano.

— A coisa foi difícil, hem? É claro que ele não quer nem ouvir falar de tal casamento. . .

— Esta é a primeira etapa, Alexandre, e a mais importante. Até que a reação não foi tão ruim quanto eu esperava. Que quer você? O pobre homem vai precisar de tempo para acostumar-se à idéia de ter a filha casada com o filho de seu inimigo.

— Quer dizer então que há esperança, apesar da gritaria de Colona?

— Bem, ele não concordou, é verdade. Mas acabará achando melhor abençoar o casamento de Graziella do que saber que ela fugiu com Bonomi Orlandi.

— Tem razão. Espero que isso não demore a entrar em sua cabeça dura. E quanto a Orlandi pai, Luciano? O que acha que pensará de tudo isso?

— É outro cabeçudo. Terei que repetir — com poucas variações — a mesma lengalenga que fiz entrar nos ouvidos de Colona. Não sei se você sabe mas. . .

Um rapaz destacou-se da árvore onde estava encostado e postou-se à nossa frente.

— Sr. Luciano. . . Senhor... — cumprimentou-nos ele.

— Bonomi Orlandi! Como vai? — falou

Luciano, tomando-lhe a mão. O rapaz tinha o rosto tenso. Seu corpo alto e magro movia-se com agilidade dentro das calças e da camisa de algodão.

— Então, senhor? — perguntou ele ansioso. — O pai de Graziella concordou com o casamento?

— Bem, Bonomi... — começou Luciano. — Não concordou, mas essas coisas às vezes levam tempo. Se vocês realmente se amam vão acabar convencendo Colona a dar-lhes a bênção.

O rapaz chutou uma pedra, irritado.

— Eu sabia que o raio de velho não ia concordar. Mas não precisamos dele.

— Tenha calma, Bonomi — disse Luciano, pousando-lhe uma mão no ombro. — O importante é não perder a cabeça. Hoje, Colona soube da coisa; amanhã estará mais acostumado com a idéia e depois de amanhã concordará.

O rapaz enfiou as mãos nos bolsos com amargura.

— Ficaremos velhos esperando o consentimento dele. Não, não ficaremos: Graziella e eu vamos tomar nossas próprias providências.

Permanecemos em silêncio, pensando naquelas palavras; eu olhava os maxilares contraídos de

Bonomi Orlandi e via que ele não falava por falar.

— E seu pai? — perguntou Luciano. — Já conversou com ele a respeito?

— Também não quer nem ouvir falar no assunto. Pensei que depois de ter feito as pazes com Colona ele concordaria; qual nada!

Luciano calou-se. Ficamos os três ali em pé, sem nada dizer, enquanto o sino da igreja batia as horas.

— Escute, Bonomi — disse meu amigo. — Você gostaria que eu falasse com seu pai? Como estou fora da situação, acho que teria mais calma e argumentos para tentar convencer o teimoso. Que acha?

Bonomi hesitou.

— Ele não concordará, como o outro.

— Alguém terá que ser o primeiro a consentir, não é? E por que não Orlandi?

— Está bem, Sr. Luciano — disse Bonomi com os olhos brilhantes. — Agradeço-lhe muito! Meu pai foi tomar um copo de vinho na taberna agora.

— Vou falar com ele, então. Mas ouça, Bonomi: você me promete esperar dez dias antes de fazer alguma loucura?

— Prometo-lhe que não fugiremos antes desse prazo terminar.

— Pois bem. Então até já— disse Luciano. —
Passe na minha casa mais tarde para saber o que
aconteceu.

— Sim, senhor. Até já.

Apertamos a mão de Bonomi e continuamos
descendo a rua. Quando chegamos à porta da
taberna, Luciano falou, sorrindo:

— Convido-o para tomar alguma coisa,
enquanto prossigo na minha *via crucis*³ com os pais
cursos.

— Obrigado, Luciano. Mas acho que vou dar
uma volta pela cidade. Encontramo-nos em casa,
está bem?

— Certo — suspirou meu amigo. E tirou mais
uma vez o lenço do bolso para enxugar a testa antes
de entrar na taberna.

³ Literalmente, "Via Sacra ". Aqui significa sofrimento. (N. do E.)

CAPÍTULO 13

PERIPÉCIAS DE UM NOIVADO

Flanei durante muito tempo pelas ruelas de Sullacaro, pelas duas praças e por entre as frondosas árvores espalhadas por toda a aldeia. Quando voltei para casa, Luciano e a Sra. de Franchi já haviam chegado.

— Boa noite, Sra. de Franchi. Boa noite, Luciano. Então, meu velho, como foram as coisas com Orlandi?

— Fez cara feia, também — respondeu ele —, mas no fim já o achei mais macio. Penso que acabará por concordar.

— A mulher de Colona, depois de hesitar um pouco, ficou finalmente a nosso favor — acrescentou a Sra. de Franchi. — E nos ajudará a influenciar o marido. Ela e Graziella iam conversar com Colona ainda hoje.

Falávamos sobre o assunto ainda à ceia quando

Grifo apareceu:

— Sr. Luciano, Bonomi Orlandi pergunta se pode recebê-lo.

— Claro, claro! — exclamou Luciano. — Traga-o para cá.

O rapaz entrou e cumprimentou-nos, visivelmente nervoso.

— Sente-se e ceie conosco, Bonomi. Houve algo de errado? — perguntou a Sra. de Franchi, observando atentamente seu rosto.

— Sim — conseguiu articular o rapaz. — Colona trancafiou a filha e diz que não a deixará mais sair.

Olhamos para ele emudecidos.

— Não sei o que farei agora. . . — murmurou. — E meu pai, Sr. Luciano?

— Seu pai acabará dizendo sim.

— Tenho uma idéia — falou calmamente a Sra. de Franchi. — É um pouco arriscada, quer dizer, para nós, mas talvez dê certo. Vamos conseguir com que Graziella fuja de casa e venha para cá. Tenho certeza de que a Sra. Colona nos ajudará em nosso plano. Pode ser que isso convença finalmente Colona de que a filha fará qualquer coisa para casar-se com Bonomi, mesmo indo contra a vontade do pai.

Depois acrescentou:

— Entretanto, depois que Graziella ficar aqui um ou dois dias, tempo suficiente para deixar Colona nervoso, eu o procurarei e lhe contarei a verdade; isto é, que ela está em nossa casa, sã e salva. Aproveito então para interceder pela causa mais uma vez. Que tal?

— Espero que Colona não nos declare uma *vendetta*, minha mãe — respondeu Luciano, rindo.

— Mas sua idéia parece boa.

— Concorda, Bonomi? — perguntou a Sra. de Franchi.

— Sim, sim — respondeu ele, com nova esperança refletida no rosto. — Acho que pode dar resultado.

Na manhã seguinte, a Sra. de Franchi dirigiu-se à casa de Colona para pôr a mãe de Graziella a par do plano e saber sua opinião. Diante dos argumentos que lhe foram expostos, a Sra. Colona concordou, e nesta mesma tarde sua filha foi levada para a casa dos De Franchi.

No dia seguinte espalhava-se na aldeia que Graziella Colona havia fugido de casa. O pai, enfurecido, depois de procurá-la em toda a parte, colocara uma pistola no cinto e se dirigira para a

casa de Orlandi, certo de que Bonomi partira com Graziella.

A atitude de Colona nos fez gelar o sangue nas veias, embora felizmente nada de grave houvesse ocorrido. Eis o que houve, segundo o que nos contou mais tarde a Sra. Colona:

— Quando viu que Graziella tinha fugido, Marco apanhou a pistola decidido a matar Orlandi, pai.

"Onde está minha filha, seu tratante?" — berrou Marco do lado de fora da casa, dando violentos pontapés na porta. — Eu, que largara minhas panelas para impedir meu marido de cometer alguma loucura, tratei de puxar-lhe o braço. De nada adiantou: sabem como fica Marco quando se enfurece. É um bom homem, mas tem um gênio de meter medo!

— Finalmente — continuou ela —, Orlandi pai não agüentou a gritaria e veio abrir a porta.

"Que quer, Colona?" — perguntou ele irritado. — Confesso que quando vi a má catadura de Orlandi minhas pernas tremeram — disse a Sra. Colona — e pensei: pronto, vamos ter briga novamente. Graças à Madona eu me lembrara de mandar Giácomo pedir auxílio ao Sr. Luciano, que

veio um minuto depois.

Sim, Luciano e eu partimos imediatamente para a casa de Orlandi, com o coração aos pulos, preocupadíssimos com o que pudesse acontecer. Quando chegamos, Orlandi se dirigiu a Luciano:

– Quer dizer a este maluco que Bonomi está aqui, almoçando, e que nada tem a ver com o desaparecimento da filha dele?

Colona mostrou-se um pouco desconcertado ao ver Bonomi chegar até a porta, mesmo assim gritou:

– Onde está minha filha, malandro? Diga, ou arranco-lhe a cabeça.

Luciano, vendo que a situação ficava cada vez pior, resolveu interferir:

– Se julga que Graziella está escondida aqui, Colona, sei que Orlandi permitirá a você examinar toda a casa. Assim sua desconfiança se dissipará. Tenho certeza de que Bonomi Orlandi é um cavalheiro e jamais raptaria Graziella. Colona pode entrar um momento, Orlandi? – perguntou Luciano.

Durante um longo minuto Orlandi olhou para Colona como se observasse um verme. Depois resmungou: – Pode.

Enquanto Colona revistava a casa, Luciano e eu nos entreolhamos. Meu amigo estava pálido e aborrecido; agora, como contar a Colona que Graziella se encontrava na casa dos De Franchi?

— Ouça, meu caro — disse eu. — Penso que é melhor sua mãe falar com Colona.

— Tem razão — respondeu Luciano. — Talvez acabe se comovendo com os argumentos dela. Ou usando a inteligência.

Quando Colona saiu de dentro da casa, resmungou para Luciano:

— Não está. Mas isso não fica assim!

Luciano franziu a testa:

— Temos que agir logo, senão esta brincadeira pode se transformar em barulho grosso. Vamos avisar minha mãe.

A Sra. de Franchi, informada do que acontecia, partiu imediatamente em busca de Colona. Luciano e eu a esperamos durante a tarde inteira sem que desse sinal de vida. Ao anoitecer, já começávamos a ficar seriamente preocupados quando ela surgiu:

— Luciano, Sr. Alexandre, boa noite. Grifo, chame Graziella. Ufa! — fez ela, sentando-se numa cadeira. — Estou exausta.

— Então, minha mãe? — perguntou Luciano. — Qual foi a reação de Colona?

Ela deu um largo sorriso.

— Nada direi enquanto não chegar a principal interessada. Ah! Cá está ela!

A moça correu para a Sra. de Franchi, interrogando-a com os olhos.

— Menina, que trabalhadeira eu tive para convencer seu pai! É o maior teimoso de Sullacaro, disso não há a menor dúvida.

— Quer dizer que ele concordou, Sra. Savília? — perguntou Graziella cautelosamente, sem querer acreditar numa ilusão.

— Sim — respondeu a Sra. de Franchi. — Isto é, depois de me ter feito falar durante horas. Eu já estava a pique de apanhar a minha velha carabina aqui em casa e tratar de convencê-lo a tiro!

Graziella jogou-se ao pescoço da Sra. de Franchi, abraçando-a.

— Ah! Que felicidade! Como vocês são bons! Serão os meus padrinhos. Aceitam?

Abraçou também Luciano e a mim com uma alegria que se espalhou pela sala.

— Aceitamos — disse a Sra. de Franchi. — Grifo, trate de buscar o melhor vinho que tivermos

na adega: vamos tomar um copo para comemorar. Depois disso, Graziella, prometi a Colona que Luciano e Maria acompanhariam você até sua casa. Nem sequer tente ver Bonomi Orlandi hoje! Eu o avisarei. Lembre-se de que minha palavra está empenhada.

CAPÍTULO 14

DESPEDIDA

De depois de assistir ao casamento de Bonomi e Graziella, marquei a minha partida da Córsega para o dia seguinte.

– Alexandre – perguntou Luciano –, será que poderia entregar uma carta a Luís?

– Tudo o que quiserem – respondi.

– Peço-lhe, Sr. Alexandre, que a entregue pessoalmente – pediu-me a Sra. de Franchi. – Assim terei certeza de que a receberá.

– Está prometido, minha senhora. Aliás, será um prazer para mim, pois conhecerei finalmente Luís de Franchi.

Ao ler o envelope, notei que Luís, como um autêntico parisiense, morava na rua do Helder, número 7.

No dia seguinte, pouco antes de minha partida, perguntei a Luciano se poderia ver seu quarto

novamente.

— Pois claro — respondeu ele, enquanto subíamos a escada. — E se gostou de algum dos objetos que estão dentro dele, é só levá-lo.

Já no quarto, meu olhar passeou pelos belos e sólidos móveis, cortinas e paredes cobertas de armas que lá havia. Fui desprender um pequeno punhal colocado num ponto bastante escuro, indicando-me que a arma não tinha grande valor. Ia levá-lo como lembrança.

Como vira Luciano olhar com curiosidade o meu cinturão de caça e elogiá-lo pelo arranjo, pedi-lhe que o aceitasse; ele teve o bom gosto de aceitá-lo sem que me fosse necessário oferecê-lo duas vezes.

Neste momento, Grifo apareceu à porta.

— O cavalo está selado, senhor.

— Muito bem, Grifo. É hora de partir.

Entreguei-lhe então o presente que separara para ele, uma espécie de facão de caça com duas pistolas adaptadas ao comprimento da lâmina e cujos gatilhos escondiam-se no cabo.

Grifo ficou contentíssimo com o presente; agradeceu-me tanto que quase tomei as pistolas de volta para que se calasse.

Quando descí as escadas, lá estava a Sra. de

Franchi para despedir-se e desejar-me boa viagem. Beijei-lhe a mão, cheio de respeito por aquela mulher tão simples e ao mesmo tempo tão digna.

Luciano também me esperava.

– Bem, meu amigo – disse-lhe eu –, chegou a hora de deixá-los. Sabe o quanto foi empolgante e maravilhoso o tempo que passei aqui. Além do mais, felicito-me por ter assistido a uma cerimônia tão rara na Córsega: uma reconciliação.

– Com efeito – concordou ele –, é caso para felicitar-se; você viu algo que deve ter feito os ossos de nossos avós rangerem nos túmulos.

– Compreendo – disse eu. – No tempo deles, a palavra era bastante sagrada para dispensar que um notário interviesse na reconciliação.

– Nada disso. O fato é que antigamente jamais se reconciliavam. O fim da *vendetta* era o fim de uma das famílias.

Estendeu-me a mão.

– Não quer mandar um abraço a seu irmão? – perguntei.

– Naturalmente, se isso não lhe custa.

– Pois então venha daí o abraço; não posso entregar uma coisa que não recebi.

Abraçamo-nos fortemente.

— Eu o tornarei a ver algum dia, não é? — perguntei.

— Talvez, se você voltar à Córsega, Alexandre.

— Ou você for a Paris — retorqui.

— Não, nunca irei a Paris — disse ele.

— De qualquer modo, achará cartões meus sobre a lareira do quarto de Luís. Não se esqueça do endereço.

— Prometo-lhe que, se um motivo qualquer me levar ao continente, o senhor será o primeiro a quem visitarei — disse Luciano.

— Está combinado.

Separamo-nos após o último aperto de mão. Virei-me mais uma vez para trás enquanto descia a rua e acenei; Luciano me respondeu. Depois, uma esquina me fez perdê-lo de vista.

Estava tudo em sossego na aldeia, embora se pudesse notar ainda essa espécie de agitação que subsiste aos grandes acontecimentos. Eu observava cada porta à medida que passava, esperando sempre ver surgir o meu afilhado Orlandi. Afinal eu fora seu padrinho na reconciliação: podia esperar um agradecimento.

Entretanto, ultrapassei a última casa de Sullacaro e penetrei no campo sem que vivalma aparecesse.

Já me acreditava inteiramente esquecido — e perdoava a Orlandi essa falta devido às fortes emoções por que ele passara — quando de repente, ao chegar à mata de Biechisano, vi surgir do cerrado um homem que se plantou no meio do caminho.

Lá estava Orlandi, que minha impaciência francesa acusara de ingratição.

Usava as mesmas roupas com que aparecera nas ruínas de Vicentello d'Istria; trazia ainda sua cartucheira, na qual estava pendurada uma grande pistola, e carregava na mão uma espingarda.

Quando me aproximei a uma distância de vinte passos, ele tirou o chapéu.

— Senhor... — começou ele. — Não quis que partisse de Sullacaro sem lhe agradecer a honra que concedeu a um pobre camponês como eu, servindo-me de padrinho. Como lá na aldeia não tinha o coração à vontade nem a língua livre, preferi esperá-lo aqui.

— Fico-lhe muito agradecido, Orlandi, por se incomodar comigo. Mas a honra foi minha.

— Além disso — prosseguiu o bandido em sua explicação —, não é fácil perder um hábito de tantos anos. O ar da montanha é incrível. Quando a gente já o respirou uma vez, sente-se sufocar em qualquer

outro lugar. Ainda ontem, durante o casamento, eu esperava a cada instante que o teto da igreja fosse cair em minha cabeça.

— Mas agora o senhor vai retomar sua vida habitual. Disseram-me que possui um campo e um vinhedo.

— Sim, realmente — concordou Orlandi. — A casa está bem guardada por minhas irmãs, noras e sobrinhas; para lavrar as terras e vindimar as uvas tenho alguns luquenses a meu serviço. Nós, os corsos, não trabalhamos.

— Que fazem, então?

— Vigiamos os trabalhadores, passeamos de espingarda no ombro, vamos à caça.

— Bem, nesse caso, Orlandi, boa caçada! — disse-lhe, estendendo a mão. — E não se esqueça: minha honra está tão empenhada quanto a sua no compromisso de paz. De agora em diante você só atirá nos cabritos monteses, gamos, javalis, faisões e perdizes. Orlandis e Colonas estão unidos agora até pelos laços do casamento.

— Ah, senhor. . . — disse meu afilhado com expressão nostálgica — A galinha que Colona me devolveu era magra demais!

E sem acrescentar outra palavra, embrenhou-se

no mato e desapareceu.

Continuei meu caminho, pensando nesse provável motivo para nova ruptura entre Orlandis e Colonas, brigões para quem nem uma aliança de família era garantia de sossego.

Uma semana depois estava em Paris.

CAPÍTULO 15

LUÍS DE FRANCHI

No mesmo dia de minha chegada apresentei-me em casa de Luís de Franchi, que havia saído.

Deixei meu cartão, acompanhado de algumas frases: anunciava-lhe que vinha diretamente de Sullacaro e que precisava entregar-lhe uma carta de seu irmão. Pedia-lhe também que indicasse uma hora para receber-me, uma vez que eu assumira o compromisso de dar-lhe a carta pessoalmente.

Para que eu escrevesse esse bilhete, o criado de Luís levou-me à biblioteca de seu patrão; atravessamos a sala de jantar e a sala de visitas, onde pude constatar o mesmo gosto que já observara na distante aldeia da Córsega.

Luís possuía um encantador apartamento de rapaz, decorado dentro do rigor da moda parisiense.

Quadros do maior bom gosto forravam as

paredes. Na biblioteca, os livros de direito competiam com os de poesia ou romance. Viam-se aqui, ainda mais acentuadas, as mesmas diferenças que eu notara nos quartos de Luís e de seu irmão.

No dia seguinte, pelas onze horas da manhã, estava eu me vestindo quando meu criado anunciou-me a visita de Luís de Franchi.

— Leve-o à sala de visitas, Vítor. Diga-lhe que dê uma espiada nos jornais enquanto acabo de me vestir.

Cinco minutos depois entrei na sala.

Quando ouviu o barulho de meus passos, Luís, que talvez por amabilidade pusera-se a ler um de meus folhetins publicados nessa época pela *Imprensa*, ergueu a cabeça.

Fiquei petrificado com a semelhança entre os dois irmãos.

— Senhor — começou ele —, mal acreditei na minha boa sorte ao ler o bilhete que deixou em minha casa. Sou um antigo admirador de sua obra e sempre quis conhecê-lo; temendo um engano, obriguei meu criado a repetir inúmeras vezes os seus traços, para ver se coincidiam com os retratos que me acostumei a ver.

— É muita bondade sua — disse eu, sorrindo. —

E coincidem?

— Felizmente sim — respondeu ele, também sorrindo. — Bem, esta manhã, a dupla impaciência de conhecê-lo e de saber notícias de minha família obrigou-me a vir importuná-lo a esta hora da manhã.

— Não me importuna absolutamente. É um grande prazer recebê-lo em minha casa. Mas confesso que me sinto estarecido com a semelhança entre o senhor e seu irmão. Já não sei se estou falando com um ou com o outro.

— A semelhança é tremenda, não é? — concordou Luís com os olhos brilhantes. — Quando eu estava em Sullacaro, praticamente todos na aldeia se enganavam. Entretanto, se após a minha partida ele não desistiu dos hábitos corsos, deve tê-lo visto com roupas que põem entre nós alguma diferença.

— No dia anterior à minha partida, contudo, Luciano estava exatamente como o senhor agora, com exceção das calças brancas que usava. Portanto, na minha confusa cabeça, não disponho nem sequer desta diferença para distingui-los.

"Mas aqui está sua carta — continuei, puxando a carteira e dali tirando o envelope branco. —

Compreendo perfeitamente sua pressa em saber notícias da família e teria deixado o envelope ontem em sua casa se a Sra. de Franchi não me fizesse prometer que a entregaria pessoalmente."

– Quando os deixou estavam passando bem?

– perguntou Luís.

– Sim, embora um tanto preocupados com o senhor.

– Por favor, chame-me de você – disse Luís, cruzando as pernas envoltas em caro tecido cinzento. – Afinal, sou seu leitor há tanto tempo que é como seja o conhecesse.

– Eu o farei se fizer o mesmo – respondi. – Está combinado?

– Sim – disse Luís, satisfeito. – Mas você dizia que estavam preocupados. Seria por minha causa?

– Sim. Mas, por favor, leia a carta.

– Dá-me licença?

– Claro. Fique à vontade.

Enquanto Luís de Franchi abria a carta e punha-se a ler, acendi um cigarro.

Fiquei a observá-lo, vendo seu olhar percorrer rapidamente as linhas que Luciano escrevera. De vez em quando sorria e murmurava:

– Sim. . . sim. . . compreendo. . .

Ainda não me refizera do espanto que a semelhança entre os dois irmãos me causara; notava, entretanto, como me dissera Luciano, uma pele mais clara em Luís e sua pronúncia mais nítida da língua francesa.

Vendo-o acabar de ler, ofereci-lhe um cigarro, que ele acendeu no meu.

– Então? – disse eu. – Como vê, sua família está inquieta, mas fico feliz de constatar que não há o menor motivo para isso.

– Não – concordou Luís, com uma leve hesitação –, absolutamente nenhum. Estou muito bem de saúde. É verdade que há pouco tempo tive um grande desgosto, aumentado ainda pela preocupação de que estaria fazendo sofrer também o meu irmão.

– Luciano já me havia falado sobre isso. Quer dizer então que existe realmente essa estranha troca de percepções entre vocês? Acredita mesmo que o mal-estar sentido por seu irmão na Córsega era proveniente do desgosto que você experimentava aqui em Paris?

– Não tenho dúvida – disse Luís.

– Bem, nesse caso – acrescentei –, permita-me

perguntar, já que seu bem-estar me preocupa, se o desgosto de que me falou há pouco já passou, se já está mais tranqüilo.

— Você sabe... — começou Luís — a dor mais viva termina por se abrandar com o tempo, e se nenhum acidente piorar a situação, ela sangrará ainda um pouco, mas acabará cicatrizando. De qualquer modo, obrigado por seus cuidados e pela carta. Será que poderíamos nos ver de vez em quando? Há muita coisa que precisa me contar sobre Sullacaro.

— Com o maior prazer, Luís. — Mas por que não continuamos agora mesmo uma conversa tão agradável? Olhe, aí vem meu criado anunciar-me que o almoço está na mesa. Coma uma costeleta comigo e eu lhe contarei as minhas desditas sobre os telhados de sua terra, onde por um triz não fui enterrado. . .

Luís deu uma gargalhada.

— Ah! Gostaria tanto! Infelizmente agora é impossível, pois recebi uma carta do ministro da Justiça pedindo-me que passasse hoje ao meio-dia pelo Ministério. Como facilmente compreenderá, um advogadozinho ambicioso como eu não pode fazer esperar uma personagem tão importante.

– Com certeza é devido à briga entre Colonas e Orlandis que o ministro o manda chamar.

– Penso que sim; e como Luciano diz na carta que a *vendetta* terminou. . .

– Aqui está em sua frente uma testemunha disso: o compromisso de paz foi feito em presença do notário e eu mesmo assinei, como padrinho de Orlandi.

Luís olhou-me com expressão risonha. Via-se que se divertia com a idéia.

– Para um parisiense – comentou – deve ter sido uma experiência engraçada.

– Foi engraçada e também apavorante – disse eu. – Antes de assinarem a paz houve um mal-entendido que fez as balas choverem à nossa volta.

– Luciano me fala disso.

– Ele próprio foi ferido no ombro, embora sem gravidade.

– Isso não me contou, embora eu soubesse: um dia desses sofri um violento impacto no ombro e imaginei logo algo como um ferimento ou uma queda. Contudo, vi pelo local que não era nada de grave. Escrevi a Luciano, mas as cartas levam uma eternidade para chegar a Sullacaro.

Puxou o relógio do bolso e sobressaltou-se.

– Deus do céu! É quase meio-dia. Tenho que voar para anunciar a boa nova ao ministro.

– Graças a Luciano, que insistiu com os dois cabeçudos.

– Querido irmão! Eu bem sabia que, mesmo contrariando seus sentimentos, ele faria isso por mim.

– Garanto-lhe que não foi fácil.

– Falaremos disso em outra ocasião. Infelizmente, agora tenho que ir. Você compreende, é uma grande felicidade para mim rever minha família, Sullacaro, seus hábitos e manias, ainda que através de seus olhos! Se quiser marcar-me um outro encontro. . .

– No momento vai ser difícil, Luís. Nestes primeiros dias após o regresso terei de vagabundear um pouco, resolver mil coisas. Mas diga-me: onde poderei encontrá-lo?

– Espere. Amanhã é sábado de Aleluia, não é?

– Sim.

Luís parou, pensando em algo.

– Você vai ao baile da Ópera? – perguntou ele.

– Vou e não vou. Se você quiser encontrar-se comigo lá, irei. Caso contrário, não terei o menor interesse em ir.

— Eu preciso ir, sou obrigado a ir.

— É como você disse — comentei eu sorrindo — , o tempo adormece as dores mais vivas e cicatriza os ferimentos do coração. O baile provavelmente o ajudará nisso.

— Engana-se. É mais do que certo que encontrarei lá novas fontes de aborrecimento.

— Nesse caso, não vá.

— Ah, meu Deus! Por acaso faz-se o que se quer neste mundo? Sou arrastado, impelido para o baile, sem o querer. Sei perfeitamente que seria mais sábio não ir, e no entanto vou.

— Desse modo, nós nos encontraremos amanhã na Ópera.

— Então vai? Ótimo!

— A que horas?

— À meia-noite e meia, se está bem para você.

— Onde?

— Na sala de espera. À uma hora tenho um encontro em frente ao relógio.

— Está combinado.

Apertamos as mãos e ele saiu rapidamente.

Gastei essa tarde e todo o dia seguinte tomando providências e pondo ordem em meus assuntos. Afinal, eu passara dezoito meses viajando, e estava

tudo de pernas para o ar.

À meia-noite e meia dirigi-me para a sala de espera da Ópera.

Cinco minutos se passaram sem que Luís aparecesse. Consultei minha memória: seria aquele mesmo o lugar marcado?

Uma voz atrás de mim me tranqüilizou.

— Desculpe-me — disse Luís sorrindo. — Atrasei-me por ter seguido pelos corredores do teatro um mascarado que pensei conhecer, mas ele se perdeu na multidão e não houve meio de encontrá-lo.

— Como vai, meu caro? — cumprimentei eu. — Vamos entrar. Conheço um lugar tranqüilo aí dentro onde poderemos conversar com calma, enquanto espera o seu encontro.

— Se não se importa — disse Luís, nervoso — prefiro ficar aqui. Venha, sentemo-nos nessas poltronas.

Tentei então falar sobre a Córsega, mas Luís mostrava-se tão distraído que não consegui fazê-lo conversar muito. Erguia constantemente os olhos para o relógio da entrada e de repente largou-me, exclamando:

— Lá está o meu ramo de violetas!

Meteu-se entre a multidão para chegar até uma mulher que, realmente, segurava na mão um enorme ramo de violetas.

Felizmente para os presentes havia na sala ramos de todas as espécies: eu próprio fui logo abordado por um ramo de camélias, que muito amavelmente me saudou pelo meu regresso a Paris.

Depois das camélias surgiu um ramo de delicadas rosas, e após este um outro de heliotrópios.

Já ia eu no quinto ramo quando encontrei um amigo meu.

— Ah, vejam só quem está aí! — exclamou ele, contente. — Seja bem-vindo à nossa velha cidade! Aliás, você chegou mesmo na hora certa: vamos ceiar esta noite em minha casa com fulano, beltrano e sicrano (nomeou três ou quatro de nossos amigos comuns), e contamos com você.

— Muito obrigado, meu amigo — respondi. — Mas, apesar do grande desejo de aceitar o seu convite, estou impedido de fazê-lo: tenho companhia.

— É esse o problema? Ora essa! Pois traga a sua companhia. Cada qual terá direito de levar a pessoa que quiser: haverá sobre a mesa seis vasos de água

destinados a manter frescos os ramos de flores que chegarem.

— Não, não, está enganado — respondi. — Não tenho ramo nenhum para colocar no vaso. Estou com um amigo.

— Pois traga o seu amigo! — insistiu D. — Não ignora o provérbio que diz: "Os amigos de nossos amigos..."

— É alguém que você não conhece.

— Tanto melhor! Passarei a conhecê-lo.

— Muito bem. Vou transmitir a ele o seu convite.

— E se ele recusar — disse D., fazendo o gesto de quem estrangula uma pessoa —, leve-o à força!

— Prometo fazer o que puder. A que horas é a ceia?

— Às três. Mas como ficaremos à mesa até as seis, pode chegar um pouco atrasado.

— Certo.

Nesse momento fomos interrompidos por um ramo de miosótis. Tomando familiarmente o braço de D., afastou-se com ele, depois que meu amigo acenou em despedida.

Procurei Luís por entre a multidão que passava e finalmente o encontrei. Estava sozinho.

Provavelmente já conversara o suficiente com seu ramo de violetas.

Felizmente o dominó que me acompanhava nesse momento e que me parecia pessoa sem grande interesse foi atraído por um grupo alegre e brincalhão.

Aproximei-me de Luís, que exibia um rosto bastante tenso.

– Então, meu amigo – perguntei-lhe. – Não foram boas as notícias?

– Infelizmente, não – respondeu. – Nos bailes de máscaras sempre nos dizem coisas que preferiríamos ignorar.

– Luís. . . Sei que está sofrendo – disse eu. – Desculpe-me a intrusão, mas é que, tendo conhecido Luciano, parece-me que o conheço tão bem quanto a ele. Sente-se infeliz, não é? Posso ajudá-lo em alguma coisa?

– Oh! meu Deus! Não se preocupe – disse Luís com uma leve irritação. – Não é nada de importante.

Vendo que desejava guardar segredo sobre a causa de sua angústia, achei melhor calar-me.

Demos duas ou três voltas em silêncio. Eu, bastante indiferente ante o espetáculo daquelas

pessoas mascaradas; ele agitado, olhando em todas as direções, observando atentamente cada dominó que passava ao alcance de sua vista.

O nervoso de Luís era tão grande que não me contive:

— Escute — disse —, sabe o que devia fazer?

Ele teve um sobressalto.

— Eu? . . . Não! . . . Perdão, o que estava dizendo?

— Que tal se fôssemos cear à casa de um amigo meu? Poderia ser divertido e me parece que você está precisando de uma boa distração.

— Não, não.

— Por que não, Luís?

— Porque eu seria hoje uma péssima companhia.

— Ora, que bobagem! Venha comigo! Coragem!

— Não, meu amigo. Além disso, eu não fui convidado.

— Engano seu. Foi convidado e com muita insistência. Recomendaram-me até mesmo que eu o levasse à força.

— Seu amigo foi muito amável, mas, palavra de honra, Alexandre, hoje não me sinto. . .

Nesse instante cruzamo-nos com D., que parecia achar muito divertido o seu ramo de miosótis.

Vendo-me, D. gritou:

– Então está combinado, hem? Às três horas.

– Não está nada combinado – repliquei eu. –
Infelizmente não posso ir.

– Então vá para o diabo!

Dizendo isso prosseguiu seu caminho.

– Quem é ele? – perguntou Luís.

– É D. – respondi –, um amigo meu. Rapaz
muito inteligente, além de ser administrador de um
dos nossos mais importantes jornais...

– O Sr. D.! – exclamou Luís. – Então
conhece-o bem?

– Sim. Há dois ou três anos mantenho relações
profissionais e sobretudo de amizade com ele.

– E é na casa dele que você irá cear esta noite?

– Sim.

– Foi para esta ceia que me convidou?

– Exatamente.

– Nesse caso – disse Luís –, a coisa muda de
figura. Aceito com grande prazer o seu convite.

– Até que enfim!

– Na verdade – acrescentou Luís, com tristeza
– eu não deveria aparecer lá, se fosse um pouco
mais prudente. Mas como já lhe disse ontem, nós
nunca vamos aonde deveríamos, e sim para onde o

destino nos impele. Por exemplo, eu não deveria ter vindo aqui hoje em hipótese alguma.

Nesse momento, D. passou novamente por nós. Segurei-o pela manga:

– Meu amigo – disse eu –, mudei de opinião. Ainda aceita a meu companheiro e a mim como convidados em sua ceia?

– Claro que sim! Irá então?

– Sem dúvida.

– Ótimo. Mas devo avisá-lo de uma coisa: quem cear conosco esta noite terá que cear com as mesmas pessoas depois de amanhã.

– Porquê?

– Devido a uma aposta feita com Château-Renaud.

Notei que Luís estremeceu nitidamente ao ouvir aquele nome. Estava ainda mais pálido do que antes, embora seu rosto permanecesse impassível.

– E qual é a aposta? – perguntei.

– Ah! É muito complicada para explicar. Além disso, há uma pessoa que poderia fazer Château-Renaud perder a aposta, se soubesse do que se trata.

– Muito bem. Então, às três horas – disse eu, despedindo-me.

– Às três horas.

D. seguiu seu caminho. Ao passar diante do relógio, ergui os olhos: eram duas horas e trinta e cinco minutos. Luís fixou os olhos em mim.

– Conhece esse Château-Renaud? – perguntou-me com olhos brilhantes, embora tentando disfarçar a emoção.

– Apenas de vista – respondi. – Tenho-o encontrado uma ou outra vez em certas reuniões.

– Não é seu amigo?

– Não. Nem ao menos um simples conhecido.

– Ah! Tanto melhor!

Notei a animosidade de Luís em relação a Château-Renaud, mas nada disse a respeito.

– O senhor o conhece, por acaso? – perguntei.

– Indiretamente.

Apesar da resposta evasiva, pude perceber que entre Château-Renaud e meu amigo Luís havia um desses laços causados por uma mulher. E compreendi também, de repente, que talvez fosse muito melhor para Luís não ir à ceia de D.

– Ouça, meu amigo – murmurei eu. – Quer aceitar uma sugestão de minha parte?

– Pode dizer – respondeu Luís, curioso.

– Não vamos à casa de D.

– Por que motivo? Você não lhe disse que

levaria um convidado?

– Sim, claro. Não é por isso.

– Então, por que é?

Hesitei.

– Por que penso que não será divertido.

– Mas como? Há pouco você fez tudo para me convencer a ir, dizendo que o grupo que lá estará é alegre e brincalhão. . . Não, Alexandre, deve haver um motivo para fazê-lo mudar de opinião tão repentinamente.

– Não pensei que fôssemos encontrar Château-Renaud em casa de meu amigo.

– E o que tem isso de errado? – perguntou Luís, exagerando uma naturalidade que não sentia.

– Dizem que é uma pessoa muito amável e ficarei encantado em conhecê-lo melhor.

Ele notou o meu silêncio e também se calou. Depois de um longo momento, resolvi desistir:

– Está bem, Luís. Vamos então, já que assim o deseja.

Apanhamos nossos sobretudos e saímos para a rua.

Como D. morasse a dois passos da Ópera e a noite estava bonita, sugeri que fôssemos a pé. Luís aceitou. Talvez o ar fresco e uma boa caminhada

acalmassem os nervos do jovem corso, pensei comigo mesmo.

CAPÍTULO 16

A DESCONHECIDA

Ao entrar na sala de D., encontrei vários amigos meus, freqüentadores habituais da Ópera. Havia também dois ou três dominós sem máscaras, com os respectivos ramos de flores nas mãos, à espera do momento de os colocarem nos vasos.

Apresentei Luís de Franchi a todos os presentes, que o acolheram com toda a amabilidade.

A conversa transcorria animada, quando D. entrou na sala, acompanhado pelo ramo de miosótis; este tirou a máscara com uma desenvoltura e graça que revelavam uma mulher bonita.

Realmente, uma magnífica morena exibiu-se aos nossos olhos. Olhei para Luís, mas seu rosto continuava distraído e tenso. Apresentei-o ao dono da casa, que depois disse:

— Bem, agora que todos já se conhecem, só nos

resta ir para a mesa.

Ouviu-se um murmúrio de aprovação.

– Diabo! Não é que ia me esquecendo de Château-Renaud! – disse D.

– Falta só ele? – perguntou um dos convidados.

– Sim – respondeu D.

– A aposta continua de pé? – perguntou seu interlocutor.

– É claro.

– Se ele perder pagará o quê?

– Uma ceia para doze pessoas, as mesmas que aqui estão, se não conseguir trazer para cá uma certa senhora.

– E quem é essa senhora tão esquiva que provoca semelhante aposta? – perguntou o ramo de miosótis.

Olhei para Luís; estava aparentemente calmo, mas pálido como um morto.

– Que diabo – respondeu D. – Penso que não há grande indiscrição em dizer o nome de tal pessoa, tanto mais que provavelmente ninguém aqui a conhece. É a senhora. . .

Luís pousou a mão no braço de D.

– Senhor – murmurou ele –, em nome do

nosso conhecimento recente, conceda-me um favor.

..

— Pois não, meu amigo — respondeu D. virando-se para Luís.

— Não diga o nome da pessoa que deve vir com Château-Renaud. Sabe, sem dúvida, que se trata de uma mulher casada.

— Sim, mas cujo marido está em Esmirna, nas índias ou no México, não sei. E quando um marido está tão longe assim, é quase como se não existisse.

As pessoas riram discretamente, mas Luís não se deixou abalar.

— O marido regressará dentro de alguns dias; conheço-o, é um excelente rapaz e eu gostaria, se fosse possível, de lhe poupar o desgosto de saber, logo à chegada, que sua esposa cometeu tal imprudência.

— Ah! meu caro senhor, desculpe-me — retorquiu D. — Ignorava que conhecesse essa senhora; até duvidava que fosse casada, mas uma vez que o senhor a conhece e conhece também seu marido. . .

— Conheço-o perfeitamente.

— Sejamos discretos, então. Senhores e senhoras, venha ou não Château-Renaud, chegue

sozinho ou acompanhado, perca ou ganhe sua aposta, peço-lhes o mais completo segredo a respeito deste episódio.

O segredo foi unanimemente prometido. Não porque as pessoas que lá estavam fossem especialmente discretas, mas sim porque sentiam fome e desejavam ir para a mesa o mais cedo possível.

— Obrigado, senhor — disse Luís a D., estendendo-lhe a mão. — Sua atitude foi extremamente elegante.

Passamos à sala de jantar e cada qual sentou-se no lugar que lhe foi designado. Notei que havia dois lugares vazios, imaginando que fossem os de Château-Renaud e de sua acompanhante.

O criado quis retirar os talheres dos lugares vagos.

— Não — disse o dono da casa —, deixe ficar. Château-Renaud tem prazo até as quatro horas. Se depois desta hora não chegarem, retire-os; então ele terá perdido a aposta.

Eu não tirava os olhos de Luís. Vi-o consultar o relógio da sala, que marcava três horas e quarenta minutos.

— Estará certo? — perguntou Luís friamente.

— Bem, isso não me interessa — disse D. sorrindo. — Interessa apenas a Château-Renaud; de qualquer modo, mandei acertar esse relógio pelo seu, para que não se queixe de qualquer diferença.

— Então, senhores — interveio o ramo de miosótis —, se não se pode falar de Château-Renaud ou da desconhecida que trará, nada de alusões indiretas; do contrário cairemos nos símbolos, nas alegorias e nos enigmas, o que seria mortalmente aborrecido.

— Tem razão — concordou V. — Há muitas mulheres de que se pode falar e que não desejam outra coisa senão que se fale delas.

— Então, à saúde dessas! — propôs D.

Os copos foram enchidos com champanha gelado. Cada conviva tinha uma garrafa perto de si.

Notei que Luís praticamente não bebia.

— Por que não bebe? — perguntei. — É claro que ele não virá.

— Faltam ainda quinze minutos para as quatro — disse ele. — Às quatro horas prometo-lhe alcançar o que tiver bebido mais, apesar do meu atraso.

— Está bem.

Enquanto trocávamos essas palavras em voz

baixa, a conversa em torno da mesa tornava-se geral e ruidosa. Os risos espocavam daqui e dali, acompanhando as frases mais engraçadas.

De vez em quando, D. e Luís atiravam olhares ao relógio, que continuava sua marcha indiferente à impaciência dos dois homens.

Eu torcia silenciosamente para que as quatro horas chegassem logo, a fim de que a tensão de Luís desaparecesse.

Quando faltavam apenas cinco para as quatro, olhei para meu amigo.

— A sua saúde! — disse-lhe.

Ele sorriu, ergueu a taça diante de si e levou-a aos lábios.

Não bebera nem ao menos a metade dela quando se ouviu um toque de campainha.

Nunca pensei que Luís pudesse tornar-se mais pálido do que já era, mas me enganava.

— Château-Renaud chegou — disse ele.

— Sim, mas talvez venha só — animei-o.

— É o que veremos — murmurou Luís numa voz quebrada.

O toque da campainha chamara a atenção de todos os presentes e a conversação cessou. Um silêncio profundo desceu sobre a mesa que, curiosa,

mantinha-se em expectativa.

Ouviu-se uma espécie de discussão no vestíbulo.

D. ergueu-se imediatamente e foi abrir a porta.

— Reconheci a voz dela — murmurou Luís agarrando com força o meu braço.

— Vamos, coragem, meu amigo — falei em voz baixa. — Se esta pessoa vem cear à casa de alguém que não conhece, com pessoas que lhe são igualmente desconhecidas, e acompanhada de Château-Renaud, cuja fama de conquistador é notória em toda a cidade, não se trata de uma pessoa muito séria. E já que é assim, seria melhor que você a esquecesse.

Luís fixava um ponto qualquer da mesa, terrivelmente abalado.

— Entre, por favor, minha senhora — ouviu-se D. dizer no vestíbulo.

— Estamos entre amigos.

— Vamos entrar, querida Emília — disse Château-Renaud —; pode conservar a máscara, se quiser.

— Miserável! — murmurou Luís a meu lado.

Nesse momento, entrou na sala onde estávamos sentados uma mulher, mais arrastada do que conduzida por D., acompanhada por Château-

Renaud.

— Três minutos para as quatro horas — observou em voz baixa Château-Renaud para D.

Este último alisou o bigode.

— Perfeitamente, meu caro. Ganhou a aposta.

A mulher levantou a cabeça com altivez.

— Ainda não, senhor — falou ela com voz trêmula, dirigindo-se a Château-Renaud. — Agora compreendo a sua insistência... O senhor tinha apostado que me traria aqui, não é?

Château-Renaud ficou em silêncio.

Ela então se dirigiu a D. com a voz mais firme:

— Já que ele não responde, responda o senhor: não é verdade que o Sr. de Château-Renaud havia apostado trazer-me para cear nesta casa?

D. mostrou-se embaraçado.

— Não posso negar-lhe, minha senhora, que ele nos acenara com essa esperança.

— Nesse caso o Sr. de Château-Renaud perdeu a aposta, pois eu ignorava para onde vinha. Acreditava ir cear em casa de uma das minhas amigas. Como não vim aqui voluntariamente, parece-me que ele deve perder a aposta.

— Mas agora que já está aqui, querida Emília — disse suavemente Château-Renaud —, vai ficar, não

é verdade? Como vê, formamos um grupo alegre e divertido.

— Agora que estou aqui — revidou a desconhecida — agradeço ao dono da casa a gentil acolhida que me deu, mas, como infelizmente não posso aceitar o seu amável convite, pedirei ao Sr. Luís de Franchi que me ofereça o seu braço e me acompanhe até minha casa.

Luís de Franchi levantou-se num segundo, colocando-se entre Château-Renaud e a desconhecida.

— Devo observar-lhe, minha senhora — disse o último com os maxilares cerrados pela cólera —, que fui eu quem a trouxe. Portanto, compete a mim levá-la embora.

— Cavalheiros — disse a desconhecida —, estou vendo aqui cinco homens, confio-me à proteção de todos; espero que impeçam o Sr. de Château-Renaud de usar qualquer violência comigo.

Château-Renaud fez um movimento e todos nós nos erguemos.

— Perfeitamente, senhora — disse ele. — Deixo-a livre. Sei com quem terei de entender-me.

— Se é comigo, senhor — disse Luís, com uma altivez e frieza impossível de serem descritas —,

poderá encontrar-me durante todo o dia na rua do Helder, número 7.

– Muito bem, cavalheiro; talvez eu não tenha a honra de me apresentar pessoalmente em sua casa, mas espero que em meu lugar possa receber dois amigos meus.

– Poderia ter evitado, senhor, anunciar-me semelhante visita diante de uma mulher – censurou-o Luís numa voz gelada. – Venha, minha senhora – acrescentou ele, tomando o braço da desconhecida – e creia que lhe agradeço profundamente a honra que me dá.

Ambos saíram em meio ao silêncio da sala.

Château-Renaud deu uma risada sem vontade.

– Que se há de fazer, senhores? – disse ele, depois que a porta da rua foi fechada. – Perdi a aposta e o jeito é pagá-la. Depois de amanhã à noite, todos os que estão aqui são convidados a comparecer aos Irmãos Provençais, às 22 horas.

Sentou-se num dos lugares vazios e estendeu sua taça a D., que a encheu da champanha.

Contudo, apesar das brincadeiras de Château-Renaud e da excelência da comida, o resto da ceia, como não podia deixar de ser, foi bastante aborrecido.

CAPÍTULO 17

CAUSAS DO DUELO

De depois de dormir durante três horas, acordei preocupado com os acontecimentos da madrugada anterior. Aquela troca de palavras resultaria mesmo num duelo? Assim pensando, estava eu às dez horas da manhã ante a porta de Luís de Franchi.

Quando subia a escada cruzei com dois homens que desciam: ambos elegantes, sendo que um certamente pertencia à sociedade. O outro, condecorado com a Legião de Honra, apesar de vestido à paisana, parecia um militar.

Desconfiei que os dois estivessem saindo da casa de Luís. Torci com todas as minhas forças para que não fossem padrinhos mandados por Château-Renaud.

Acompanhei-os com os olhos até o fim da escada; então continuei a subir e toquei a campainha.

O criado abriu-me a porta, conduzindo-me ao gabinete.

Quando entrei, Luís, que estava escrevendo, levantou a cabeça:

— Ora veja! Este bilhete era para você — disse ele, amassando o papel e atirando-o ao fogo. — Ia mandá-lo agora à sua casa. José — acrescentou, virando-se para o criado —, não estou para ninguém.

O criado saiu.

— Ouça, não encontrou ninguém quando vinha subindo? — perguntou Luís, puxando uma poltrona para perto de sua mesa.

Sentei-me com um suspiro.

— Um deles condecorado?

— Imaginei que estivessem saindo de sua casa.

— E estavam.

— Foi Château-Renaud quem os mandou?

— São padrinhos dele — disse Luís, oferecendo-me um cigarro.

— Que diabo! Quer dizer que ele levou a coisa a sério!

— Nem podia ser de outro modo — comentou Luís, tirando uma baforada do cigarro.

— E o que disseram? — perguntei eu, vendo

que meus temores se concretizavam.

– Pediram-me que lhes mandasse dois amigos meus para conversarem sobre os detalhes do duelo. Lembrei-me imediatamente de você.

– Sinto-me muito honrado, Luís, mas não posso apresentar-me sozinho em casa deles.

– Você estará acompanhado por outro amigo meu, o barão Giordano Martelli. Ele virá almoçar conosco daqui a pouco e depois vocês terão o trabalho de ir à casa dos padrinhos de Château-Renaud, que prometeram esperá-los até as três horas. Eis aqui seus nomes e endereço.

Peguei os dois cartões que Luís me estendia.

Num deles estava escrito: Visconde Renê de Châteaugrand, e no outro, Adriano de Boissy.

O primeiro morava na rua de La Paix, número 12; o segundo como eu desconfiara, era do Exército, ocupando o posto de tenente dos Caçadores, na África. Adriano de Boissy habitava o número 29 da rua de Lille.

Balancei pensativamente os dois cartões no ar.

– Então – perguntou Luís –, que é que o está preocupando?

Olhei-o nos olhos por um momento.

– Diga-me, Luís – falei finalmente –, e com

toda a franqueza: considera esse duelo um assunto realmente sério, isto é, que terá de ser levado adiante? Parece-me que o motivo da contenda é excessivamente banal para tomar tal proporção.

— Banal ou não, o assunto é seriíssimo! — respondeu Luís gravemente. — Além disso, como você mesmo ouviu, fui eu quem me pus à disposição de Château-Renaud; já que mandou seus padrinhos, a única atitude que posso tomar é a de aceitar seu desafio.

— Sim, Luís, mas. . . — hesitei.

— Diga tudo — falou ele, sorrindo.

— Mas enfim. . . precisamos saber por que se batem. Afinal de contas dois homens não partem para se retalhar à espada sem que ao menos fique bem claro o motivo do duelo. Você sabe muito bem, Luís, que a responsabilidade de um padrinho é maior que a do duelista.

O rapaz pensou durante um momento.

— Vou dizer-lhe em poucas palavras a causa desse confronto. Quando cheguei a Paris um amigo meu, oficial da Marinha, apresentou-me a sua esposa. Era uma mulher jovem e extraordinariamente bonita. Pois bem, ela impressionou-me tanto, que eu, temendo apaixonar-

me, resolvi recusar a maioria dos convites que me eram feitos com freqüência para almoçar ou jantar em casa deles.

"Meu amigo queixou-se de minha ausência – continuou Luís – e então resolvi dizer-lhe francamente a verdade: sua esposa era excessivamente fascinante para que eu me expusesse a visitá-la com muita freqüência. Ele, entretanto, sorriu, estendeu-me a mão e exigiu que eu fosse jantar em sua casa nesse mesmo dia.

"À sobremesa – prosseguiu Luís –, ele voltou-se para mim e disse: – Daqui a três semanas partirei para o México, ficando fora por três meses, seis meses ou até mais tempo. Nossa profissão, meu amigo, exige que a gente saiba a hora da partida, mas nunca a da chegada. Assim, recomendo-lhe Emília. Vele por ela durante a minha ausência. Emília, minha querida, peço-te que trates Luís de Franchi como se fosse teu irmão.

"Sua mulher sorriu e estendeu-me a mão como resposta. Eu me senti de tal modo embaraçado que não consegui pronunciar uma palavra, o que deve ter parecido bem tolo à minha nova "irmã". Três semanas depois meu amigo partiu, exigindo, antes de viajar, que eu jantasse em sua casa pelo menos

uma vez por semana. Emília ficou com a mãe e a confiança depositada em mim por seu marido fez com que eu controlasse disciplinadamente qualquer rompante de paixão em relação a ela. Embora continuando a amá-la, nunca lhe dei a conhecer meus sentimentos.

"Passaram-se seis meses desde que meu amigo partira. Como ele quisera que a mulher continuasse a receber para pequenas reuniões, como era do hábito de ambos, Emília assim o fez. Tenho a impressão de que a coisa que meu amigo mais temia era a fama de homem ciumento. Na verdade, adorava Emília e nela depositava total confiança. A presença da mãe nas reuniões dadas pela filha desencorajava as más línguas. Há mais ou menos três meses, entretanto, Château-Renaud conseguiu ser apresentado a Emília, acabando por ser convidado a uma das reuniões em casa dela. O senhor acredita em pressentimentos?" — perguntou-me Luís.

— Claro que sim — respondi. — Já me alegraram e assustaram muitas vezes na vida, e quase todos se realizaram.

— Pois bem — prosseguiu ele. — Assim que vi Château-Renaud estremeci, assaltado por uma

antipatia que aparentemente não tinha razão de ser. Disse-me boa noite, comportou-se como um homem de sociedade e nada fez que fosse exatamente desagradável. Apesar disso, entretanto, quando saiu eu já o odiava. Por que minha reação fora tão violenta? Não o sabia. Ou melhor, talvez percebesse que Château-Renaud tivera a mesma impressão que eu diante de Emília.

Meu amigo parou, atormentado pela lembrança. Depois de um momento prosseguiu:

— O pior é que Emília pareceu-me também entusiasmada por Château-Renaud. Seus olhos brilhavam com uma intensidade desconhecida, ela parecia achar uma graça enorme em tudo o que lhe era dito por ele. Apesar de observar tudo isso, quis, contudo, pensar que fora um engano de minha parte. Resolvi atribuir minha nova preocupação ao ciúme que sentia.

"Na reunião seguinte em casa de Emília, porém, não perdi de vista Château-Renaud. Ele deve ter notado minha insistência em segui-lo com os olhos, pois conversando em voz baixa com Emília penso que tentou ridicularizar-me. A vontade que tive foi de achar um pretexto qualquer para desafiá-lo a um duelo. E teria feito

isso se uma parte sensata de mim mesmo não me alertasse a propósito de tal absurdo.

"A partir daí, entretanto, as sextas-feiras, dia em que Emília recebia, passaram a ser uma tortura para mim — continuou Luís. — É verdade que Château-Renaud é um perfeito homem de sociedade, elegante e bem-parecido. Contudo, penso que Emília o colocava ainda mais alto do que ele merecia, causando-me um sofrimento que só fazia aumentar cada vez que eu os via juntos. À medida que o tempo passava, outras pessoas além de mim começaram a notar o interesse fora do comum que Emília nutria por Château-Renaud. Esse interesse tornou-se tão visível que certo dia Giordano, tão amigo do marido de Emília quanto eu, falou-me sobre o assunto.

"Aquilo me deixou profundamente chocado. Se até Giordano, em geral muito distraído a respeito dessas intrigas, havia reparado no comportamento de Emília, o que não espalhariam por Paris as pessoas maldosas, ávidas de escândalo e sem nenhum afeto pelo marido e a mulher?

"A partir desse momento, resolvi tomar uma decisão: falaria com Emília, pois estava convencido de que sua atitude devia-se a um misto de

leviandade e ingenuidade, sem que ela soubesse o quanto poderia ser mal interpretada pelas pessoas que a rodeavam. Pensei: no momento em que chamar-lhe a atenção para isso, Emília modificará imediatamente sua conduta. Meu pensamento incluía até mesmo o espanto e o choque de Emília ao pensar que seu comportamento desse margem a comentários."

Luís acendeu um cigarro.

— Para minha surpresa, porém, Emília riu muito do que eu lhe disse, declarando que eu devia estar louco para ter idéias semelhantes. E que também estavam loucos todos os que comentavam sobre ela. Voltei à carga, tentando convencê-la do perigo da situação, mas Emília revidou-me friamente, dizendo que já era crescida o bastante para tomar conta de si própria. Advertiu-me também de que eu estava levando excessivamente longe minha preocupação com o assunto. Além disso — declarou ela com voz cortante —, a opinião de um homem apaixonado é sempre parcial.

"Essa última frase fez-me silenciar de vez sobre a questão e deixou-me bastante confundido. Nunca poderia imaginar que o marido lhe houvesse contado sobre o amor que eu sentia por ela. A

partir desse dia deixei de ir à casa de Emília, pois não podia suportar que ela me encarasse como um apaixonado infeliz e lastimoso, portanto ridículo.

"Entretanto — prosseguiu Luís —, embora não a visse mais, procurava manter-me informado de todos os seus passos. Sentia-me profundamente infeliz, porque então já se comentavam abertamente as relações entre ela e Château-Renaud. Um dia não pude mais controlar a insuportável tensão em que vivia: escrevi-lhe uma carta suplicando que fosse prudente, pois sua honra e a do marido eram espezinhadas em todos os salões da cidade. Nada adiantou. Emília nem sequer respondeu, o que me fez acreditar ter-se ela irritado comigo."

— O que podia eu fazer? — perguntou Luís, fixando seus olhos escuros nos meus. — Você sabe perfeitamente que o amor independe de nossa vontade. Do mesmo modo que ele me instigava a intrometer-me num assunto que só dizia respeito a Emília, afinal de contas, ele a tornava cega quanto à propriedade das minhas advertências. Ela estava apaixonada: assim, só o objeto de seu amor lhe interessava.

"Algum tempo depois, como era de se esperar, ouvi dizer alto e bom som que Emília era amante de

Château-Renaud. O que sofri, meu amigo, só Deus sabe. Foi exatamente nessa época que Luciano sentiu a repercussão de meu sofrimento, preocupando-se com o que me estaria ocorrendo aqui em Paris. Daí para cá passaram-se umas duas semanas, tempo que procurei preencher com o maior número de divertimentos possíveis. Tentava de todos os modos esquecer Emília, quando, no próprio dia em que você chegou, recebi uma carta anônima.

"Vinha da parte de uma mulher desconhecida. Marcava-me ela um encontro no baile da Ópera, a fim de comunicar-me certa informação que dizia respeito a uma pessoa minha amiga. Limitava-se a dar o primeiro nome dessa pessoa: Emília. A desconhecida seria identificada por um ramo de violetas que traria na mão.

"Não preciso dizer — suspirou Luís — que a carta me transtornou. Até a noite do baile, pensei sem cessar nessa nova fonte de sofrimentos; não deveria ter ido à Ópera, como lhe disse, mas a fatalidade obrigava a ir. E fui. Encontrei o dominó com o ramo de violetas na mão, na hora e lugar indicados, obtendo a confirmação do que já suspeitava: Emília era de fato amante de Château-

Renaud. Como eu pedisse uma prova, o dominó falou-me da aposta entre Château-Renaud e D. a respeito da ida de Emília à ceia daquela noite. O resto — disse ele — já sabe: o acaso quis que você conhecesse D. e acabamos indo cear em sua casa."

Ficamos em silêncio durante um longo momento.

Eu meditava na estranheza de tudo aquilo quando a voz de Luís me interrompeu:

— Agora, Alexandre, só me resta aguardar e aceitar as propostas que me forem feitas por Château-Renaud.

— Pelo que sei, meu amigo, Château-Renaud é um atirador exímio. Também no florete a sua fama é de campeão.

— Ouvi falar disso. Chegou mesmo a ganhar algumas vezes o torneio nacional de Saint-Cloud para pistola.

A situação era mais grave do que eu imaginara.

— Ouça, Luís. Estarei enganado ou terá Luciano me dito que você jamais tocou numa pistola ou florete em toda a sua vida?

— É a pura verdade.

— Nesse caso ficará inteiramente à mercê de seu adversário!

— Não importa — respondeu Luís com voz firme. — A única coisa que desejo é comportar-me com a lisura de um De Franchi. Isso me bastará.

CAPÍTULO 18

"*QUE ARMA VOCÊ PREFERE?* "

Nesse momento o criado anunciou o barão Giordano Martelli.

– Traga-o aqui – disse Luís.

Segundos depois, um rapaz moreno como Luciano entrou na biblioteca. Luís nos apresentou logo, tendo Giordano me dado um aperto de mão tão vigoroso que estremei.

O jovem barão era também um corso da província de Sartene. Servia no 11.º Regimento, onde dois ou três atos de bravura o tinham promovido a capitão com a idade de vinte e três anos.

Não preciso dizer que estava à paisana.

– Bem, Luís – disse Giordano –, as coisas finalmente chegaram aonde tinham que chegar. Mais dia menos dia, era inevitável que esse duelo acontecesse. Segundo teu bilhete, terás

provavelmente hoje a visita dos padrinhos de Château-Renaud.

– Já estiveram aqui – disse Luís.

– Deixaram nomes e endereço?

– Eis os seus cartões.

– Muito bem. Teu criado me disse que o almoço será logo servido. Almocemos de uma vez e vamos em seguida pagar-lhes a visita.

Passamos à sala de jantar, onde nos vimos diante de uma refeição digna do bom gosto de Luís.

Este ergueu o copo de vinho contra a luz.

– Guardava estas duas garrafas – que são a obra-prima de minha adega – para uma ocasião especial. E que melhor ocasião posso querer do que almoçar com dois amigos a quem estimo e admiro? – disse Luís, sorrindo.

A sombra do duelo desceu subitamente sobre mim; do mesmo modo, a consciência do perigo que o combate significaria para Luís causou-me um profundo mal-estar.

– Ouça, meu amigo... – comecei, mas fui interrompido imediatamente pelo dono da casa.

– Se é para tentar convencer-me a não me bater, é inútil, Alexandre. Agradeço-lhe do fundo

do coração a boa vontade e o cuidado, mas prefiro que falemos de outra coisa.

Ante aquela reação, decidi deixar para mais tarde uma nova investida. O almoço prosseguiu com as narrativas de Giordano sobre as peripécias da vida no Exército, enquanto fazíamos jus aos pratos deliciosos que chegavam à mesa.

Só então Luís interrogou-me a respeito de minha viagem à Córsega, contando-lhe eu todas as aventuras por que passara. O rapaz dava boas gargalhadas com as confusões entre Colonas, Orlandis e um pobre francês que nada tinha a ver com aquilo. Subitamente, pareceu-me que Luís assumia uma expressão melancólica: lembrara-se do duelo, e todos os sentimentos que abrigava sobre sua família e a terra em que nascera tornaram-se muito vivos.

Obrigou-me a repetir vinte vezes o que seu irmão e sua mãe me haviam dito. Seus olhos brilhavam, mas ele conteve a emoção como um verdadeiro corso o faria.

— É fantástico que Luciano tenha se empenhado tanto em terminar a contenda entre Colonas e Orlandis! Apenas sua grande afeição por mim o levaria a tal coisa. Luciano, como vocês sabem, é

mais curso que a província de Sartene, e aprova totalmente a *vendetta*.

O relógio da sala de jantar deu doze badaladas.

Giordano e eu olhamos automaticamente para ele.

— Bem, meus amigos — disse Luís —, não quero apressá-los, mas talvez já seja hora de visitarem os padrinhos de Château-Renaud. Temo que, se demorarem, aqueles cavalheiros pensem que hesito ou julguem qualquer loucura semelhante.

— Não se preocupe, Luís — disse eu. — Eles saíram daqui há somente duas horas; além disso, você precisaria de tempo para nos prevenir.

— Mesmo assim — interveio Giordano —, penso que Luís tem razão. Podem julgar qualquer atraso uma negligência de nossa parte.

— Pois bem — disse eu a Luís. — Precisamos saber que arma você prefere. Florete ou pistola?

— Ah! meu Deus! — exclamou ele. — Isso me é perfeitamente indiferente, uma vez que nunca usei nem uma nem outra, como já lhe disse. Aliás, Château-Renaud me poupará o embaraço da escolha; como se considera a parte ofendida, a ele caberá escolher a arma que melhor lhe convier.

Troquei um olhar com Giordano, que terminava

tranqüilamente o seu vinho. Como militar e como corso, o jovem barão parecia considerar as lutas partes naturais e inseparáveis da vida.

— Em todo o caso, Luís — disse eu —, a ofensa é discutível. Que diabo, você apenas se limitou a cumprir o pedido feito por uma amiga, cuja casa freqüentou várias vezes. Nada mais normal. Não me parece que. . .

— Desculpe-me, Alexandre — objetou Luís, num tom de voz que não admitia réplica —, qualquer discussão sobre o assunto poderia sugerir um desejo de acomodamento de minha parte. Sou uma pessoa muito pacífica, como sabe, e até hoje só utilizei armas de brinquedo, na Córsega, quando acompanhava Luciano em suas brincadeiras de infância. Estou muito longe de ser um duelista, e tanto isso é verdade que se trata da primeira aventura desse tipo que me sucede. Ora, é justamente devido à minha aversão à violência que pretendo agir sem qualquer rodeio.

Olhei-o firmemente.

— Isso é muito fácil de dizer, meu caro. Você está jogando apenas a vida, mas deixa-nos perante sua família com toda a responsabilidade pelo que acontecer.

— Oh! Quanto a isso fique tranqüilo, conheço minha mãe e meu irmão. A única coisa que lhes perguntarão é: "Luís comportou-se como um homem de bem?" Quando você lhes responder que sim, dirão apenas: "Está bem".

Naquele minuto tomei uma decisão que participaria mais tarde a Giordano.

— De qualquer modo, Luís, precisamos saber que arma você prefere — disse eu.

O rapaz soltou uma lenta baforada de fumaça que o envolveu numa nuvem cinzenta.

— Bem, se propuserem pistola, aceite — respondeu.

— Acho que terá mais chances com ela do que com o florete — observou Giordano.

— Bem, se ambos concordam, então está resolvido — retruquei. — Penso, contudo, que a pistola é uma arma traiçoeira.

Luís parecia pensativo.

— Existe algo que queira perguntar? — indaguei-lhe.

— Terei tempo de aprender alguns golpes de florete até amanhã de manhã? — e olhou para Giordano e para mim.

— Não — respondeu o jovem capitão,

meneando a cabeça. — Em todo o caso, talvez com uma boa lição de Grisier possa chegar a se defender.

Luís sorriu.

— Não, é inútil — finalizou. — O que tiver de me acontecer já está escrito lá em cima, e nada do que eu vier a fazer modificará tal disposição.

Luís conduziu-nos até a porta, onde lhe apertamos a mão e descemos.

CAPÍTULO 19

O GRAVE PERIGO

A tarde estava límpida, com um grande céu azul-turquesa brilhando sobre nossas cabeças.

Entretanto, ao invés de me deixar alegre, todo aquele esplendor tornava-me o humor ainda pior: a idéia do grave perigo que Luís de Franchi corria não me abandonava um só instante.

Era hora de pôr em prática o que tinha em mente. Voltei-me para Giordano, que caminhava pela calçada com os passos ágeis de quem passa muito de seu tempo ao ar livre. Como eu já observara as reações do rapaz, sabia que não seria fácil convencê-lo, mas precisava de sua ajuda e portanto teria que tentar.

— Não concordo absolutamente com que Luís se deixe matar por Château-Renaud — comecei eu.

Giordano ficou em silêncio, provavelmente

pensando no que eu dissera.

– Pode ser que fique apenas ferido – murmurou ele. – E talvez tenha até mesmo uma chance de acertar o adversário.

– Que chance, Giordano? – perguntei eu, controlando minha irritação. – Que chance terá Luís em se bater com um campeão de tiro?

– A chance da sorte – respondeu com voz triste. – Infelizmente só podemos contar com ela no momento.

Respirei fundo.

– Acho – disse eu – que deveríamos fazer qualquer coisa. Ou melhor, temos a obrigação de fazê-lo.

– Contudo – retrucou –, não há nada que possamos fazer.

– Não há nada?! Ouça, meu amigo, se ambos prezamos tanto a vida de Luís, temos que interferir o mais rapidamente possível nesse equívoco lamentável. Isto é, enquanto Luís ainda respira.

O jovem barão sentiu-se censurado e seu rosto moreno fechou-se.

– Conheço Luís de Franchi desde que éramos crianças. Brincamos juntos muitas vezes em Sullacaro e presenciei diversos acontecimentos

importantes de sua vida, assim como ele me viu passar por inúmeros momentos bons e maus. Minha amizade por ele é sólida e acima de qualquer dúvida. Creio que o próprio Luís tem absoluta certeza disto. Portanto, se o senhor por acaso descobriu um milagre que possa resolver a atual situação, diga-me; estou pronto a colaborar.

— Nem por um momento duvidei de sua amizade a Luís, meu caro Giordano. Não se justifique, por favor, e peço-lhe que me perdoe se algo que disse o molestou. A verdade é que sinto o tempo cada vez mais curto e a vida de nosso amigo por um fio.

— Mas o que poderíamos fazer? — perguntou Giordano parando na rua.

Parei também e olhei para ele.

— Poderíamos tentar desfazer o duelo.

A fisionomia do barão carregou-se de novo.

— E de que modo? Sabe perfeitamente que Luís jamais aceitaria uma acomodação. Além disso, confesso que eu próprio detestaria interferir nos assuntos de honra de meu amigo. Não temos o menor direito de fazer tal coisa.

— Em primeiro lugar, Giordano, não tentaríamos uma acomodação por parte de Luís e

sim de Château-Renaud, que foi o desafiador. Quanto a interferir nos assuntos de honra de Luís de Franchi, seria apenas para que permaneça vivo: qualquer pessoa que olhe de fora esse duelo constatará tratar-se o mesmo de uma covardia. De um lado, alguém totalmente inexperiente; de outro, um homem tão habituado à pistola que venceu vários torneios de tiro. Pense um pouco, Giordano.

A cara do jovem capitão não se desamarrou.

— Se conheço Luís, ele não aceitará tal solução. No que fará muito bem, a meu ver.

Aquele diabo de corso cabeçudo punha as questões de honra até mesmo acima de sua afeição por Luís, mas eu haveria de convencê-lo! A atitude de Giordano não me espantava, aliás: eu conhecera Luciano de Franchi.

— Bem, de qualquer modo — resmunguei —, acho que é obrigação nossa tentar. E sem que Luís saiba. Nós lhe apresentaremos apenas o resultado.

O barão pensou durante um momento e finalmente concordou.

— Temos de deixar bem claro, entretanto, que Luís nada sabe a respeito dessa tentativa. Seria imperdoável de nossa parte que pudessem pensar

em qualquer sinal de covardia vindo dele — disse Giordano.

— Quanto a isso não se preocupe. Então, se concorda, visitemos primeiro René de Châteaugrand, que mora mais perto.

Pouco depois chegávamos à rua de La Paix, número 12.

A entrada estava interditada a quem não se apresentasse da parte de Luís de Franchi.

Entretanto, quando o criado leu nossos nomes nos cartões, fomos imediatamente introduzidos na casa.

O Sr. de Châteaugrand nos esperava. Era um rapaz alto, de olhos muito azuis, vestido certamente pelos melhores alfaiates de Paris. Levou-nos para uma aconchegante e luxuosa sala de estar, onde nos sentamos.

— Bem, senhores, estou à sua disposição — começou ele. — Entretanto, se quiserem ter a bondade de aguardar uns poucos instantes, Adriano de Boissy estará aqui. Pedi a um criado que fosse avisá-lo, para poupar aos senhores o trabalho de terem de passar depois em casa dele.

— Nesse caso, senhor — disse eu —, creio que é melhor esperar sua chegada antes de tocarmos no

assunto que aqui nos traz.

— Também o creio.

Enquanto aguardávamos, o Sr. de Châteaugrand nos ofereceu bebidas e charutos. Conversamos sobre corridas, caças e a Ópera, embora a preocupação por Luís não me permitisse um estado de espírito agradável.

Felizmente Adriano de Boissy chegou após quinze minutos.

Após as apresentações, Châteaugrand esperou um momento, depois declarou para Giordano e eu:

— Estamos ao seu dispor, cavalheiros.

— Bem — comecei —, como os senhores não ignoram, estamos aqui na qualidade de padrinhos de Luís de Franchi no duelo para o qual foi desafiado pelo Sr. de Château-Renaud. Um duelo sempre me pareceu uma forma excessivamente drástica de resolver diferenças, pois muitas vezes causa a morte de um dos contendores. E além de drástica se torna injusta, quando um dos adversários está habituado a lidar com armas e o outro não tem nem a mais leve idéia de seu manuseio.

Châteaugrand e De Boissy olhavam-me atentamente, procurando entender aonde queria eu

chegar. Quanto ao pobre Giordano, via-se que estava muito pouco à vontade, desejando naturalmente encontrar-se a léguas de distância daquela sala.

— Bem sabem, senhores, que a responsabilidade dos padrinhos é muito grande — continuei —, e creio estar em nossas mãos fazer o possível para evitar um ato violento que certamente provocará derramamento de sangue e talvez a morte de um dos contendores.

Respirei fundo e prossegui.

— Sr. de Châteaugrand e Sr. De Boissy, o barão Martelli e eu viemos solicitar-lhes algo que pode parecer extravagante, mas que é apenas razoável: convencer o Sr. de Château-Renaud de que a realização do duelo seria absurda, dado o pequeno motivo que o causou.

Châteaugrand e De Boissy se entreolharam.

— Antes que nos respondam — atalhei — desejo esclarecer que Luís de Franchi nada sabe de nossa iniciativa. Sobre isso faço questão absoluta de lhes dar a minha palavra de honra, assim como peço a do barão Martelli.

Giordano assentiu com a cabeça.

— A bravura de Luís de Franchi — sublinhei —

faria com que ele nos impedisse qualquer tentativa nesse sentido. Peço-lhes que acreditem nisto pois é a mais límpida verdade.

Châteaugrand cruzou as pernas.

— Nós o acreditamos, senhores — disse ele. — Penso, entretanto, que será uma interferência indevida de nossa parte nos negócios de Château-Renaud se solicitarmos a ele que suspenda o duelo. Acho mesmo que receberá muito mal uma iniciativa dessas, coisa perfeitamente compreensível.

— Mas pensem um pouco no gesto que originou o desafio de Château-Renaud — retruquei — e vejam se não há uma grande desproporção entre esse gesto e a morte de um homem.

— Desproporcionado ou não — interveio o tenente Adriano de Boissy —, Château-Renaud sentiu-se ofendido por ele. Não cabe a nós, creio eu, julgar de sua validade ou invalidade. Além do mais, não será o primeiro duelo causado por algo aparentemente sem importância.

— Para o senhor é fácil dizer isso — tentei controlar a voz que me saía metálica. — Não é o seu amigo quem vai morrer.

— Ora, vamos, meu caro senhor — replicou Adriano de Boissy batendo a ponta do cigarro na

cigarreira de prata de onde o retirara. — Somos por acaso adivinhos para saber de antemão quem morrerá? A situação é simples: alguém fez algo; outro alguém julgou-se ofendido. O que há de mais justo para se resolver esta diferença do que um duelo, onde dois adversários têm oportunidades iguais de ataque e defesa?

Por um momento tive impulsos de amassar aquela cara com um bom soco, mas tal atitude poria nossa tentativa a perder.

— Acha, então — perguntei lentamente —, que nesse duelo haverá oportunidades iguais? Luís é um homem voltado para o estudo, nunca pegou numa arma em toda a sua vida, enquanto que Château-Renaud é exímio na pistola e no florete. Isso não será um duelo e sim assassinato.

— Oh! o senhor exagera! — disse Châteaugrand.

— Infelizmente não — retruquei. — Meu amigo tranqüilamente se fará matar, porque é um homem cioso de sua honra. Quanto aos senhores, se se recusarem a falar com Château-Renaud, serão os responsáveis pela morte de Luís de Franchi. Eis o que tínhamos a dizer.

Durante um longo momento o silêncio se instalou na sala.

De Boissy e Châteaugrand trocaram um olhar, após o que o último falou:

– Peço-lhes licença, senhores, para dar uma palavra em particular com De Boissy sobre o assunto.

– Pois não – respondemos Giordano e eu quase ao mesmo tempo.

Châteaugrand e De Boissy retiraram-se da sala durante alguns minutos. Quando voltaram haviam decidido falar com Château-Renaud.

– Dentro de duas horas podemos nos encontrar aqui mesmo ou onde os senhores quiserem – disse Châteaugrand. – Então já teremos uma resposta.

– Muito bem – disse eu. – Voltaremos a esta casa dentro de duas horas. Concorda, Giordano?

– Sim, claro.

– Ah! Outra coisa – lembrou Châteaugrand. – Caso meu amigo não concorde com a suspensão do duelo, que arma preferiria o Sr. Luís de Franchi?

A pergunta me fez estremecer, mas tinha de ser respondida. Giordano deve ter notado minha consternação e tomou a palavra:

– Luís de Franchi cede a escolha da arma ao Sr. de Château-Renaud – disse o jovem corso altivamente.

Depois de um momento nos levantamos, estendendo a mão para os dois homens.

— Creio que é só, senhores — falei. — Até já.

— Faremos o que for possível, meu caro — disse Châteaugrand com um sorriso. — Tudo dependerá de Château-Renaud.

— Sim, sim — concluí, enquanto nos encaminhávamos para a saída. — Nossa responsabilidade cessa na tentativa: a partir daí já não está em nossas mãos.

Na rua, agradecemos aos padrinhos de Château-Renaud e partimos, Giordano e eu, à procura de um café. Tinha a garganta Seca, mas minha consciência aliviada recebeu agradavelmente o sol da tarde: eu tentara tudo.

CAPÍTULO 20

LUCIANO VINGARÁ

Sentamo-nos ante um refrescante copo de vinho branco, enquanto víamos desfilar a apressada e colorida população parisiense.

– Não quero desanimá-lo – disse-me Giordano repentinamente –, mas penso que Château-Renaud não aceitará desistir do duelo.

Pousei o copo em que bebia na mesa.

– Talvez – respondi. – Para ele, o combate não implica risco algum.

– Mas tranqüilize-se ao menos quanto a uma coisa – acrescentou Giordano –: se Luís morrer, sua morte será vingada sem demora.

– Como?

Giordano ficou um momento em silêncio.

– Adivinhe – disse ele finalmente.

– Luciano?

Giordano assentiu.

– Crê então que Luciano deixaria a Córsega e viria em busca de Château-Renaud aqui em Paris?

– Tenho certeza, se bem o conheço. Ainda que Château-Renaud estivesse no inferno Luciano o perseguiria. Lembro-me de um episódio curioso: certa vez, quando Luciano, Luís e eu éramos ainda crianças, estive em Sullacaro um grupo de meninos que eram primos uns dos outros. Insolentes e arruaceiros, esses meninos viviam procurando motivos de briga. Um dia Luís lia debaixo de uma árvore da praça quando chegaram os garotos. Estes, mais que depressa, puseram-se a implicar com Luís, que, calmo, não lhes dava importância. Entretanto, quando dirigiram uma ofensa a Luciano (que nesse momento estava ausente), Luís atirou-se subitamente contra o que estava mais perto, esmurrando-o com todas as forças.

"É claro – prosseguiu o jovem corso – que Luís levou a pior; os outros primos o agarraram e o deixaram roxo, com o nariz sangrando. Pensa que Luís disse algo a Luciano sobre a briga? Coisa nenhuma! Afirmou que havia caído de uma escada, mas Luciano, evidentemente, não acreditou. Eu, que soubera da briga por intermédio de uma tia que

afugentara os meninos quando estes batiam em Luís, contei a verdade a Luciano, que imediatamente mostrou-se disposto a partir e dar uma lição nos atrevidos em sua própria terra.

"Ofereci-me para ajudá-lo nesta vingança, mas Luciano recusou — acrescentou Giordano. — Terei que resolver isso sozinho! — declarou, com fúria nos olhos. — Por mais que eu tentasse convencê-lo da temeridade de tal atitude, não o consegui. Pois bem: Luciano ficou ausente durante três dias. A família, preocupadíssima, não sabia mais onde procurá-lo e já temia o pior quando o meu amigo aparece com manchas de sangue na roupa e equimoses pelo corpo.

"Então, meu velho?" — perguntei, penalizado ante o seu aspecto.

— Acertei um por um — respondeu com um sorriso no rosto inchado. — Acho que aprenderam a lição.

— Eis como são os dois De Franchi — concluiu Giordano com orgulho. — Corsos até debaixo d'água. Se Luciano fosse morto num duelo, provavelmente Luís teria a mesma atitude, apesar de sua ignorância das armas. São tremendamente leais um ao outro.

– Sim. De qualquer modo, esperemos que não seja necessária a intervenção de Luciano. Diga-me, Giordano, você conhece bem Emília?

– Freqüente sua casa há um par de anos.

– Saberá ela que Luís vai se bater contra Château-Renaud?

Giordano hesitou.

– Bem – murmurou ele –, Emília pediu-me que nada dissesse a Luís, mas eu o direi a você: ela esteve hoje em minha casa, muito nervosa e extremamente preocupada com a sorte de Luís, pois sabe da disparidade de forças entre os dois adversários.

Permanecemos pensativos durante um longo momento. De repente lembrei-me da hora e consultei o relógio.

– Céus, Giordano! Temos exatamente o tempo de pagar a conta e voar!

Precipitamo-nos para o coche de meu companheiro e, poucos minutos depois, estávamos novamente na rua de La Paix.

CAPÍTULO 21

DUELO A PISTOLA

Châteaugrand e De Boissy nos esperavam na biblioteca, levantando-se o dono da casa quando entramos.

A fisionomia dos dois homens estava séria, sendo que a de Châteaugrand mostrava um vinco de preocupação na fronte que me fez esperar o pior.

– Tomam um licor, senhores? – perguntou ele.
– Ou talvez um copo de vinho?

Recusamos o oferecimento, desejando saber o mais rápido possível a resposta de Château-Renaud.

– Muito bem – começou afinal Châteaugrand.
– Infelizmente, meus amigos, Château-Renaud negou-se a suspender o duelo.

Pronto, ali estava o que eu temia! Senti um baque no coração.

– Tratei de expor-lhe todas as razões que já havíamos comentado aqui nesta casa, mas Château-

Renaud mostrou-se inflexível.

"Ora meu caro — disse ele —, fui ofendido publicamente por Luís de Franchi. Seria uma grande covardia de minha parte esquivar-me a esse ajuste de contas."

— De nada adiantou minha sugestão de que Luís não tivera intenção de ofendê-lo:

"Ouça, Châteaugrand — respondeu ele com irritação —, minha decisão é inarredável. Por favor, não interfira em assuntos que dizem respeito à minha honra. Contudo, se não quiser servir-me de padrinho é só dizer: tratarei de escolher outro!"

Meus maxilares doíam, tanto eu os cerrava com força ante a má-fé de Château-Renaud.

— Espero que não tenham deixado dúvidas em seu amigo quanto à bravura de Luís de Franchi e sua ignorância de nossa tentativa — disse eu, procurando controlar o ódio e a frustração que ferviam dentro de mim.

— Isso foi a primeira coisa que esclareci, fique descansado — respondeu Châteaugrand. — Além do mais, Luís de Franchi é conhecido em Paris como um homem honrado e de atitudes corajosas.

Ficamos os quatro em silêncio durante um momento, depois levantei-me, acompanhado por

Giordano.

— Bem — disse eu —, creio que só nos resta agradecer-lhes.

— Fizemos tudo que nos foi possível — murmurou Châteaugrand. — Infelizmente Château-Renaud é muito cioso em suas questões de honra.

Fuzilei-o com um olhar que não deixava dúvidas quanto ao que eu pensava de suas palavras.

— Antes que partam — interveio De Boissy, até então calado —, precisamos resolver a questão da arma a ser escolhida. Como para Château-Renaud também é indiferente o uso do florete ou da pistola, sugiro que tiremos a sorte.

De Boissy extraiu do bolso uma moeda.

— Cara para espada, coroa para pistola — disse ele, jogando a moeda para o ar.

A moeda rodopiou e imobilizou-se do lado da coroa.

— O duelo será a pistola — salientou De Boissy, olhando para Giordano e para mim.

Talvez fosse uma impressão de minha parte, mas notei certa excitação nos olhos de Adriano de Boissy, como se a perspectiva do duelo o alegrasse.

Aquilo me encheu de uma tal fúria fria, que estive mesmo ao ponto de provocá-lo para um

duelo, embora, como Luís, eu deteste violência.

A voz de Châteaugrand interrompeu meus pensamentos:

– Que acham os senhores de marcarmos o duelo para amanhã, às nove horas, no bosque de Vincennes?

Giordano e eu nos entreolhamos. Ele balançou a cabeça afirmativamente.

– Está bem, então – concordei eu.

– Os adversários ficarão colocados a vinte passos de distância – acrescentou Châteaugrand.

– Um dos padrinhos dará três sinais com as mãos e, ao terceiro, os adversários atirarão.

– Está combinado – estendi a mão a um e a outro padrinho. – Até amanhã.

Giordano despediu-se também e nos dirigimos à porta, acompanhados por Châteaugrand.

Grande depressão tomou conta de mim quando deixei aquela casa. Olhei para Giordano, que tinha a fisionomia também bastante sombria.

– Estarei em casa de Luís às oito da noite – murmurei, sem conseguir dizer mais nada.

– Nós nos encontraremos lá, então – respondeu Giordano. Sua tristeza era agora visível.

CAPÍTULO 22

A APARIÇÃO DO PAI

Às oito da noite apresentei-me em casa de Luís de Franchi. Recebeu-me com a alegria costumeira, sem tocar nem por um momento no duelo.

Disse-lhe então que combináramos este para a manhã seguinte, às nove horas.

– Quer fazer-me alguma recomendação, Luís?
– perguntei. – Encarregar-me de algo?

– Não, meu amigo. Esperemos até amanhã. A noite é boa conselheira – respondeu Luís, num tom que me pareceu um pouco estranho.

Giordano chegou no momento seguinte e, após conversarmos sobre os assuntos mais variados, deixei-os sozinhos e voltei para o meu apartamento. Uma coisa não me saía da cabeça: que teria querido dizer Luís com aquele "a noite é boa conselheira"?

Na manhã seguinte – dia do duelo – cheguei à casa de meu amigo às sete e meia. O sol principiava

a dissipar o nevoeiro da madrugada e o céu já se mostrava azul.

— O Sr. de Franchi está na biblioteca, escrevendo — disse-me o criado.

Caminhei rapidamente naquela direção e bati à porta fechada com uma grande apreensão dentro do peito.

— Entre — ouvi a voz de Luís.

Girei a maçaneta e entrei na sala. Espantei-me de imediato com a extrema palidez de meu amigo.

— Peço-lhe desculpas, Alexandre — disse ele —, mas estou acabando de escrever a minha mãe. Sente-se, leia os jornais; a *Imprensa*, por exemplo, traz um ótimo folhetim de Méry.

Sentei-me, observando perplexo o contraste entre a palidez quase lívida de Luís e sua voz doce, grave e calma.

Peguei o jornal e procurei a página indicada, mas meus olhos deslizavam pelas letras sem conseguir apreender o que diziam.

Ao fim de cinco minutos Luís levantou a cabeça.

— Pronto, acabei — disse ele.

Tocou a campainha para chamar o criado e arrumou alguns papéis na mesa.

— Escute, José — recomendou, quando o criado

entrou na sala — eu não estou para ninguém. Nem mesmo para Giordano. Se ele chegar, faça-o esperar na sala da frente. Não quero ser interrompido por quem quer que seja pelo menos durante dez minutos, entendido?

— Sim, senhor.

— Pode ir.

O criado saiu, fechando cuidadosamente a porta. Luís virou-se para mim com um sorriso.

— Giordano é corso e portanto tem idéias corsas. Em outras palavras, é um cabeça-dura, como todos os que nasceram na ilha. Não posso contar com ele para fazer o que pretendo. Ele me prometeria segredo e nada mais. Para um amigo parisiense, entretanto, posso pedir esse favor. O senhor terá de me prometer que vai seguir rigorosamente as minhas instruções. . .

— Tudo o que quiser, Luís. O dever de um padrinho não é fazer tudo para auxiliar o seu afilhado?.

— Sim — murmurou o rapaz. — Principalmente quando se trata de poupar uma segunda desgraça à nossa família.

— Uma segunda — repeti, sem compreender o que significava.

Ele ficou um momento em silêncio. Depois foi à escrivaninha e dali trouxe a carta que escrevia quando cheguei.

— Veja — mostrou-me ele. — Eis o que mando dizer à minha mãe.

Tomei a carta de suas mãos e a li rapidamente, com um espanto cada vez maior. Dizia o seguinte:

"Minha boa mãe:

Se eu não a soubesse ao mesmo tempo forte como uma espartana e resignada como uma cristã, não saberia como lhe dar a notícia terrível: quando receber esta carta terá apenas um filho.

Há dois dias atrás fui atingido por uma febre cerebral. Dei pouca atenção aos sintomas e continuei normalmente as minhas atividades; entretanto, como meu mal-estar se agravasse cada vez mais, vi-me obrigado a chamar o médico: infelizmente era tarde demais.

Minha querida mãe, não há esperança para mim. A não ser que haja um milagre, minhas horas na terra estão contadas.

Aproveito um momento de lucidez para lhe escrever. Esta carta será colocada no correio logo após a minha morte. Lamento como nada no mundo não ter podido despedir-me dos dois seres que me são mais caros, minha

mãe e meu irmão.

A partir de agora, o meu querido Luciano será o único a velar pela senhora, e sei que o fará por nós ambos.

Minha saudade é grande, mas consola-me lembrar a ternura que recebi desses dois entes tão queridos. Não chorem. Onde quer que eu esteja, continuarei a amá-los do mesmo modo como eu o fazia em vida.

Adeus, minha mãe. Adeus, Luciano. Lembra-te de que nossa mãe agora só tem a ti.

*Com todo o amor,
Luís".*

Olhei perplexo para meu amigo.

— O que significa isto, Luís?

— Não compreendeu, então? — perguntou-me ele.

— Não.

— Creio que não vai acreditar no que vou dizer: sei que serei morto às nove horas e dez minutos de hoje.

— Como? — disse eu, levantando-me da poltrona.

— Exatamente o que ouviu; serei morto por Château-Renaud às nove e dez desta manhã.

— Você está louco, Luís. Por que atormentar-se

com essa idéia? — falei, nervoso.

— Não estou louco nem me sinto atormentado, meu amigo. Apenas lhe digo a verdade. Fui prevenido...

— Prevenido!. . . Por quem?

— Luciano não lhe contou que os homens de nossa família possuem um estranho privilégio?

— Sim — respondi, estremecendo sem querer.

— Ele me falou de aparições.

— Justamente — murmurou Luís. — Pois meu pai apareceu-me esta noite e é por isso que você me vê tão pálido; a presença dos mortos empalidece os vivos.

Olhei-o com espanto misturado a um vago terror. Teria a proximidade da morte afetado Luís?

— Você quer dizer que viu seu pai esta noite? — perguntei.

— Sim.

— E ele lhe disse alguma coisa?

— Anunciou minha morte — respondeu tranqüilamente meu amigo.

— Deve ter sido um pesadelo e. . .

— Não, Alexandre, foi absolutamente real.

— Tem certeza mesmo de que estava acordado?

— Tenho. Não acredita que tal coisa possa

acontecer, não é? Acha impossível que meu pai tenha vindo me visitar?

Fiquei calado, pensando. A verdade é que eu acreditava totalmente naquela possibilidade; eu mesmo passara por uma experiência semelhante quando criança, fato que já havia contado a Luciano.

– E como se deu a visita? – perguntei.

– Ah! Da maneira mais simples e natural. Eu estava lendo aqui nesta mesma cadeira, sabendo que, se corresse algum perigo, meu pai acabaria por aparecer. É claro, Alexandre, que eu esperava – no fundo todos somos otimistas – ser poupado dessa visita devido ao seu terrível significado.

O rapaz suspirou.

– Por volta da meia-noite – prosseguiu ele – notei que a luz bruxuleava. Minha tensão era grande, o que me fazia continuar a leitura com grande dificuldade. Contudo, não sentia nenhuma espécie de medo, acredite ou não. Talvez pelo fatalismo com que sempre me habituei a encarar todas as coisas desta vida. Segundos depois a luz tornou a diminuir, quase se apagando então; no momento seguinte, a porta se abriu lentamente e meu pai apareceu.

— E como se mostrava ele? Qual era a sua aparência?

— Idêntica à de quando estava vivo — respondeu Luís. — Usava a mesma roupa que costumava vestir. A única diferença é que estava mais pálido e seus olhos não tinham brilho.

— Meu Deus. . .

— Ficou por um instante parado à porta e depois se aproximou vagarosamente de mim, detendo-se bem diante desta cadeira.

"Seja bem-vindo, meu pai — disse-lhe eu em voz baixa."

— Ele se aproximou bastante — continuou Luís —, olhou-me fixamente e tive a impressão de que esse olhar mortício se animava com a força do amor que sentia por mim.

— Continue, Luís! Que coisa incrível!

— Seus lábios moveram-se — disse meu amigo, com os olhos fixados nos meus —, mas não produziram nenhum som. Entretanto sentia suas palavras nitidamente ressoando dentro de mim, claras e vibrantes como um eco.

— E que disse ele? — perguntei.

— Disse-me: "Pensa em Deus, meu filho!"

"Morrerei neste duelo?" — perguntei.

— Vi duas lágrimas escorrerem daqueles olhos sem brilho para o rosto muito pálido.

"A que horas?" — insisti eu.

— Meu pai levantou lentamente a mão e apontou para o relógio. Acompanhei seu gesto com o olhar: o relógio marcava exatamente nove horas e dez minutos. Nesse instante, Alexandre, um calafrio me percorreu: é uma sensação estranha saber-se a hora da própria morte.

"Está bem, meu pai" — respondi-lhe então. "Seja feita a vontade de Deus. Sé deixo minha mãe, por outro lado me reúno ao senhor."

— Ele teve um sorriso muito triste — continuou Luís — e fazendo um gesto de despedida afastou-se. A porta abriu-se por si mesma diante dele, tornando a fechar-se logo após sua saída. Durante longo tempo eu permaneci imóvel, tentando pôr uma certa ordem na minha pobre cabeça convulsionada.

Permanecemos em silêncio durante algum tempo.

Eu, na verdade, não sabia o que dizer. Luís contara a história tão naturalmente e de um modo tão simples que das duas uma: ou tudo aquilo acontecera realmente, ou ele fora vítima de uma terrível ilusão devida à angústia provocada pela

proximidade do duelo.

Tirei o lenço do bolso e enxuguei a testa.

– Você conhece Luciano, não é? – perguntou Luís de repente.

– Sim – respondi, sem saber aonde o rapaz queria chegar.

– Pois bem. O que pensa que fará quando souber que fui morto num duelo?

– Giordano acha que Luciano virá imediatamente de Sullacaro para bater-se com aquele que o matou – respondi. – E acho que Giordano tem razão.

– Exatamente. E se ele por acaso for morto, minha mãe terá perdido dois filhos em vez de um. Ficaré inteiramente só naquela grande casa. . .

– Compreendo, meu amigo. . . – murmurei, profundamente desolado.

Luís parou, quase dominado pela emoção. Mas respirou fundo e continuou:

– É precisamente isso, caro Alexandre, que desejo evitar. Por isso escrevi esta carta. Se Luciano acreditar que morri de uma febre cerebral, ele não poderá culpar ninguém de minha morte e, desse modo, não correrá nenhum risco. Quanto à minha mãe, se resignará muito mais facilmente se me

souber atingido pela vontade de Deus do que fulminado pela mão de um homem. A não ser que. .

— A não ser o que, Luís?

— Oh, nada. Espero que isso não aconteça. . .

Percebi que ele não desejava falar sobre esse novo temor e não insisti.

Nesse exato momento bateram na porta.

— Entre! — exclamou Luís.

— Meu caro — disse Giordano abrindo a porta —, respeitei tua vontade até quando foi possível, mas já são oito horas. Se quisermos estar em Vincennes às nove horas temos de partir. Temos légua e meia a fazer. Desculpa-me a interrupção.

— Não peça desculpas, meu amigo. Agradeço-te por me lembrares a hora. Já disse a Alexandre o que tinha a dizer.

Luís lançou-me um olhar de cumplicidade e depois voltou-se para o barão.

— Quanto a ti, Giordano, peço que me faças um favor — falou, pegando uma carta em cima de sua escrivaninha. — Se me suceder algum mal, lê esta carta e cumpre as indicações que ela contém. Sei que o farás, ainda que possas não concordar com minhas indicações.

— Fica tranqüilo — respondeu Giordano, cujo rosto se mostrava grave.

— Trouxe as armas? — perguntou Luís.

— Sim — respondeu ele. — Mas ao sair notei que um dos gatilhos funcionava mal. De passagem levaremos uma caixa de pistolas da casa Devisme.

Ficamos os três de pé por um longo minuto, sem saber exatamente o que dizer.

Luís sorriu corajosamente para nós.

— Bem — disse ele —, acho que é melhor irmos andando. Tua carruagem está aí embaixo, Giordano, ou mando José buscar uma?

— Não, não. A minha está em frente à porta — respondeu o barão. — Direi ao cocheiro que se apresse, pois já estamos um pouco atrasados.

— Então vamos — disse Luís, dando um último olhar pela casa. Tinha um olhar profundamente triste, mas seu controle era admirável.

Descemos. José nos esperava à porta com uma grande ansiedade no rosto, embora Luís nada lhe houvesse dito. Teria pressentido algo?

— Devo ir com o senhor? — perguntou ele.

— Não, José — respondeu Luís —, é inútil, não preciso de ti.

Em seguida deixou que nos adiantássemos um

pouco, ficou para trás e pôs na mão de José um pequeno rolo de moedas de ouro.

– Toma, amigo. Se por acaso te tratei com secura nos meus momentos de mau humor, desculpa-me.

– Oh, senhor! – exclamou José com lágrimas nos olhos –, que quer dizer com isso?

Luís levou um dedo aos lábios pedindo silêncio, sorriu e, entrando no carro, instalou-se entre nós.

A carruagem pôs-se em movimento.

– É um bom homem – disse Luís, atirando um último olhar a José pela janela. – Se um de vocês lhe puder ser útil, será mais um grande favor que me farão.

– Despede-o? – perguntou Giordano.

– Não – respondeu Luís sorrindo. – Deixo-o, apenas.

Paramos à porta da casa Devisme rapidamente, para adquirirmos um novo estojo de pistolas, pólvora e balas. Em seguida voamos para o local do duelo.

CAPÍTULO 23

NOVE HORAS E DEZ MINUTOS

As árvores passavam velozmente por nós no caminho que nos conduzia a Vincennes. Graças à rapidez dos cavalos chegamos ao bosque exatamente quando faltavam dez minutos para as nove horas.

Nesse mesmo momento chegava também a carruagem de Château-Renaud, vinda por um caminho diferente.

Saltamos. Eu sentia na boca um gosto de cinza, enquanto certa náusea contraía-me o estômago.

Luís voltou-se para nós:

— Meus amigos: como sabem, nada de apaziguamento.

— Contudo... — comecei eu, numa última tentativa.

— Alexandre, lembre-se de que, após a confiança que lhe fiz, você é a pessoa que menos deveria insistir nisso.

Resolvi aceitar sua inabalável vontade e calei-me.

Giordano e eu deixamos Luís junto à carruagem e fomos ao encontro de Châteaugrand e de Adriano de Boissy. O barão levava na mão o estojo das pistolas.

— Bom dia, senhores — cumprimentamos nós.

De Boissy e Chateaugrand estenderam-nos a mão. Ambos estavam mais uma vez elegantíssimos, embora vestidos com a sobriedade que o momento exigia.

— Senhores — falou Giordano —, nas circunstâncias em que nos encontramos, quanto mais rapidamente efetuarmos as cerimônias necessárias, melhor, pois a qualquer momento poderemos ser perturbados pela polícia.

Fez uma pausa e continuou:

— Aqui estão as armas que nos encarregamos de trazer. Acabaram de ser compradas; queiram examiná-las, por favor. Garantimos sob palavra que o Sr. Luís de Franchi nem sequer as viu.

— Tal garantia é desnecessária, senhor — respondeu o visconde de Châteaugrand. — Sabemos perfeitamente com quem estamos lidando.

Tomou então uma pistola, enquanto De Boissy apanhava a outra. Os dois homens fizeram funcionar o gatilho de cada arma, examinaram os calibres e os canos.

— São pistolas de tiro comum, inteiramente novas — frisou Giordano. — O que os adversários poderão fazer, ou não, será utilizarem-se do duplo gatilho.

— A minha opinião — interveio De Boissy — é que devemos agir segundo o costume, isto é, cada qual fará o que melhor lhe convier.

— Muito bem — concordou Giordano. — Todas as oportunidades iguais serão aceitáveis.

— Queiram então prevenir o Sr. de Franchi enquanto nós falamos ao Sr. de Château-Renaud — disse Châteaugrand.

— Certo — respondeu Giordano. — E como fomos nós que trouxemos as pistolas, cabe aos senhores carregá-las.

— Muito bem — respondeu De Boissy.

Os dois homens pegaram cada qual uma pistola, mediram cuidadosamente a mesma quantidade de pólvora, apanharam ao acaso duas balas e as colocaram nas respectivas armas.

Durante essa operação — à qual eu não quisera

assistir — aproximei-me de Luís. O rapaz sorriu.

— Não se esqueça de nada que lhe pedi — disse ele —, e faça com que Giordano, a quem também peço segredo na carta, não diga absolutamente nada a minha mãe nem a meu irmão. Ah, outra coisa: veja se consegue o maior silêncio possível dos jornais; ou, se falarem do duelo, que pelo menos omitam os nomes dos participantes. Está bem?

Concordei com a cabeça.

— Quer dizer que continua acreditando que morrerá neste duelo? — perguntei.

— Estou mais convencido do que nunca — respondeu. — E, reconheça, vejo aproximar-se a morte como um verdadeiro corso.

— Sua calma é tão grande, Luís, que talvez ela mesma convença o destino de que sua morte seria absurda.

— Não creio que tal coisa seja possível, meu amigo — disse Luís puxando o relógio. — Tenho ainda sete minutos de vida.

Eu o olhava fixamente, tentando compreender a estranheza do momento.

Luís balançou por um instante o relógio no ar, pensativamente. Depois disse:

— Fique com meu relógio, Alexandre. Peço-lhe que o guarde como lembrança. É um excelente Bréguet.

Recebi o relógio e, muito comovido, fiquei alguns segundos sem poder falar coisa alguma.

— Daqui a oito minutos espero poder devolvê-lo — disse eu finalmente.

De súbito, ouvimos o ruído de vozes a distância. Seria a polícia que se aproximava para impedir o duelo? Quem nos teria denunciado?

— Depressa! — exclamou De Boissy — Escondamos as armas e voltemos para as carruagens!

Luís, Giordano e eu corremos para nosso carro, e nos sentamos rapidamente, enquanto Château-Renaud, Châteaugrand e De Boissy faziam o mesmo.

— Acho melhor sairmos daqui por enquanto — falou Giordano, dando ordem ao cocheiro para que pusesse os cavalos em movimento.

O chicote estalou no ar e nos distanciamos do local, acompanhados de perto pela carruagem que conduzia Château-Renaud. Enquanto dávamos uma volta pela alameda margeada de árvores, falei para Giordano e Luís:

— Penso que devemos combinar com Château-Renaud a escolha de outro lugar. Que acham?

— Creio que é melhor — respondeu Luís.

Desci do carro e fiz sinal para o cocheiro de Château-Renaud. Aproximei-me do carro parado e abri a portinhola:

— Senhores — falei —, talvez fosse melhor procurarmos um outro local.

— Sim, sim — respondeu Châteaugrand —, já estávamos pensando nisso. Existe aqui à direita uma clareira muito mais propícia ao presente encontro do que aquele lugar que íamos utilizar. Lá não seremos perturbados. Podemos deixar os carros aqui mesmo.

— De acordo — falei. — Nós os seguiremos.

Voltei ao nosso carro para avisar Luís e Giordano. Pouco depois seguíamos a pé Châteaugrand e seu grupo.

Após uma descida quase imperceptível de uns trinta passos, nos encontramos em meio a uma clareira que fora outrora, sem dúvida, uma espécie de charco, mas que agora se mostrava totalmente seca. A clareira, cercada por todos os lados por um talude, parecia o lugar ideal para abrigar um duelo.

— Sr. Martelli — disse o visconde de

Châteaugrand —, quer medir os passos comigo?

Giordano concordou com a cabeça e, colocando-se de costas junto a Châteaugrand, deu dez passos para a frente, fazendo o visconde outro tanto.

Fiquei ainda alguns segundos com Luís, sem saber o que fazer. Tudo aquilo me parecia um sonho mau, apesar do ar fresco e estimulante da manhã.

— A propósito — disse Luís —, encontrará meu testamento sobre a mesa onde eu estava escrevendo quando você entrou.

— Certo — respondi. — Fique tranqüilo.

— Muito bem, senhores — disse Châteaugrand se aproximando. — Prontos?

— Sim — disse Luís. — Adeus, meu amigo. Obrigado por tudo o que tem feito por mim e pelo que ainda fará.

O rapaz teve um sorriso triste.

Apertei-lhe a mão, que estava fria, mas sem nenhum tremor.

— Vamos, Luís — falei —, esqueça a aparição desta noite e aponte o melhor que for possível.

— Você não sabe que cada bala tem o seu destino, Alexandre? Então? — perguntou-me, fixando os olhos escuros nos meus. — Adeus!

Caminhou em direção a Giordano, que segurava

a pistola a ele destinada. Segurou-a, abriu o gatilho e sem a olhar pela segunda vez foi colocar-se no lugar marcado por um lenço.

Château-Renaud, impecavelmente vestido, já se encontrava no lugar dele.

Houve um momento de profundo silêncio; os dois homens saudaram então os próprios padrinhos, em seguida os do adversário e por fim cumprimentaram-se um ao outro.

Château-Renaud parecia sentir-se totalmente à vontade ao participar do duelo, sorrindo levemente como alguém seguro de sua habilidade. É quase certo que não ignorasse o desconhecimento de Luís de qualquer tipo de arma.

Olhei para o meu amigo. Luís de Franchi mostrava-se calmo e frio. Imóvel, sua bela cabeça dava a impressão de ter sido talhada em mármore.

— Senhores — gritou Château-Renaud, impaciente —, estamos esperando!

Luís atirou-me um último olhar com um sorriso, fixando depois os olhos no céu.

— Preparem-se, então, por favor! — comandou Châteaugrand.

Em seguida, batendo uma das mãos contra a outra, contou:

– Um! . . . Dois! . . . Três! . . .

Os dois tiros estouraram ao mesmo tempo.

Luís de Franchi fez meia-volta sob o impacto da bala e caiu sobre uni joelho.

Château-Renaud, impassível, esperava de pé, com a arma ainda fumegante na mão.

Corri para Luís imediatamente, em pânico ante seu ferimento. Giordano me acompanhou.

– Como se sente? – perguntei, sustentando-o.

Ele tentou me responder sem o conseguir; o esforço fez com que uma espuma sangrenta aparecesse em sua boca. Ao mesmo tempo deixou cair a pistola e levou a mão ao lado direito do peito.

Antes disso eu pudera notar um pequeno orifício em sua sobrecasaca, por onde saía agora uma golfada de sangue. Provavelmente, Luís tivera o pulmão atingido, pensei com horror.

– Giordano – falei –, corra e traga um médico o mais rápido possível!

Luís, entretanto, conseguiu reunir as forças que lhe restavam e segurou Giordano pela manga, balançando a cabeça negativamente. Ao mesmo tempo seu corpo pareceu relaxar-se mais ainda.

Château-Renaud afastou-se imediatamente, dirigindo-se à sua carruagem. De Boissy e

Châteaugrand, contudo, aproximaram-se de nós.

— Podemos fazer algo? — perguntou Châteaugrand, cuja consternação era visível.

Balancei a cabeça para dizer que não, enquanto Giordano e eu desabotoávamos a sobrecasaca do ferido, rasgando seu colete e camisa.

Tive um choque ao ver o corpo de Luís rasgado pela bala; esta entrara por baixo da sexta costela direita e saíra um pouco acima do quadril esquerdo.

A cada expiração do rapaz o sangue jorrava dos dois ferimentos. Evidentemente não havia salvação.

— Sr. de Franchi — disse o visconde de Châteaugrand —, creia que estamos profundamente entristecidos com o desenlace desse caso. Esperamos que não odeie o Sr. de Château-Renaud.

— Não, não. . . — murmurou o ferido — perdôo-lhe; mas ele que se retire, que se retire. . .

Em seguida, virando a cabeça para mim com grande esforço, acrescentou:

— Lembre-se da promessa que me fez.

— Juro que tudo será feito como deseja.

— Agora — disse Luís num sussurro —, consulte o relógio.

Depois disso, seu corpo teve um forte estremecimento e se imobilizou. Luís de Franchi

estava morto.

O relógio marcava precisamente nove horas e dez minutos. Fiquei ainda algum tempo sustentando o corpo de Luís, totalmente arrasado pelo absurdo daquela morte, sem saber o que pensar ou fazer.

Giordano tocou-me o braço e pude ver as lágrimas em seus olhos.

– Vamos, Alexandre – murmurou ele com voz embargada –, temos que levá-lo para casa.

Conduzimos o corpo de Luís para a carruagem, acomodei-o em meu colo e pouco depois estávamos à porta do número 7, rua do Helder.

– Ouça, Alexandre, vou chamar José para que o ajude – disse Giordano. – Preciso fazer a comunicação do falecimento ao comissário de polícia do bairro.

Quando José desceu chorava amargamente.

Retiramos o corpo de Luís da carruagem, subimos as escadas e o colocamos no quarto. Ao passar pela sala, meus olhos caíram sem querer sobre o relógio de parede. Marcava também, estranhamente, nove horas e dez minutos. Decerto tinham-se esquecido de lhe dar corda e ele parara exatamente naquele momento sombrio.

Instantes depois Giordano voltou, acompanhado por um oficial de polícia e seus ajudantes.

O barão queria enviar participações aos amigos e conhecidos de Luís de Franchi, sem contar, é claro, que se preparava para avisar à família do morto o mais rápido possível.

— Por favor, Giordano — pedi —, leia antes a carta que Luís lhe deixou.

Essa carta incluía o pedido de que Giordano nada dissesse a Luciano sobre a verdadeira causa da morte de Luís. Solicitava também que o enterro fosse realizado da maneira mais simples, sem qualquer pompa ou ruído.

Bastou que Giordano a lesse para cumprir todas as vontades de Luís. Encarregou-se de todos os detalhes do enterro, enquanto eu me dirigia às casas de Châteaugrand e De Boissy. Era importantíssimo que os dois padrinhos nos garantissem silêncio a respeito do caso, pois, de outro modo, nosso esforço ficaria reduzido a zero.

Felizmente os dois homens concordaram com o pedido de Luís, assim como aceitaram também minha sugestão de que convidassem Château-Renaud a se ausentar de Paris durante algum tempo — sem lhes dizer, evidentemente, por que motivo

desejava essa partida.

Enquanto se dirigiam à casa de Château-Renaud, fui expedir a carta que anunciava à Sra. de Franchi a morte de seu filho Luís, vitimado por uma febre cerebral.

CAPÍTULO 24

OS MOR TOS ANDAM DEPRESSA

O duelo não teve a repercussão esperada nessa espécie de caso, o que foi uma sorte. Os próprios jornais, geralmente tão estridentes, se calaram.

Apenas alguns amigos íntimos acompanharam o corpo de Luís ao cemitério de Père-Lachaise, e os poucos que tiveram conhecimento da verdade guardaram segredo.

Contudo, apesar da insistência de seus dois padrinhos, Château-Renaud recusou-se terminantemente — não sei por que motivo — a deixar Paris.

Após ter enviado a carta de Luís à sua família, pensei em fazê-la acompanhar por uma outra, escrita por mim, expressando aos De Franchi a tristeza que eu sentia pelo terrível acontecimento.

Entretanto, embora a intenção fosse excelente, senti uma certa repugnância em me ver obrigado a

mentir a Luciano e sua mãe. O próprio Luís provavelmente hesitara em fazê-lo, e só as importantes razões que me contara o tinham afinal decidido.

Assim, resolvi ficar em silêncio, arriscando-me a ser acusado de indiferença e mesmo de ingratidão. Penso que Giordano agiu do mesmo modo.

Cinco dias após o enterro de Luís, estava eu às onze horas da noite trabalhando à minha mesa, perto da lareira, sozinho e bastante deprimido, quando meu criado bateu à porta.

— Entre! — gritei.

Vítor entrou como um pé de vento e bateu a porta com força.

— O que houve? — perguntei espantado, erguendo a cabeça de meus papéis.

Quando meus olhos pousaram sobre ele notei que estava tremendamente pálido.

Vítor pôs-se a gaguejar, sem conseguir articular palavra alguma.

Eu não entendia o mistério e tornei a perguntar o que havia.

— O... o Sr. de Franchi está aqui — conseguiu balbuciar afinal —, e quer falar-lhe.

— Que estás dizendo, Vítor? — perguntei.

— A pura verdade, senhor — insistiu ele, com os olhos arregalados. — Eu mesmo não entendo.

— A que Sr. dê Franchi te referes? — perguntei, um pouco irritado com a tremedeira que via.

— Àquele seu amigo, senhor. . . o que veio aqui uma ou duas vezes.

— Estás louco! Não sabes então que o perdemos há seis dias?

— Sei, senhor! Por isso é que estou tão nervoso. Ele tocou a campainha: quando abri a porta, dei um pulo para trás. Pedi licença, entrou e perguntou se o senhor estava em casa. Fiquei tão atrapalhado que respondi que sim. Ele acrescentou: "Vá dizer-lhe que De Franchi deseja falar-lhe". Não tive outro remédio senão vir.

Esfreguei os olhos num grande cansaço.

— Decididamente não estás bom da cabeça, Vítor! O vestíbulo mal iluminado fez com que tomasses gato por lebre. Ou dormiste mal esta noite e não entendeste direito o que te disseram. Volta e pergunta-lhe outra vez o nome.

— Não é necessário, senhor! Juro-lhe que não me enganei. Vi e ouvi muito bem.

— Nesse caso manda-o entrar.

Vítor olhou-me apavorado; encaminhou-se para

a porta, abriu-a e, conservando-se dentro de meu quarto disse alto:

— Tenha a bondade de entrar.

Eu não sabia o que pensar e esperava, entre curioso e apreensivo, o meu visitante. Imediatamente ouvi passos abafados pelo espesso tapete, passos que atravessaram toda a sala e se aproximaram do meu quarto.

Logo depois De Franchi aparecia realmente à porta do quarto.

Minha primeira impressão, confesso, foi de terror; levantei-me e dei um passo para trás.

— Peço desculpas por incomodá-lo a esta hora — disse ele —, mas acabo de chegar a Paris e não quis esperar até amanhã para falar-lhe.

Subitamente, minha estupidez recuou e fez-se luz no meu cérebro.

— Luciano! — exclamei, correndo para ele e dando-lhe um forte abraço. — É você mesmo! É você mesmo!

Não consegui impedir algumas lágrimas.

— Sim — respondeu ele —, sou eu mesmo.

De repente levei um choque: pelo tempo decorrido, a carta de Luís mal teria chegado a Ajácio, quanto mais a Sullacaro.

— Meu Deus! — exclamei. — Então você não sabe de nada!

— Sei de tudo.

— Como, tudo?

— Tudo o que aconteceu.

Virei-me para Vítor, que nos olhava ainda desconfiadamente:

— Retira-te e volta daqui a quinze minutos com uma bandeja bem servida. Você ceará aqui e dormirá aqui também, não é, Luciano?

— Aceito — respondeu o rapaz. — Não comi nada desde Auxerre. Além disso, como ninguém me conhece, ou melhor, como todos pareciam me reconhecer em casa de meu pobre irmão, não quiseram me deixar entrar. Saí de lá deixando a casa inteira em polvorosa.

— Na verdade, meu querido Luciano, a sua semelhança com Luís é tão grande que eu mesmo, há pouco, pensei estar enlouquecendo.

— Ah! — exclamou Vítor, que não conseguia deixar de olhar pára Luciano com os olhos arregalados. — Este senhor é o irmão. . .

— É, mas vai embora e trata de nos trazer a ceia — falei. Vítor saiu e nós ficamos sozinhos.

Tomei Luciano pelo braço, conduzi-o a uma

poltrona e ofereci-lhe uma bebida, que não aceitou. Sentei-me numa pequena banquetta junto a ele.

— Então, Luciano — comecei, ainda bastante surpreendido de o ver ali —, você já estava viajando quando recebeu a notícia?

— Não, estava em Sullacaro.

— Mas isso é impossível. A carta de seu irmão não poderia ter chegado.

Luciano teve um sorriso amargo.

— O senhor esqueceu a balada de Bürger, meu caro Alexandre; os mortos andam depressa.

Estremeci.

— Que quer dizer com isso, Luciano?

— Esqueceu o que lhe contei a respeito de nossa família? As visitas que os De Franchi recebem quando algo de muito grave está para acontecer?

— Então você viu seu irmão!

— Sim.

— Quando?

— Na noite de 16 para 17.

— Ele lhe contou tudo? — sondei.

— Tudo, tudo.

— Disse-lhe que estava morto?

— Disse-me que havia sido morto; os mortos não podem mentir.

— Também lhe disse como?

— Num duelo.

— Por quem?

— Por um homem que se chama Château-Renaud.

— Mas não é possível! — atalhei. — Você soube disso de qualquer outra maneira!

— Acha que tenho vontade de brincar?

— Perdão, Luciano! Mas o que acontece entre você e seu irmão é tão estranho que fico sem saber o que pensar!

— Você se recusa a acreditar, não é assim? Eu compreendo. Mas vou lhe mostrar uma coisa — disse ele, abrindo a camisa e mostrando-me uma mancha azul visível na pele, exatamente acima da sexta costela direita. — O que acha disto?

Intrigado, examinei cuidadosamente a mancha.

— Foi justamente neste lugar que a bala entrou em seu irmão!

— E saiu por aqui, não foi? — continuou Luciano, pousando o dedo sobre o quadril esquerdo.

— É incrível! — exclamei.

— E agora, quer que lhe diga a hora exata em que ele morreu?

– Diga.

– Às nove horas e dez minutos.

Olhei-o durante um longo momento, completamente perplexo.

– Bem, Luciano, conte-me tudo desde o princípio – disse eu afinal.

CAPÍTULO 25

LUCIANO EM AÇÃO

Luciano acomodou-se na poltrona, recusou o cigarro que eu lhe ofereci e prosseguiu:

— É tudo muito simples. No dia em que meu irmão foi morto, eu havia saído muito cedo a cavalo, para visitar nossos pastores de Carboni. Eu acabara de ver as horas e guardara novamente o relógio no bolso quando recebi uma pancada tão forte do lado direito que perdi os sentidos. Ao reabrir os olhos eu estava estendido no chão, amparado por Orlandi, que me borrifava água no rosto. Meu cavalo se encontrava a poucos passos de distância, resfolegando e relinchando.

"Então — perguntou Orlandi —, o que houve afinal?"

— Eu próprio não sei — respondi. — Você não ouviu um tiro?

"Não."

— Tenho a impressão de que recebi uma bala aqui — disse eu, pondo a mão sobre o local onde sentira a dor.

Orlandi cocou a cabeça.

"Eu não ouvi nenhum tiro de espingarda ou pistola; além disso, não vejo nenhum buraco em sua roupa."

— Então — falei —, é meu irmão que acaba de ser morto!

"Ah — exclamou Orlandi —, isso é outra coisa."

— Resolvi abrir a camisa e verificar se havia algum ferimento: lá estava a mancha, nessa ocasião bem viva e quase sangrando. Por um momento me senti tão abatido e tonto com o choque que experimentara — continuou Luciano —, que quase voltei para casa. Pensei, contudo, em minha mãe: se eu regressasse mais cedo, teria que dar-lhe uma explicação e não saberia o que dizer.

"Por outro lado — prosseguiu o rapaz —, não queria lhe dar a notícia da morte de Luís sem ter absoluta certeza da mesma. Assim, continuei meu caminho e só voltei para casa às dez horas da noite. Minha mãe recebeu-me do mesmo modo de sempre, sem desconfiar de nada. Por um breve minuto falou sobre o meu cansaço visível, atribuído à viagem, e

sugeriu que eu repousasse bastante.

"Imediatamente após a ceia — continuou meu amigo — subi para o quarto. Quando passei pelo corredor que você conhece, o vento subitamente apagou meu castiçal. Ia descer para tornar a acendê-lo quando, através das fendas da porta, vi luz no quarto de Luís. Imaginei logo: na certa Grifo veio fazer algo aqui e esqueceu-se de levar o castiçal.

"Abri a porta do quarto. Um círio ardia junto ao leito de meu irmão, e nesse leito jazia Luís deitado, nu e ferido. Não preciso dizer — suspirou Luciano — que fiquei um bom instante imobilizado de terror; depois, recobrando o sangue-frio, aproximei-me do leito. Toquei o corpo de Luís: já estava frio. Fora atingido por uma bala no mesmo lugar onde eu sentira a dor repentina; algumas gotas ainda escorriam da ferida aberta.

"Meu irmão havia sido morto, não havia dúvida. O desespero me tomou. Ajoelhei-me e, apoiando a cabeça no leito, pus-me a rezar com todas as forças que me restavam. Quando tornei a abrir os olhos, o quarto estava mergulhado na escuridão. O círio apagara-se. Apalpei o leito, mas só encontrei o vazio: o corpo de Luís havia desaparecido."

— Considero-me tão corajoso quanto qualquer outro, Alexandre — disse meu amigo —, mas quando saí do quarto, tateando, um suor frio molhava minha testa. Parei um momento no corredor para recobrar-me e desci para buscar outra vela. Minha mãe, entretanto, deu um grito ao me ver.

"O que tem você, Luciano?" — perguntou, olhando-me assustada. "Por que está tão pálido?"

— Não tenho nada — respondi. — Estou cansado, apenas. Apanhei imediatamente outro castiçal e tornei a subir. Uma grande curiosidade — apesar de meu coração continuar a bater desesperadamente — fez-me entrar de novo no quarto de Luís. Dessa vez estava vazio. O círio desaparecera e a roupa de cama não apresentava o menor indício de haver recebido algum peso.

"No chão estava a minha primeira vela, que tornei a acender. Sentei-me numa cadeira e lembrei-me da pancada que me fizera cair do cavalo e da hora que vira marcada no relógio. Meu irmão fora morto exatamente àquela hora, nove horas e dez minutos da manhã. Exausto e abatido pela dor, fui para meu quarto e deitei-me num estado de nervos deplorável. Levei muito tempo a dormir. Quando o

cansaço me dominou, tive um longo sonho em que Luís me apareceu. Vi a cena do duelo, vi o homem que matou Luís e ouvi a voz de meu irmão pronunciar um nome: Château-Renaud."

— Infelizmente tudo isso é verdade, Luciano. Veio tratar dos negócios de Luís aqui?

— Vim simplesmente matar o homem que matou meu irmão.

— Matar Château-Renaud?

— Fique tranqüilo — disse Luciano. — Não o farei à maneira corsa, atrás de uma árvore ou por cima de um muro, e sim à maneira francesa, com luvas brancas e punhos de renda. Em suma, num duelo.

— Sua mãe sabe que você veio a Paris com essa intenção?

— Sim.

— E deixou-o vir?

— Beijou-me e disse: "Vai!" Para uma verdadeira corsa como minha mãe, eu não poderia ter outra atitude.

— E então você veio.

— Aqui estou.

Olhei pensativamente seu queixo determinado, sua ampla testa.

— Mas, quando estava vivo, seu irmão não queria ser vingado — falei. — Na carta que escreveu e que eu enviei, diz ter morrido de uma febre cerebral.

— Bem — disse Luciano com um sorriso amargo —, provavelmente mudou de opinião depois de morto.

Nesse momento Vítor veio nos avisar que a ceia estava servida, e nos dirigimos para a sala de jantar.

Luciano comeu com grande apetite, como um homem livre de preocupações.

Depois da ceia acompanhei-o até o quarto e desejei-lhe boa noite. Luciano agradeceu-me com um forte aperto de mão. Sua calma era aquela que nas pessoas fortes acompanha uma resolução inabalável.

Na manhã seguinte, logo que Luciano me deu por acordado, entrou em meu quarto.

— Ouça, Alexandre, não quer acompanhar-me a Vincennes? Quero ver o lugar onde tombou meu irmão. Contudo, se tiver algo importante a fazer, não se preocupe. Irei sozinho.

— E quem lhe mostrará o lugar? — perguntei.

— Eu mesmo saberei encontrá-lo. Não lhe disse que o vi em sonho?

Olhei-o estarecido. Até onde iria a misteriosa capacidade dos De Franchi?

– Irei com você, Luciano.

– Nesse caso, vista-se, enquanto escrevo a Giordano. Seu criado poderia levar-lhe o bilhete?

– Claro que sim.

– Obrigado – disse Luciano, saindo do quarto.

Regressou dali a dez minutos com um envelope, que entregou a Vítor.

Depois, descemos e tomamos o cabriolé que eu mandara buscar. A paisagem de Paris se desenrolava velozmente pela janela e pouco depois chegamos ao cruzamento.

Luciano virou-se para mim:

– Estamos perto, não é?

– Sim, a vinte passos daqui alcançaremos o ponto onde entramos no bosque.

Alguns instantes depois ele mandou parar o carro.

– Chegamos – disse Luciano.

Era justamente o lugar onde tínhamos de descer.

Luciano penetrou no bosque sem qualquer hesitação, como se já tivesse estado ali muitas vezes. Caminhou reto em direção ao barranco; quando chegou àquele ponto, orientou-se um instante e

caminhou resolutamente para o lugar exato onde Luís tombara.

— Foi aqui — disse ele olhando para mim.

Em seguida, abaixou-se e tocou com os lábios a relva que ali crescia.

Ergueu-se então com o olhar brilhante e, atravessando toda a clareira até o ponto onde estivera Château-Renaud, acrescentou:

— Era aqui que ele estava — bateu com o pé no chão — e é aqui que você o verá cair amanhã.

— Mas Luciano. . .

— Ou ele é um covarde ou amanhã me dará uma desforra! — atalhou o rapaz. .

— Ouça, meu amigo — procurei explicar —, sabe perfeitamente que o costume sobre os duelos na França não admite outras conseqüências além das naturais conseqüências de um duelo. A desforra não se coloca de maneira nenhuma. Château-Renaud provocou seu irmão, bateu-se com ele, mas nada tem a ver com você.

Luciano olhou-me com os olhos cintilando.

— Ah! Quer dizer então que Château-Renaud tem o direito de provocar meu irmão porque este levou uma senhora amiga dele para casa, a pedido

desta, uma mulher a quem Château-Renaud havia sordidamente enganado, e você concorda com ele? Château-Renaud matou meu irmão sabendo que ele nunca havia tocado numa arma, acertou-o com tanta segurança como se estivesse atirando naquele cabrito que nos olha, e eu não tenho o direito de provocar Château-Renaud? Ora, francamente!

Fiquei em silêncio. Luciano tinha razão.

— De mais a mais, fique, tranqüilo — continuou ele. — Você não terá nenhum trabalho: escrevi a Giordano e ele se encarregará de tudo. Quando chegarmos a Paris o caso estará resolvido.

— Por favor, Luciano, tente compreender. Simplesmente não quero vê-lo morto.

— Então, prometo que não morrerei — disse ele com um leve sorriso. — Acha que Château-Renaud aceitará minha proposta?

— Infelizmente sim — respondi. — Ele tem tão grande reputação de coragem que não duvido nem por um momento que aceitará.

— Nesse caso, tanto melhor — disse Luciano. — Vamos almoçar.

— Cocheiro — ordenei —, vamos à rua de Rivoli.

— Não — disse Luciano. — Sou eu quem o

convida. Não era no Café de Paris que meu irmão costumava fazer as refeições?

– Sim.

– Então, ao Café de Paris! Além disso, marquei encontro com Giordano nesse restaurante.

Meia hora depois o cabriolé parou à porta do lugar.

CAPÍTULO 26

"SEU FILHO FOI VINGADO"

A entrada de Luciano no restaurante causou grande sensação.

O rumor da morte de Luís finalmente espalhar-se e o aparecimento de Luciano deixava todos, clientes e garçons, absolutamente perplexos.

Para nos isolarmos da curiosidade e do barulho em torno, instalamo-nos num reservado.

Luciano pôs-se calmamente a ler os jornais do dia com um sangue-frio que poderia ser tomado por insensibilidade para quem não o conhecesse.

Giordano apareceu no meio do almoço, pedindo desculpas pelo atraso.

Apesar de não se verem há quatro ou cinco anos, a única demonstração de amizade que os dois jovens corsos deram foi um vigoroso aperto de mão.

— Então, como foram as coisas? — perguntou Luciano ansiosamente.

— Está tudo arranjado — respondeu ele.

– Château-Renaud aceita?

– Sim, mas com a condição de que o deixem em paz depois desse duelo.

– Oh! Ele pode ficar sossegado. Eu sou o último dos De Franchi. Você esteve com ele próprio ou com as testemunhas?

– Com ele próprio. Ficou combinado que Château-Renaud avisaria Châteaugrand e De Boissy. Padrinhos, armas e lugar serão os mesmos.

– Ótimo – disse Luciano, tranqüilo. – Agora, sente-se e almoce.

O barão sentou-se e Luciano pôs-se a falar de outros assuntos.

Depois do almoço, pediu-nos, a Giordano e eu, que comparecêsemos com ele ante o comissário de polícia que selara a casa de Luís, para identificá-lo como irmão do morto e proprietário do local. Luciano resolveu ficar na casa, pois desejava passar no quarto de Luís a última noite que antecedia ao duelo.

Essas providências tomaram grande parte do dia e quando terminaram o relógio já marcava seis horas da tarde. Deixamos Luciano sozinho, para que descansasse.

Marcamos encontro para as oito horas da manhã

seguinte no apartamento de Luís. Antes de sairmos, Luciano fez-nos uma estranha pergunta:

– Onde estão as pistolas que Luís usou no duelo?

– Tornei a vendê-las a Devisme – respondeu Giordano. – Não queria ter em casa as armas que mataram um amigo.

– Seria difícil consegui-las novamente?

Giordano olhou-me rapidamente.

– Bem – disse ele –, verei o que posso fazer.

– Obrigado, meu velho – disse Luciano, segurando-lhe o ombro.

Despedimo-nos de Luciano e fomos direto à casa Devisme, onde felizmente concluímos o negócio por seiscentos francos. As pistolas milagrosamente ainda estavam à venda.

No dia seguinte, quando faltavam quinze minutos para as oito horas, estava eu em casa de Luciano.

Ao entrar, imediatamente tive um grande choque: lá estava Luciano à mesma mesa do irmão, também escrevendo, como eu vira Luís de Franchi fazer antes do duelo. Também como ele, seu irmão estava muito pálido, embora calmo.

– Bom dia – disse Luciano, levantando a

cabeça. — Estou escrevendo à minha mãe.

— Espero que lhe esteja enviando notícias melhores do que as enviadas por Luís.

— Sabe o que lhe digo? Que enfim pode ficar tranqüila, pois seu filho foi vingado.

— Como pode falar com esta certeza?

Luciano olhou-me gravemente.

— Meu irmão não lhe comunicou sua morte antecipadamente? Pois eu lhe anuncio também antecipadamente a de Château-Renaud.

Levantou-se e veio colocar-me um dedo na têmpora.

— Vou meter-lhe uma bala aqui.

— Nada acontecerá com você, não é?

— Nada. Eu não serei atingido.

— Mas não seria melhor esperar até o fim do duelo para remeter a carta?

— Não, não creio.

Em seguida tocou a campainha. Quando o criado apareceu, entregou-lhe a carta.

— José, leva isto ao correio.

— Tornou a ver Luís? — perguntei.

— Sim.

Que misteriosa força era aquela que fazia um dos adversários saber, nesses dois duelos, que um

deles estava antecipadamente condenado?

O criado veio anunciar que Giordano chegara. Como já eram oito horas, nos apressamos a partir.

Luciano estava com tanta pressa de chegar e incentivou tanto a correria do cocheiro que chegamos a Vincennes dez minutos antes da hora.

Nossos adversários chegaram às nove horas em ponto, todos a cavalo. Desceram a uns vinte passos de nós, entregando as rédeas aos criados que os acompanhavam.

Château-Renaud não se aproximou. Entretanto, dirigiu um rápido olhar a Luciano, empalidecendo. Toda a segurança que exibira antes e durante o duelo com Luís desaparecera. Seu nervoso era mais do que evidente.

Virou-nos as costas e pôs-se a cortar, com o chicote que trazia na mão, as pequenas flores que nasciam entre a relva.

— Aqui estamos de novo, senhores — disse Châteaugrand quando chegou até nós, acompanhado de De Boissy. — Mas conhecem as condições: este será o último duelo de Château-Renaud contra parentes ou amigos de Luís ou Luciano de Franchi. Ele não pretende, de forma nenhuma, aceitar um outro.

— Está combinado — disse Giordano, enquanto concordava com a cabeça.

— Trouxeram as armas? — perguntou Châteaugrand.

— Aqui estão — disse Giordano. — São as mesmas do duelo anterior.

— O Sr. Luciano de Franchi então as conhece?

— Tanto quanto o Sr. de Château-Renaud, que também se serviu delas uma vez.

— Muito bem, cavalheiros. Vamos, Château-Renaud.

Penetramos imediatamente no bosque sem pronunciarmos mais qualquer palavra. Parecia-me estar vivendo um sonho, caminhando novamente em direção ao local onde vira Luís tombar morto e agora para assistir o seu irmão. Eu tinha a garganta cerrada e lutava contra a minha própria emoção.

Chegamos finalmente à clareira.

Château-Renaud tentava controlar-se, mas eu sentia a diferença entre sua atitude de agora e a certeza com que caminhara para o combate anterior. De vez em quando lançava um olhar a Luciano, e sua fisionomia exprimia uma grande preocupação.

Talvez a semelhança entre os dois irmãos o impressionasse, fazendo com que temesse Luciano

como uma espécie de sombra vingadora de Luís.

Luciano, ao contrário de Château-Renaud, era a imagem do homem seguro de sua vingança.

Antes que lhe indicassem o lugar foi colocar-se exatamente no que seu irmão ocupara, dias atrás. Isto forçou Château-Renaud a parar também no mesmo lugar de antes.

Luciano recebeu sua arma com um leve sorriso de alegria. Château-Renaud, entretanto, segurou rigidamente a pistola que lhe ofereciam e tornou-se lívido. Em seguida, passou a mão entre a gravata e o pescoço, como se estivesse sufocando.

Eu olhava com curiosidade a cena em que um De Franchi batia-se contra Château-Renaud: agora, no entanto, tudo estava mudado. Era Château-Renaud quem parecia encurralado.

Ali estava aquele homem – jovem, rico, elegante, que na manhã anterior parecia ter longos anos de vida à sua frente; agora, contudo, com a fronte banhada de suor e a angústia no coração, sentia-se condenado.

– Estão preparados, senhores? – perguntou Châteaugrand.

– Perfeitamente – respondeu Luciano.

Château-Renaud assentiu com a cabeça.

Eu, temendo o pior, não quis assistir ao desenlace do duelo. Virei-me de costas. No momento seguinte, ouvi o sinal e dois disparos sucessivos.

Quando me voltei, Château-Renaud estava estendido no chão, imóvel. Aproximei-me dele: uma bala penetrara-lhe na têmpora, exatamente no lugar indicado por Luciano.

Este, com a pistola abaixada, permanecia silencioso e imobilizado. Ao ver-me chegar junto dele, entretanto, deixou cair a arma e rompeu em soluços.

— Meu irmão! Meu pobre irmão! — dizia entre lágrimas.

Talvez as primeiras derramadas por aquele bravo filho da Córsega.